

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção

Álvaro José Lelé

**PERCEPÇÃO DA REALIDADE E DA NORMA: UM ESTUDO DAS
RESPOSTAS POPULARES AO PSICODIAGNÓSTICO DE
RORSCHACH, DADAS POR CANDIDATOS À OBTENÇÃO DA
CARTEIRA NACIONAL DE HABILITAÇÃO,
NO ESTADO DE MINAS GERAIS**

Dissertação de Mestrado

Florianópolis
2002

Ficha Catalográfica

LELÉ, Álvaro José

Percepção da realidade e da norma: um estudo das respostas populares ao Psicodiagnóstico de Rorschach, dadas por candidatos à obtenção da Carteira Nacional de Habilitação, no Estado de Minas Gerais. Florianópolis, UFSC, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2002.

110 p.

Dissertação: Mestrado em Engenharia de Produção (Área: Mídia e Conhecimento)

Orientador: Francisco Antônio Pereira Fialho

1. Rorschach 2. Percepção 3. Projeção 4. Socialização

I. Universidade Federal de Santa Catarina

II. Título

Álvaro José Lelé

**PERCEPÇÃO DA REALIDADE E DA NORMA: UM ESTUDO DAS
RESPOSTAS POPULARES AO PSICODIAGNÓSTICO DE
RORSCHACH, DADAS POR CANDIDATOS À OBTENÇÃO DA
CARTEIRA NACIONAL DE HABILITAÇÃO,
NO ESTADO DE MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção da
Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito parcial para obtenção
do grau de Mestre em Engenharia de Produção

Orientador: Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.

Florianópolis
2002

Álvaro José Lelé


**PERCEPÇÃO DA REALIDADE E DA NORMA: UM ESTUDO DAS
RESPOSTAS POPULARES AO PSICODIAGNÓSTICO DE
RORSCHACH, DADAS POR CANDIDATOS À OBTENÇÃO DA
CARTEIRA NACIONAL DE HABILITAÇÃO,
NO ESTADO DE MINAS GERAIS**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a
obtenção do grau de **Mestre em Engenharia de
Produção** no **Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção** da
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 16 de julho de 2002

Prof. Ricardo Miranda Barcia, Ph.D.
Coordenador do Programa

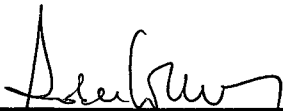
BANCA EXAMINADORA



Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientador



Prof. Kléber Prado Filho, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Roberto Moraes Cruz, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

A verdade é
a subjetividade coletivizada.

A meus pais,
Augusto (*in memoriam*) e Elza,
pela estruturação de meu funcionamento psíquico.
Aos meus irmãos Maria Valéria, Rosa Angélica, Regina Célia e Carlos Eduardo.

Agradecimentos

Ao Centro Universitário Newton Paiva pelo auxílio/pesquisa.

Ao prof. Dr. Francisco Antônio Pereira Fialho, pela mestria de suas orientações e confiança em mim depositada.

Aos professores Dr. André Jacquemin e Dra. Alzira Schueller Barboza Pereira da Silva, pelo incentivo à pesquisa e orientação dada no início desse estudo.

Aos professores Sonia Flores e Ruy Flores (*in memoriam*) por ter-me disponibilizado, suas valiosas e raras obras do Psicodiagnóstico de Rorschach.

A prof.a Ana Rosa Aguiar, pela leitura e ricas contribuições.

Ao prof. Dr. Danilo Rodrigues Silva, pela orientação dos critérios de organização dos resultados.

Prof. Dr. Cícero Emídio Vaz, pelas valiosas discussões.

À Prof.a. Dra. Sonia Regina Pasian, pela contribuição que me trouxe sua tese de doutorado.

Às professoras Wilma Maria Guimarães Lopes, Mary Stela Chueiri e Amine Abud Agostini, pelo acompanhamento.

Ao prof. Dr. Sérgio Dias Cirino, pela valiosa orientação, pois sem ela este estudo não teria terminado.

À Maria Valéria Lelé Frizzone, engenheira, pela valiosa colaboração na análise dos dados.

Ao Rogério Lima Ribeiro de Oliveira e Leonardo Augusto Couto Finelli, pela disponibilidade, vontade e paciência em tabular os dados

À Prof.a. Maria Augusta de Almeida, pela revisão.

Especial agradecimento à dedicação dos psicólogos-alunos da primeira e segunda turmas do Curso de Pós-Graduação - Aperfeiçoamento em Avaliação Psicológica e Perito examinador do Trânsito, realizado no Centro Universitário Newton Paiva, de fevereiro a julho de 1999, pela coleta dos dados.

A todos que de algum modo contribuíram para a evolução deste estudo.

**“O que foi, será,
o que se fez, se tornará a fazer:
nada há de novo debaixo do sol!”**

(Eclesiastes 1, 9)

O QUE NÓS vemos das cousas são as cousas.
Por que veríamos nós uma cousa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver.
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!)
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma seqüestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

Fernando Pessoa

Resumo

LELÉ, Álvaro José. **Percepção da realidade e da norma:** um estudo das respostas populares ao Psicodiagnóstico de Rorschach, dadas por candidatos à obtenção da Carteira Nacional de Habilitação, no Estado de Minas Gerais (Brasil). 2002. 110 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

Hermann Rorschach criou em 1920, o *Psychodiagnostik*, uma prova de percepção, constituída por cartões com manchas de tinta, que são apresentados ao sujeito para que ele responda "o que é que isto poderia ser?", possibilitando compreender o modo de seu funcionamento psíquico. O Psicodiagnóstico de Rorschach é um instrumento mundialmente conhecido, utilizado com frequência no Brasil e é objeto de várias investigações e publicações que enriquecem continuamente a sua interpretação e alargam o seu campo de aplicação. As respostas dadas nessa prova são analisadas de acordo com suas características específicas e pluridimensionalidade. A diversidade de critérios utilizados para classificar as respostas-Rorschach é um problema para área e está necessitando de maior reflexão, principalmente no que diz respeito aos modos comuns de percepção. A resposta popular é uma resposta freqüente, comum, fornecida em uma determinada população, evidenciando um fator de grande importância, o que determina a adaptação dos sujeitos em seu meio ambiente, social e cultural. Neste contexto, analisar as respostas populares em protocolos de Psicodiagnóstico de Rorschach dos candidatos à obtenção da Carteira Nacional de Habilitação, no Estado de Minas Gerais, permite a delimitação de uma lista de respostas populares desses sujeitos. Participaram 100 sujeitos de ambos os sexos, voluntários, candidatos à obtenção da Carteira Nacional de Habilitação, do Estado de Minas Gerais, de proporções diferenciadas em função da idade (de 18 a 36 anos), variados níveis de instrução e selecionados de forma a não apresentarem antecedentes críticos de ordem psiquiátrica ou psicológica e serem todos naturais do Estado de Minas Gerais. O Psicodiagnóstico de Rorschach foi aplicado e analisado de acordo com o sistema da escola francesa. O perfil global, de desempenho dos sujeitos, nesta prova projetiva, quanto à produtividade, evidenciou características quantitativas (R médio = 20,48 respostas, desvio-padrão = 8,24 e mediana de 18 respostas), que se situam na média dos perfis classicamente utilizados como referência, até o momento, das amostras brasileiras estudadas. A comparação dos resultados deste estudo com alguns estudos desenvolvidos no Brasil, indicou não haver diferenças estatísticas significativas em relação à produtividade nos diferentes cartões. A introdução das noções de respostas populares específicas (P_e) e reagrupadas (P_r) foi fundamental para uma melhor classificação, delimitação, demonstração e, por conseqüência, clareza na listagem das respostas populares (P). A partir do universo de 2.048 respostas foram identificadas 18 respostas populares (P), sendo oito classificadas como respostas P_e e dez como respostas P_r . Estes resultados evidenciam a importância da homogeneização de critérios no estabelecimento de listas de respostas populares no Psicodiagnóstico de Rorschach.

Palavras-chave: Rorschach, Percepção, Projeção, Socialização.

Abstract

LELÉ, Álvaro José. **Perception of reality and norm:** study of the popular responses to Rorschach's Psychodiagnostic provided by applicants to the National Driver's License in the State of Minas Gerais (Brazil). 2002. 110 p. Dissertation (Master's Degree in Production Engineering) - Post-Graduation Program in Production Engineering, UFSC, Florianópolis.

In 1920, Hermann Rorschach created the *Psychodiagnostik*, a perception test consisting of inkblot plates, which are shown to the subject who, in turn, is asked, 'what can this be?' This makes it possible to understand the subject's way of functioning mentally. The Rorschach's Psychodiagnostic is known worldwide, frequently used in Brazil and is the object of several studies and publications which continually enlighten its interpretation and broaden its areas of application. The responses given to this test are analyzed as per their specific and multi-dimensional characteristics. The large range of criteria used to classify the Rorschach responses is a problem in this field and requires deeper consideration, mainly in what concerns the common perception manners. The popular response is a common, frequently given response by a specific population, providing grounds for a very relevant aspect, which determines the subjects' adaptation to both their social and cultural environment. By identifying the popular responses in the Rorschach's Psychodiagnostic protocols involving applicants to the National Driver's License in the State of Minas Gerais, it has been possible to establish a list of popular responses given by these subjects. 100 subjects, applying to the National Driver's License of the State of Minas Gerais (Brazil), have taken part in these studies. They were volunteers of both genders, all born in the State of Minas Gerais, proportionally differentiated as per their ages (between 18- and 36-years old), from different educational background and have been selected so as not to present any previous critical psychiatric or psychological history. The Rorschach's Psychodiagnostic was given and studied in compliance with the French School system. The global profile of the subjects' performance in this projective test, in relation to productivity has shown quantitative characteristics (mean's $R = 20.48$ responses, standard-deviation = 8.24 and mean of 18 responses), which are within the average profile typically used as reference, so far, in samples collected from some Brazilians. The comparison of the results of these studies to some studies previously carried out in Brazil has shown that there are no significant statistical differences in relation to productivity in the different slides. The introduction of the notions of the specific popular responses (P_e) as well as regrouped responses (P_r) have had an essential role in obtaining more efficient classification, delimitation, demonstration and, therefore, clarity, in listing the popular responses (P). From a total of 2.048 responses, 18 have been identified as popular (P) from which eight were classified as specific popular responses (P_e) and ten, as popular grouped responses (P_r). These results reinforce the relevance of the standardization criteria for establishing the list of popular responses in the Rorschach's Psychodiagnostic.

Keywords: Rorschach , Perception, Projection, Socialization.

Sumário

Lista de Quadros	p.13
Lista de Tabelas	p.14
1 INTRODUÇÃO	p.15
1.1 Problema e justificativa.....	p.15
1.2 Objetivos.....	p.17
1.2.1 Objetivo Geral.....	p.17
1.2.2 Objetivos Específicos.....	p.17
1.3 Método empregado.....	p.17
1.4 Estrutura.....	p.18
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	p.19
2.1 Histórico.....	p.19
2.2. O Método de Rorschach como Prova de Percepção e Projeção.....	p.21
2.3 Critérios para o estabelecimento das respostas-Rorschach.....	p.29
3 MATERIAIS E MÉTODOS	p.46
3.1 Amostra.....	p.46
3.2 Material.....	p.47
3.3 Procedimento.....	p.48
3.3.1 Seleção dos sujeitos.....	p.48
3.3.2 Aplicação do Psicodiagnóstico de Rorschach.....	p.49
3.3.3 Análise dos protocolos do Psicodiagnóstico de Rorschach.....	p.50
3.4 Tratamento dos dados.....	p.51
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	p.53
5 CONCLUSÃO	p.69
REFERÊNCIAS	p.73
ANEXOS	p.82
APÊNDICES	p.106

Lista de Quadros

- Quadro 1: Critérios de definição de detalhes comum (D) das respostas ao Rorschach de alguns pesquisadores brasileiros, com razão crítica variando de 1/20 a 1/29..... p.32
- Quadro 2: Critérios de definição da boa qualidade da forma (F+) das respostas ao Rorschach de alguns pesquisadores brasileiros..... p.34

Lista de tabelas

Tabela 1:	Número total de respostas populares de algumas listas de estudos realizados no Brasil.....	p.42
Tabela 2:	Composição da amostra estudada na presente pesquisa (n=100), distribuída (em números de sujeitos) pelos diferentes níveis de instrução, gênero e faixa etária.....	p.47
Tabela 3:	Distribuição da produtividade (R) nos vários cartões do Psicodiagnóstico de Rorschach dos 100 sujeitos avaliados no presente estudo.....	p.53
Tabela 4:	Freqüências de Respostas (R) do presente estudo versus Augras, Sigelmann e Moreira (1969).....	p.56
Tabela 5:	Freqüências de Respostas (R) presente estudo versus Guerra (1980).....	p.57
Tabela 6:	Freqüências de Respostas (R) do presente estudo versus Pasion (1998).....	p.57
Tabela 7:	Freqüências de Respostas (R) do presente estudo versus Vaz (1997).....	p.58
Tabela 8:	Distribuição das respostas populares (P) ao Psicodiagnóstico de Rorschach identificadas no grupo de 100 sujeitos deste estudo, com sua respectiva freqüência (f) e porcentagem (%) de ocorrência das respostas (1/6).....	p.59
Tabela 9:	Distribuição das respostas populares (P) ao Psicodiagnóstico de Rorschach identificadas no grupo de 100 sujeitos deste estudo, classificadas em ordem crescente de freqüência (f) e porcentagem (%) de ocorrência da respostas (1/6) e razão crítica de 1/6 a 1/2.....	p.61
Tabela 10:	Distribuição das respostas populares específicas (P _e) e reagrupadas (P _r) ao Psicodiagnóstico de Rorschach identificadas no grupo de 100 sujeitos deste estudo, com sua respectiva freqüência (f) e porcentagem (%) de ocorrência.....	p.65
Tabela 11:	Distribuição das respostas populares específicas (P _e) e reagrupadas (P _r) ao Psicodiagnóstico de Rorschach identificadas no grupo de 100 sujeitos deste estudo e no grupo de 405 sujeitos de Pasion (2000), com sua respectiva freqüência (f) e porcentagem (%) de ocorrência.....	p.67

1 INTRODUÇÃO

1.1 Problema e justificativa

No trabalho dos profissionais de psicologia em empresas, na área de seleção, acompanhamento de recursos humanos e de clínica, uma questão atual refere-se ao uso indevido de testes que desconsideram aspectos culturais e sociais.

Os testes mais utilizados apresentam-se desatualizados, especialmente nos aspectos que definiriam adaptação às normas, socialização e objetividade, características que inserem o indivíduo em seu meio cultural.

O Psicodiagnóstico de Rorschach é um método projetivo de avaliação da personalidade, constituído por cartões com manchas de tinta, que são apresentados ao sujeito para que ele diga "o que elas poderiam ser, com o que elas se parecem", mobilizando, ao mesmo tempo, mecanismos perceptivos e projetivos que fazem apelo a imagens-lembrança que poderão corresponder ou não à nitidez da percepção, à vigilância da atenção e a uma boa capacidade de seleção.

O Psicodiagnóstico de Rorschach¹ foi escolhido por ser um dos métodos de avaliação da percepção que visa abordar a dinâmica do conjunto da personalidade, possibilitando um diagnóstico e prognóstico do funcionamento psíquico do sujeito. É um instrumento mundialmente conhecido e é objeto de várias investigações e publicações que enriquecem continuamente a sua interpretação e alargam o seu campo de aplicação. A sua sensibilidade, fidedignidade e validade são assim confirmadas e, cada vez mais, precisas. O Psicodiagnóstico de Rorschach é utilizado com frequência no Brasil e está necessitando de maior reflexão em várias regiões do país, devido, justamente, à enorme diversidade de paisagens humanas,

¹ O Psicodiagnóstico de Rorschach é referido na literatura especializada de várias formas: ora como Psicodiagnóstico de Rorschach, ora como teste de Rorschach, ora como técnica ou método de Rorschach e até mesmo, simplesmente, Rorschach. Para maior fluidez da leitura, no presente estudo adotar-se-á as três formas. Pode-se dizer que o mesmo ocorre quando se tem de referir ao material utilizado para aplicação do Rorschach. Esse material é referido ora como prancha, ora como cartão, ora como lâmina. No presente estudo, será usado o termo cartão, como já utilizado por Vaz (1997).

sociais e culturais que pode trazer marcas significativas aos resultados desta prova projetiva.

O Psicodiagnóstico de Rorschach é um método bastante sofisticado, mas necessita de uma revisão no que diz respeito aos aspectos comuns dos indivíduos em relação à idade, ao nível de escolaridade, à região onde habitam. Pode-se citar como exemplo alguns trabalhos desenvolvidos para delimitação de respostas populares. Existem respostas consideradas populares que são chamadas universais, ou seja, conteúdos de respostas que são freqüentes, independente da cultura, país, região, e as respostas populares específicas de cada país. Dá-se, como exemplo, o animal alado fornecido no cartão V do Rorschach, presente nas listas de respostas populares do Psicodiagnóstico de Rorschach de Loosli-Usteri (1965), de Beizmann (1961), de Ames, Learned, Metraux e Walker (1961), de Klopfer e Kelley (1977), de Rapaport (1965), de Beck (1967), de Piotrowski (1957), de Exner (1995, 1999), de Quintela (1955a, 1995c), Windholz (1969b), de Augras, Sigelmann e Moreira (1969), de Adrados (1975), de Jacquemin (1977a), de Souto e Alencar (1978), de Guerra (1980), de Vaz (1997), de Pasion (1998), na lista internacional, francesa (Rausch de Traubenberg, 1998). No entanto, no cartão VII da lista francesa e de Klopfer, observa-se a ausência de respostas banais ou populares cuja presença ocorre nas outras listas.

Como pode ser observado, a cultura influencia, de alguma forma, a percepção comum que existe em uma determinada população. Segundo Rorschach (1953, p.226), o caráter popular das respostas dadas ao Psicodiagnóstico de Rorschach elucida sobre a capacidade de adaptação intelectual ou cognitiva, na medida em que estas respostas “representam a participação na maneira de conceber a coletividade”.

A resposta popular no Psicodiagnóstico de Rorschach é um dos fatores de socialização e adaptação ao meio, que este instrumento possibilita estudar. Neste sentido, o objetivo do presente estudo é investigar o caráter popular das respostas fornecidas ao Psicodiagnóstico de Rorschach para o estabelecimento de uma lista de respostas populares dadas por candidatos à obtenção da Carteira Nacional de Habilitação, no Estado de Minas Gerais.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo principal deste estudo é identificar as respostas populares (P) em protocolos de Psicodiagnóstico de Rorschach dos candidatos à obtenção da Carteira Nacional de Habilitação, no Estado de Minas Gerais, para delimitar uma lista de respostas populares desses sujeitos.

1.2.2 Objetivos específicos

- Traçar um perfil geral dos resultados, focalizando os índices relativos à produtividade nos vários cartões do Psicodiagnóstico de Rorschach;
- comparar o perfil geral dos resultados obtidos com demais estudos brasileiros;
- verificar a frequência específica de cada resposta-Rorschach, com vistas a classificar como respostas populares específicas (P_e) e respostas populares reagrupadas (P_r).

1.3 Método empregado

Utilizou-se a pesquisa quantitativa através dos estudos estatísticos: análise descritiva e Qui-Quadrado.

1.4 Estrutura

Este trabalho está dividido em cinco capítulos: o capítulo 1 há uma descrição dos principais itens da pesquisa: o problema, a justificativa, o objeto, os objetivos, o método empregado e como estão organizados os capítulos; o 2 descreve o histórico e a fundamentação teórica sobre os temas Psicodiagnóstico de Rorschach, percepção, apercepção, projeção, cognição, os critérios para o estabelecimento das resposta-Rorschach e as respostas populares; o 3 aponta a metodologia de pesquisa com a descrição da amostra, dos procedimentos de coleta e análise dos dados; o 4 apresenta os resultados e a discussão, e o 5 encerra com as conclusões e considerações finais.

Por último, são apresentadas as Referências, os Anexos e os Apêndices.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Histórico

Várias estudiosos que abordam o Psicodiagnóstico de Rorschach versam sobre a biografia do seu autor e as origens do seu método (Rorschach, 1954; Cerqueira, 1946; Sousa, 1953; Anzieu, 1960; Pichot, 1984; Rausch de Traubenberg, 1998; Pereira, 1987; Bohm, 1955; Beizmann, 1961; Klopfer e Kelley, 1977; Exner, 1995; Palem, 1969; Vaz, 1997; Windholz, 1969a; Adrados, 1975).

Hermann Rorschach (1954), autor do Psicodiagnóstico que leva seu nome, nasceu em Zurique, no dia 8 de novembro de 1884. Era o filho mais velho, tinha dois outros irmãos. Seu pai era pintor e professor de desenho numa escola secundária, onde ele estudava. Rorschach era bem dotado para o desenho. Pensava dedicar-se aos estudos das ciências naturais, mas a morte prematura de seu pai, em 1903, modificou seus propósitos. Indeciso, hesita entre a carreira artística e a médica. Resolve, então, procurar Ernst Heinrich Haeckel, grande biólogo, que o aconselhou a seguir a carreira médica.

Seguindo este conselho, estudou em diversas universidades, como era costume naquela época, graduando-se em medicina no ano de 1910. Nesse mesmo ano, casa-se com uma colega russa, Olga Stempelin, que logo veio a transformar-se em sua companheira de trabalho e colaboradora. Nesse ínterim, sentiu-se atraído pela psiquiatria e começou seus trabalhos no manicômio de Münsterlingen como médico assistente. Foi envolvido pelo entusiasmo reinante em Burghölzli, clínica psiquiátrica da Universidade de Zurique, dirigida por Eugen Bleuler, onde brilha Carl Gustav Jung, inventor do teste de associação de palavras, e onde se aplicam às psicoses, pela primeira vez, as concepções psicanalíticas. Fez aí sua especialização em psiquiatria.

Em 1911, iniciou suas pesquisas de borrões de tinta. Em 1912, defende sua tese em medicina sobre as alucinações reflexas e fenômenos associados. Embora não

submetido a uma psicanálise prévia, o que era raro então, realiza curas psicanalíticas em seus doentes e adquire a compreensão da doença mental em uma perspectiva psicanalítica, publicando numerosos artigos. Em dezembro de 1913, Rorschach é convidado para trabalhar numa casa de saúde em Moscou, onde permaneceu até julho de 1914, mas, por motivos ainda ignorados, volta definitivamente para Suíça. De julho de 1914 a novembro 1915, esteve, como médico, na clínica psiquiátrica e asilo de Wandau, perto de Berna. Em seguida, desempenha as funções de diretor-adjunto no asilo Herisau. Em 1919, é fundada a Sociedade Suíça de Psicanálise e Rorschach é seu vice-presidente, apresentando, nessa sociedade, várias comunicações sobre seu teste.

Não se sabe exatamente as razões que o impulsionaram a estudar as manchas de tinta. O que se sabe é que os dons artísticos e clínicos de Rorschach se completavam com um estilo projetivo de pensamento. Interessava-se por exposições de pinturas, apaixonando-se pela maneira com que pessoas diferentes reagem diante do mesmo quadro. Além disso, desenhava extraordinariamente bem seres humanos em movimento e a si mesmo sob a ótica de como era visto pelos outros.

As atribuições de significados a nuvens, manchas, coisas remontam à antigüidade. Entretanto, e sem distanciar-se tanto no tempo, encontram-se, já no século XVI, as impressões de Leonardo Da Vinci no *Codex Vaticanus*: “Se olhais um muro rachado pelo tempo e coberto de manchas, podereis chegar a ver extraordinárias paisagens e, com um pouco de imaginação, encontrareis nele desenhos semelhantes a rios, montanhas, planícies, lagos e plantas” (Leonardo Da Vinci *apud* Agrados, 1975, p. 3).

Rorschach conhecia muito bem as idéias de Leonardo Da Vinci² e o livro *Klecksografie*, de Justinus Kerner (*apud* Bohm, 1955, p.9), *Klecksographien* no original, obra formada por uma coleção de poemas, constituída por 50 manchas de tinta, cujas formas sinistras eram comentadas pelo poeta em versos melancólicos. Mas o mais extraordinário é o apelido premonitório que Hermann Rorschach recebeu

² O leitor interessado no aprofundamento das idéias de Leonardo Da Vinci, pode se beneficiar da leitura do *Codex de Hammer* de Leonardo de Vinci (Hammer, 1982).

em 1903, primeiro ano de seu curso secundário, ao ser admitido em uma confraria de estudantes: *Klecks*, isto é, mancha de tinta, borrão!

Tudo isso deve ter estimulado Rorschach a iniciar suas pesquisas com borrões de tinta. Infelizmente, em consequência de uma peritonite aguda, no dia 2 de abril de 1922, Rorschach, aos 37 anos e 4 meses, falece subitamente no hospital de Herisau. A morte prematura impediu-o, sem dúvida, de terminar a grade interpretativa e o aparelho teórico de seu método. Seus sucessores ficaram com esta tarefa, tendo cada pesquisador a tendência de elaborar uma sistematização que se torna, em grande parte, pessoal.

2.2 O Método de Rorschach como Prova de Percepção e Projeção

Em Berna, 1921, Verlag Hans Huber edita o método de Rorschach com seu título original *Psychodiagnostik* (Rorschach, 1954). O material do teste é composto de dez cartões com diferentes *Kleckse*³, em relação aos quais é solicitado ao sujeito que responda: "*Was könnte dies sein?*"⁴ (Rorschach, 1954, p.16). O objetivo do teste é interpretar livremente essas dez manchas, ou seja, formas fortuitas, resultando num *Wahrnehmungsdiagnose*⁵, o que auxilia na compreensão do funcionamento psíquico do sujeito.

Dr. Hermann Rorschach (1954, p.18) caracterizou seu teste como "*eine Prüfung der Wahrnehmung*"⁶ (traduzido pelo autor)⁷ e não como é considerado pela maioria dos examinandos, uma prova de imaginação. Segundo ele, a interpretação de

³ Borrões.

⁴ "O que é que isto poderia ser?"

⁵ diagnóstico de percepção.

⁶ "uma prova da percepção".

⁷ Em função do grande número de citações em língua estrangeira, dispensar-se-á, daqui para frente, esta indicação entre parênteses.

formas fortuitas ultrapassa a noção de imaginação, referindo-se ao “*Begriff der Wahrnehmung und Auffassung*”⁸.

Para esclarecer este equívoco, Rorschach retoma a noção de percepção de Bleuler (1985), para o qual a percepção faz intervir um processo que combina sensação, lembrança e associação, e, quando há a identificação de um complexo de sensações com suas conexões, surge a idéia. Assim, o Psicodiagnóstico de Rorschach coloca em jogo a “*Wahrnehmung und Auffassung*”⁹.

Portanto, reconhecer e identificar objetos, ou manchas, pressupõe um processo de assimilação associativa dos engramas¹⁰ com os quadros de sensações de que o sujeito que interpreta dispõe. É a partir das sensações que se organizam imagens e se chega à idéia. É com base na experiência que se lhes atribui sentido, a partir da associação com os quadros de sensações disponíveis.

Observa-se, assim, na concepção do próprio Rorschach (1954), que a percepção está intimamente ligada à noção de interpretação. Na base da tarefa a que o sujeito se entrega, existe uma percepção, mas o processo que conduz à emergência de respostas, no Psicodiagnóstico de Rorschach, faz intervir outros mecanismos psicológicos, isto é, a partir da associação é que a interpretação se torna uma forma específica da percepção.

Parece que, pela maneira como Rorschach usou a noção de percepção, as referências dos trabalhos da *Gestalt* estão aí contidas, apesar de ele não ter tido contato com esses trabalhos, pelo que indicam as datas de publicações, pois Rorschach faleceu em 1922 e o trabalho de Wertheimer sobre as leis da *Gestalt* data de 1923, como salienta Bohm (1955, p.52).

O sentido do conceito de percepção ligada à noção de interpretação aproxima-se do conceito de apercepção de Johann Friedrich Herbart, retomado por Bellak (1954), que considera a apercepção como uma atividade mental pela qual uma nova

⁸ “conceito de percepção e de idéia”.

⁹ “percepção e idéia”

¹⁰ Segundo Dicionário Houaiss (2001, p.1150), “**Engrama.** 1 traço ou marca duradoura 1.1 FISL. Essa marca, definitiva e permanente, impressa em um tecido nervoso por estímulo muito forte 1.2 PSIC esse traço definitivamente impresso na psique por uma experiência física. Marca deixada no cérebro por um acontecimento do passado individual.”

experiência é assimilada e transformada pelo resíduo da experiência passada de um indivíduo, para formar uma nova totalidade. O resíduo da experiência passada é chamado de “massa aperceptiva”.

Esta acepção possibilita considerar que, desde o início, o *Psychodiagnostik* foi estabelecido como permitindo revelar mais do sujeito que percebe, do que do objeto que é percebido. Nesse sentido,

Deve haver, portanto, alguma coisa como um limiar a partir do qual a percepção, a assimilação sem consciência do trabalho assimilativo, transforma-se em interpretação, em percepção consciente do trabalho de assimilação. [...] Isto indica que a diferença entre interpretação e percepção se baseia em momentos associativos.¹¹ (Rorschach, 1954, p.17-18).

Assim, Rorschach (1954, p.18) sintetiza que **“... as diferenças entre percepção e interpretação são unicamente individuais e graduais, e não de natureza geral e essencial, de modo que a interpretação não pode ser outra coisa senão um caso particular da percepção”**¹².

O significado de percepção como interpretação favoreceu o desenvolvimento de alguns trabalhos que tentam explicar como este tipo de percepção funciona. Esses trabalhos se organizam sob a égide do conceito de projeção, ou seja, da participação do singular e do subjetivo, no processo da resposta dada ao Psicodiagnóstico de Rorschach. Nesta perspectiva, Frank (1948, p.46) estima que o *Psychodiagnostik*, técnica projetiva, devia ser considerado como revelador dos aspectos essenciais da personalidade, pois, quando um sujeito dá uma resposta, ele projeta sobre o material a sua forma de dar sentido à experiência. Dessa forma, o autor define técnica projetiva como “...um método para se estudar a personalidade, confrontando-se o sujeito à situação à qual ele reagirá, levando-se em conta o

¹¹“Es muss demnach etwas wie eine Schwelle geben, von der na die Wahrnehmung, die Algleichung ohne Bewusstwerden der Algleichungsarbeit, zur Deutung wird, zur Wahrnehmung mit Bewusstwerden der Algleichungsarbeit. [...] Dass weist darauf hin, dass der Unterschied zwischen Deutung und Wahrnehmung in assoziativen Momenten liegt.”

¹²“... dass die Unterschiede zwischen Wahrnehmung und Deutung nur individueller und gradueller, nicht aber genereller und prinzipieller Natur sind, dass somit die Deutung nur ein Sonderfall der Wahrnehmung sein kann.” (grifo do original)

significado que esta situação representa para ele e como se sente durante esta reação”¹³.

Em 1939, Frank (1948) introduziu a expressão “métodos projetivos” ao publicar, no *Journal of Psychology*, um artigo intitulado “Os métodos projetivos para o estudo da personalidade”. Esta designação foi utilizada para explicar as similaridades existentes entre o Teste de Associação de Palavras de Jung, de 1904, o Psicodiagnóstico de Rorschach, de 1921, e o TAT (Teste de Apercepção Temática) de Murray, de 1935. Estes tinham, como característica comum, a proposição de investigação dinâmica e global da personalidade com base na análise do mecanismo básico de produção da resposta, ou seja, o mecanismo projetivo.

Em Laplanche e Pontalis (1981, p.343-5), o termo projeção é

utilizado num sentido muito geral em neurofisiologia e em psicologia para designar a operação pela qual um fato neurológico ou psicológico é deslocado e localizado no exterior, quer passando do centro para a periferia, quer do sujeito para o objeto. [...] No sentido propriamente psicanalítico, operação pela qual o indivíduo expulsa de si e localiza no outro, pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos, desejos e mesmo ‘objetos’, que ele desdenha ou recusa em si. Trata-se aqui de uma defesa de origem muito arcaica e que vamos encontrar em ação particularmente na paranóia, mas também em modos de pensar ‘normais’, como a superstição.

Pode-se observar que o sentido do termo projeção é multidisciplinar e Freud utilizou-o para nomear mecanismos psíquicos bastante específicos sem, no entanto, elaborar uma teoria da projeção. Anzieu (1960), Laplanche e Pontalis (1981) e outros autores que investigaram a obra de Freud afirmam que o conceito foi introduzido na psicanálise, em 1895, nos *Estudos Sobre a Histeria* (Freud, 1973a), estando presente em sua obra, a partir daí. Nesses estudos, a projeção está relacionada apenas à forma dos sintomas e este conceito é ampliado por Freud a cada psicose.

Estas contribuições da psicanálise freudiana favoreceram o significado mais usual dado ao termo ‘projeção’ como o processo de atribuir a outras pessoas ou ao mundo externo as próprias qualidades, sentimentos, desejos inconscientes. É um mecanismo de defesa inconsciente que permite ao indivíduo ignorar estes

¹³ “... a method of studying the personality by confronting the subject with a situation to which he will respond according to what the situation means to him and how he feels when so responding”.

fenômenos como pertencentes à própria pessoa. Freud (1973b) esclarece e aprofunda tal mecanismo ao comentar o caso de paranóia de Schreber.

Em 1904, no livro *Psicopatologia de la Vida Cotidiana* (Freud, 1973c), é que se encontra o sentido de projeção mais próximo das técnicas projetivas, pois, seu sentido é utilizado para explicar a superstição, o pensamento mágico e outros processos psíquicos. Aqui, o conceito, firmado pelo determinismo psíquico, caminha na direção da psicologia normal. É retirado seu caráter patológico e o defensivo, embora permaneça a projeção daquilo que não é reconhecido pelo indivíduo.

Em 1912, no livro *Totem y Tabu*, Freud (1973d) desenvolve de forma mais ampla essas mesma idéias quando afirma que

a projeção não foi criada com o propósito de defesa; ela também ocorre onde não há conflito. A projeção de percepções internas para fora é um mecanismo primitivo, ao qual, por exemplo, estão sujeitas nossas percepções sensoriais, e que, assim, normalmente desempenha um papel muito grande na determinação da forma que toma nosso mundo exterior. Sob condições cuja natureza não foi ainda suficientemente estabelecida, as percepções internas de processos emocionais e de pensamento podem ser projetadas para o exterior da mesma maneira que as percepções sensoriais. São assim empregadas para construir o mundo externo, embora devam, por direito, permanecer sendo parte do mundo *interno*. (p.1788)

Ao utilizar o conceito de projeção deste modo, presume-se que as percepções anteriores influenciam a percepção de estímulos contemporâneos. Assim, fica retirado o caráter defensivo do conceito, como também a noção de que o projetado é apenas o que não é aceito como parte do indivíduo. Nesta concepção, é a própria maneira de se organizar que se expressa na sua percepção da realidade. O mundo externo é percebido sempre permeado pelos processos associativos desencadeados, determinados por elementos alheios à consciência, conduzidos pelo que Freud chama de desejos inconscientes. A conduta manifesta pode ser traduzida e compreendida pelos seus elementos latentes e inconscientes.

Assim, os trabalhos desenvolvidos com o Psicodiagnóstico de Rorschach, que se apoiam nos conceitos que argumentam que as percepções são interpretações, foram inspirados nos conceitos sobre a projeção, que são usados em diferentes sentidos e sustentados pelas concepções e modelos que advêm da Psicanálise.

Vários trabalhos procuram considerar e conciliar a existência de interferências perceptivas e projetivas no Psicodiagnóstico de Rorschach, como o de Roy Schafer

(*apud* Rausch de Traubenberg, 1970-1998) que discorre sobre um “*continuum* psíquico”, isto é, movimentos no interior do teste que vão do sonho à percepção realista, e o de Nina Rausch de Traubenberg (1981, 1983) afirmando que o Psicodiagnóstico de Rorschach deve ser considerado como “um espaço de interações entre a atividade perceptiva e a atividade fantasmática”, ou seja, um espaço que solicita, ao mesmo tempo, mecanismos perceptivos e projetivos.

O estímulo-Rorschach¹⁴, como “objeto real”, segundo Chabert (1983, p.12-13) permite

a emergência da palavra, que dará conta de imagens articuladas, a partir da realidade do material. Nesse sentido, o apelo à percepção — o que é que isto poderia ser? — permite um apego ao real que constitui o fundamento da inscrição da relação com o meio ambiente.

E como “*objeto potencial, imaginado*”, ou seja, na ausência de configurações concretas do material — manchas fortuitas — o Rorschach

vai permitir uma elaboração da percepção em função das preocupações essenciais do sujeito, dos modos de organização da sua relação com os objetos e dos fantasmas e afetos subentendidos nas palavras-imagens que ele vai nos liberar: todo um campo aberto às suas associações pela indução de projeção, tornada possível graças ao caráter impreciso do material.

Todavia, estas concepções não são compartilhadas de uma forma consensual. Na história do *Psychodiagnostik*, encontram-se esforços para definir a tarefa como projetiva, conforme foi citado, e como perceptiva, tal como será descrito a seguir.

Nos Estados Unidos, a abordagem perceptiva iniciou-se basicamente com os trabalhos de Beck (1967, 1968), sendo hoje muito aceita entre os utilizadores do Rorschach que se preocupam em que ele seja reconhecido como um teste, submetendo-o, por isso mesmo, a todos os critérios que são classicamente admitidos como os de validação imperativa. Destacam-se, aqui, os trabalhos de Exner (1995, p.28) que propõem que o processo da resposta no Rorschach seja considerado como “uma tarefa de solução de problema”, transformando-o, assim, num teste “perceptivo-cognitivo”. Ao considerar as questões sobre os diferentes aspectos do processo da resposta no Psicodiagnóstico de Rorschach, Exner e colaboradores (1978-1995) afirmam que, a partir dos dados empíricos constituídos,

¹⁴ Cartões com manchas de tinta padronizados e editados pela Hans Huber, Berna.

dever-se-ia antes falar das operações cognitivas que os sujeitos realizam para dar uma resposta. Conforme estes autores, leva-se em conta a “desejabilidade social”¹⁵ (Exner, 1981), que faz com que os sujeitos decidam comunicar algumas respostas e não outras, tendo esse fator uma importante influência no momento de se dar uma resposta. Assim, as respostas não representam somente o que o sujeito viu, mas também como é que ele decide usar o que viu.

Exner (1978-1995), Weiner (2000) afirmam que não é porque o Psicodiagnóstico de Rorschach é um “método projetivo” que os dados proporcionados por ele sejam de natureza exclusivamente projetiva. Exner (1995), discutindo o conceito de projeção de maneira breve, considera um conceito utilizado de forma muito ampla, e sustenta que não há dados empíricos que permitam dizer como é que ela intervém. De qualquer maneira, para Exner (1978-1995), Weiner (2000), há igualmente outros fatores de personalidade que influenciam as respostas, como as necessidades, os interesses, não havendo razões de peso para só se explorar a projeção.

Exner (1995) valoriza os elementos ou dados mais comuns e freqüentes, os que têm uma expressão estatística, destacando as “operações cognitivas” envolvidas no processo de respostas dadas no Rorschach e no processo teste — aplicar, examinar, codificar, classificar, refinar, avaliar, destacar e selecionar — que considera similares às que são evocadas no procedimento de estímulos visuais relacionados com a solução de problemas ou com a tomada de decisão em tarefas.

A preocupação deste autor é com os imperativos de validação da prova, buscando clarificar as características das respostas que permitem aceder às categorias de cotação¹⁶. Exner (1978, 1981 e 1995), com seu Sistema Integrado do Rorschach (S.I.R.), também chamado Sistema Compreensível, realizou esforços metodológicos em busca da precisão e validação dos diferentes passos do instrumento, baseando-se em resultados de pesquisas empíricas e de integração de

¹⁵ Desejabilidade social: tendência de responder de forma favorável, ou seja, o sujeito tenta apresentar-se da maneira que os outros gostariam que ele fosse, tal como mede a escala K do MMPI (Hathaway; Mckinley, 1971), a R (tendenciosidade na resposta) do CPS (Comrey, 1997) e a desejabilidade social do IFP (Pasquali, 1997).

¹⁶ Cotação é um processo de representação das respostas dadas no Rorschach em códigos convencionais.

índices teóricos e técnicos dos cinco grandes sistemas estadunidenses do Psicodiagnóstico de Rorschach (Beck, Hertz, Klopfer, Piotrowski e Rapaport).

Como se pode constatar, o Psicodiagnóstico de Rorschach sofreu evoluções e expandiu-se amplamente na Europa e nos Estados Unidos. Entretanto, na ausência de um único sistematizador, os procedimentos de aplicação, de cotação e interpretação do Psicodiagnóstico de Rorschach proliferaram e evoluíram em vários métodos, sistemas, correntes ou escolas¹⁷. Por volta da década de 60, falar sobre ele como um teste único, padronizado, seria, de fato, inexato. Os vários sistemas e usuários compartilhavam apenas dos 10 cartões-estímulos originais e alguns postulados interpretativos básicos derivados do trabalho original de Rorschach.

Atualmente, pode-se dizer que o Psicodiagnóstico de Rorschach possui duas correntes ou escolas mais conhecidas: a corrente estadunidense e a corrente européia. A corrente estadunidense preocupa-se fundamentalmente com a possibilidade de o Psicodiagnóstico de Rorschach ser reconhecido como um teste psicológico, ou seja, “uma medida objetiva e padronizada de uma amostra de comportamento.” (Anastasi; Urbina, 2000, p.18). Esta corrente baseia-se nas concepções de Exner (1995) de um processo perceptivo-cognitivo na elaboração das respostas. Já a corrente francesa atribui essencial importância aos mecanismos projetivos envolvidos no processo da resposta ao Rorschach.

Independente da escola, evidencia-se que o Psicodiagnóstico de Rorschach caracteriza-se como um instrumento de diagnóstico psicológico em que o sujeito percebe as manchas, e, através da percepção, interpreta o que vê, apresentando a sua relação com o real e com o imaginário.

¹⁷ Métodos, sistemas, correntes ou escolas são similares denominações que vêm fazer referências a diversos domínios do conhecimento e chamar a atenção para a especificidade daquilo que constitui a matriz, que fundamenta a abordagem teórica na utilização desta prova projetiva.

2.3 Critérios para o estabelecimento das respostas-Rorschach

O interesse do presente estudo se centra na relação e na adaptação do sujeito com o real, especialmente com o mundo social, a coletividade em que vive.

No Psicodiagnóstico de Rorschach, essa relação pode ser observada por meio de um fator adicional da resposta-Rorschach¹⁸ que é denominado de popular ou banal, ou ainda, vulgar. A resposta popular é a que representa esta adaptação e inserção do sujeito em uma coletividade, traduzindo a capacidade de ele pensar como seus semelhantes.

No Brasil, a linguagem técnica do Psicodiagnóstico de Rorschach emprega ora o termo “banal”, ora o termo “vulgar” ou “popular” para designar as respostas que são vistas com frequência máxima por uma determinada população. Na nomenclatura¹⁹ utilizada para cotação destas respostas, cada um destes termos é acompanhado de um código, ou seja, o código atribuído ao termo banal é “*Ban*”, ao vulgar é “*V*” e ao popular é “*P*”. A escolha da nomenclatura utilizada depende, de um lado, da língua do país de origem do sistema da escola do Rorschach, e de outro, dos critérios adotados por esse sistema que cada profissional toma como referência. Por exemplo, o termo “banal” (*Ban*) é o utilizado pelo sistema da escola francesa do Rorschach. Apesar deste estudo fundamentar-se nessa escola, decidiu-se substituir a palavra banal (*Ban*) por popular (*P*), pois em português, a palavra que mais se aproxima do conceito de banalidade ou banal, é a palavra popular. Por esse motivo, decidiu-se fazer esta adaptação. Ressalva-se que este termo já é utilizado no Brasil por Vaz (1997) que adota o sistema da escola de Klopfer e por aqueles que seguem o S.I.R. de Exner (1995). Quanto ao critério de identificação da resposta popular, o que será exposto posteriormente, não houve modificação.

Várias pesquisas desenvolvidas no Brasil com o objetivo de elaborar referências normativas adotam os critérios da escola francesa para classificação de suas

¹⁸ Resposta-Rorschach é todo substantivo que tem uma localização, determinante, conteúdo e fator adicional popular ou não.

¹⁹ No Anexo 1, apresenta-se a nomenclatura utilizada neste estudo.

respostas (Augras, Sigelmann e Moreira, 1969; Jacquemin, 1977a; Souto e Alencar, 1978; Guerra, 1980; Pasian, 1998). No entanto, existem estudos normativos com os sistemas de Klopfer (Adrados, 1975; Vaz, 1997) e de Anibal Silveira (Silveira, 1964; Coelho, 1978). Diante desta realidade determinou-se trabalhar com os critérios do sistema francês do Rorschach (hoje, com as contribuições de Rausch de Traubenberg, 1970-1998), o que facilitará posterior comparação entre os resultados do presente estudo e os já existentes nesse contexto. Todavia, sempre que for necessário e para melhor esclarecimento e assimilação dos critérios adotados, serão citados critérios de outras escolas.

Além dessas justificativas práticas, outros motivos fundamentam a opção de trabalhar com o sistema da escola francesa do Rorschach. De um lado, ao considerar a experiência clínica com esta prova projetiva, concorda-se com Pasian (1998, p.36) quando diz "... a escola francesa do Rorschach permite possibilidades interpretativas psicodinâmicas bastante enriquecedoras do instrumento", privilegiando deste modo a análise qualitativa do ponto de vista fenomenológico e psicanalítico (Rausch de Traubenberg, 1970-1998; Chabert, 1983-1998). E de outro, pela escola francesa não negligenciar os elementos quantitativos, apesar de considerá-los, por vezes, insuficientes para análise do funcionamento psíquico do sujeito (Rausch de Traubenberg, 1961).

Neste ponto, para melhor entendimento da discussão, torna-se fundamental esclarecer o sentido de resposta-Rorschach, que, neste contexto, significa todo substantivo que contém as quatro categorias de classificação, ou seja, cada substantivo tem de ter localização, determinante, conteúdo e caráter popular ou não, para ser considerado uma resposta-Rorschach. A partir dessas quatro categorias, as diferentes escolas adotam diversos critérios para classificar sua resposta-Rorschach.

De acordo com o sistema francês (Rausch de Traubenberg, 1970-1998), a primeira categoria de classificação da resposta-Rorschach diz respeito às localizações, ou seja, à área delimitada, pelo sujeito, da imagem vista por ele. Cinco símbolos são usados para cotar²⁰ as localizações:

²⁰ Cotar: "é tentar reduzir as respostas em sinais convencionais" (Rausch de Traubenberg, 1998, p. 149).

- 1- G = resposta global: cota-se G toda vez que a interpretação é feita sobre a mancha toda;
- 2- D = resposta de detalhe comum: é cotado D “quando a interpretação é feita sobre uma parte facilmente isolada do conjunto. Trata-se de um corte freqüentemente dado (1 vez a cada 22) que se impõe à percepção e que é determinado estatisticamente” (Rausch de Traubenberg, 1998, p.251);
- 3- Dd = resposta de detalhe mais raramente isolado: “Pode se tratar de pequeninos detalhes, como recortes raros, ou ainda detalhes grandes mas bizarramente delimitados na mancha. Eles não se impõem à percepção” (Rausch de Traubenberg, 1998, p.251) como os D;
- 4- Dbl = resposta de detalhe branco: interpretação de um detalhe branco do cartão;
- 5- Di = detalhe inibitório: interpretação feita de um elemento quando isolado do seu contexto, visto que normalmente ele faz parte de um todo, de uma resposta em D ou G. O código Di, há muito tempo, era chamado Do pelo Grupo Francês do Rorschach que substituiu o símbolo Do (detalhe oligofrênico) pelo símbolo Di (detalhe inibitório), para evitar a freqüente confusão atribuída na interpretação da palavra oligofrênico (nota do tradutor de Rausch de Traubenberg, 1998, p.69).

Pode-se verificar que dentre as cinco localizações, as delimitações das categorias global (G) e de detalhes branco (Dbl), por não exigirem critérios, não causam problemas em suas cotações, entretanto as categorias de detalhe comum (D) e em complemento o detalhe raro (Dd) trazem em si dificuldades (Pasian, 1998; Jacquemin, 1987). Dois fatores estão contidos na determinação dos critérios de D e Dd: o critério estatístico, ou seja, a freqüência de ocorrência de resposta na área e o critério gestáltico, ou seja, a pregnância da forma da área interpretada que pode afetar a freqüência de eleição da área (Bohm, 1955; Klopfer e Kelley, 1977). Apesar dos dois critérios já estarem presentes na obra de Rorschach (1954), este declara ser desnecessário manter tanto rigor. Na ausência de definição do que era estatisticamente freqüente, apareceu uma diversidade de critérios entre estudiosos posteriores. No Quadro 1, apresenta-se diversos critérios de algumas definições das respostas de detalhe comum (D) que variam de razão crítica entre 1/20 a 1/29.

Quadro 1: Critérios de definição de detalhe comum (D) das respostas ao Rorschach de alguns pesquisadores brasileiros, com razão crítica variando de 1/20 a 1/29

Pesquisador(es)	Definição de D	Razão crítica
Windholz (1969a)	Toda área com uma frequência de resposta igual ou superior a 5% em relação ao total de respostas dadas a detalhes num determinado cartão.	1/20
Quintela (1955c)	Qualquer área do cartão que atinge frequência de interpretação de pelo menos 4,5%.	1/22
Coelho (1978)	Toda resposta que abranja uma área cuja frequência de seleção seja de pelo menos 4,5%.	1/22
Augras (1967); Augras, Sigelmann e Moreira (1969)	Toda área do cartão que atinge frequência de interpretação de 4% ou mais do número de respostas apresentado naquele cartão.	1/25
Jacquemin (1977a)	Toda área do cartão que atinge frequência de interpretação de 4% ou mais do número de respostas apresentado naquele cartão.	1/25
Souto e Alencar (1978)	Área do cartão que é interpretada com frequência de 4% ou mais das respostas parciais em cada cartão (ou seja, em relação ao total de respostas excluindo-se as respostas globais produzidas em cada cartão). No caso de haver adição e/ou exclusão de partes das manchas, adotaram o critério gestáltico sendo considerados detalhes comuns.	1/25
Pasian (1998)	Toda área do cartão interpretada com frequência igual ou maior a 4% do total de respostas do cartão.	1/25
Vaz (1997)	Toda área do cartão (em cada grupo de 100 respostas) que atinge a frequência mínima de 4% do mesmo conteúdo.	1/25
Guerra (1980)	Toda área do cartão com frequência acima de 3,45%.	1/29

A segunda categoria de classificação da resposta-Rorschach aborda os determinantes. Eles são, ao mesmo tempo, o elemento criativo mais original do Rorschach e os mais difíceis para compreensão teórica. Os determinantes vão esclarecer, o que é que tem no estímulo (manchas de tinta) que leva o sujeito a dar essa ou aquela resposta. Segundo a escola francesa do Rorschach, três grandes fatores podem influenciar na determinação da resposta-Rorschach: o formal (forma), o cinestésico (movimento) e o sensorial (cores). Problemáticas semelhantes também surgem quando se passa a considerar os critérios de classificação da qualidade formal das respostas (boa forma = F+, má forma = F-, ou forma indeterminada = F±). De acordo com Rorschach, o melhor método a ser utilizado nesta categorização é o critério estatístico. Assim, afirma que

para evitar a possibilidade de apreciações subjetivas, a única via de acesso seria a da estatística. Pegou-se como norma e como base as respostas-forma que tivessem sido dadas por um número bastante grande de sujeitos mentalmente sadios (cerca de 100). Obteve-se, deste modo, uma determinada zona de normalidade referente à visão de formas, com bases num grande número de respostas que reaparecem com relativa frequência e que, por essa razão, devem ser anotadas como formas boas (F+).(1953, p.11)

Observa-se que, apesar desta definição, Rorschach não determinou o que seria "relativa frequência". Segundo Rausch de Traubenberg (1998, p.80), "Rorschach só se preocupou com a avaliação da forma e não com sua frequência". Coube a seus seguidores a delimitação dos critérios para classificar a qualidade formal da resposta. No Quadro 2, estão reunidos os diferentes critérios para avaliar o determinante forma, utilizados em alguns estudos desenvolvidos no Brasil.

Verifica-se, no Quadro 2, que a maioria dos pesquisadores, para definir a boa qualidade da forma (F+) da resposta ao Rorschach, adota o critério estatístico de no mínimo 2% em relação ao total de sujeitos avaliados e na ausência desse critério, fazem apelo ao critério de julgamento independente de três juízes.

Quadro 2: Critérios de definição da boa qualidade da forma (F+) das respostas ao Rorschach de alguns pesquisadores brasileiros

Pesquisador(es)	Definição de F+	Razão crítica
Windholz (1969a)	considerou F+ toda resposta que aparece com uma frequência igual ou maior a 2% dos sujeitos avaliados. Se a resposta não alcançar esta proporção e constar nas tabelas de Hertz como F+, será considerada F+, e na ausência de resposta nas tabelas, a qualidade formal desta resposta deverá ser julgada independentemente por três psicólogos, optando-se pela classificação predominante.	1/50
Augras (1967), Augras, Sigelmann e Moreira (1969)	integrando os critérios estatístico e gestáltico para avaliação da qualidade formal das respostas, verificam, de modo empírico, que F+ é toda resposta que tem uma frequência igual ou maior a 2% do número total de respostas dadas no mesmo tipo de localização em cada cartão.	1/50
Souto e Alencar (1978)	consideram a forma de boa qualidade todas as respostas em diferentes localizações que atingem 2% em relação à localização em questão. Foi adotado o critério de juizes para as respostas poucos frequentes que atingissem ou não o índice esperado.	1/50
Jacquemin (1977a)	também sugere a combinação entre critério estatístico e gestáltico, mas adiciona o critério de julgamento proposto por Windholz (1969a), definindo como F+ toda resposta com frequência mínima de 2% do total de sujeitos examinados, e, quando não atingir esta frequência, esta resposta deverá ser avaliada em sua qualidade formal pelo julgamento independente de três psicólogos.	1/50
Guerra (1980)	define F+ como toda resposta com frequência maior ou igual a 2% do total de respostas dadas no mesmo tipo de localização.	1/50
Pasian (1998)	considera F+, toda resposta com frequência mínima de 2% do total de sujeitos examinados, e, quando não atingir esta frequência, esta resposta deverá ser avaliada em sua qualidade formal pelo julgamento independente de três psicólogos.	1/50
Vaz (1997)	utiliza o critério quantitativo e qualitativo. Quantitativamente, considera F+ toda resposta que aparece numa frequência igual ou maior a 4% do mesmo conteúdo e quando o conteúdo é somente determinado pela forma, situando-se numa área do cartão inferior a 4%, mas com esclarecimento das características desse conteúdo. Qualitativamente, leva em conta os elementos qualitativos que acompanham a verbalização do examinando, ou seja, se uma resposta comum (F+) for associada a um dos fenômenos especiais comprometedores (como por exemplo a contaminação, a confabulação, etc.), será cotada como F-.	1/25
Coelho (1978)	aponta que F+ é toda resposta com frequência maior de 5%.	1/20

A terceira categoria de classificação da resposta-Rorschach diz respeito ao conteúdo das respostas, ou seja, o substantivo verbalizado pelo sujeito que nomeia o que o borrão de tinta poderia ser. Verificou-se que eles se apresentam classificados, geralmente, em quatro grandes grupos:

- 1- conteúdos referentes ao reino humano;
- 2- conteúdos referentes ao reino animal;
- 3- conteúdos referentes ao reino vegetal e natural: plantas, paisagens, fenômenos naturais, etc.;
- 4- conteúdos referentes ao reino dos objetos: objetos, arte, arquiteturas e as construções abstratas (símbolos).

De acordo com os autores, o número de conteúdo em cada lista varia, indo de 16 (Canivet; Morali-Daninos, 1955; Canivet, 1956, p.12) a 35 (Beck, 1967, p.252-258). Jacquemin (1977a, p.38) afirma que, pela “falta de homogeneidade nas listas de conteúdo dos diferentes autores”, adotou a lista de conteúdos proposta na França por Canivet (1956, p.12) e Beizmann (1961, p.236), retomada por Rausch de Traubenberg (1998, p.182). Esta lista é adotada pela maioria dos pesquisadores no Brasil, independentemente da escola que cada um segue (Augras, Sigelmann e Moreira, 1969; Guerra, 1980; Pasian, 1998; Vaz, 1997; Adrados, 1975). A partir desses esclarecimentos, escolheu-se para o presente estudo a lista francesa (Anexo 1).

Enfim, a quarta categoria de classificação da resposta-Rorschach, segundo Rausch de Traubenberg (1998), é o fator adicional popular²¹, original ou não da resposta-Rorschach. Uma resposta-Rorschach adquire seu fator adicional popular, ou melhor, seu caráter popular, quando as três categorias de classificação da resposta-Rorschach (localização, determinante e conteúdo) apareçam com uma certa frequência numa determinada população. Sendo assim, pode-se dizer que esta frequência de resposta traduz o sentido de conformismo social, de participação no pensamento coletivo. Como diz Anzieu (1960, p.63), “ver banalidades é ver o que todo mundo vê”.

²¹ No presente estudo, abordar-se-á somente o fator adicional popular da resposta-Rorschach.

De acordo com Bohm (1984, p.59), as respostas populares são designadas como “o expoente de uma ‘norma de grupo’, ou seja, um marco comum de referência, que é o resultado de uma comunicação e que permite uma comunicação”. Deste modo, o fenômeno comum de tal “norma social” é um determinado modo de percepção (norma compreendida como o marco comum de referência).

Como se pode observar, estudar o fator adicional popular é de extrema complexidade, pois ele envolve todos os outros fatores, juntamente com seus devidos critérios, que definem o que venha a ser uma resposta-Rorschach (Lelé; Fialho, 2001).

Rorschach (1954, p.45) fala de frequência de resposta, quando se refere ao número de *Originalantworten*²² em relação ao total de respostas obtidas em um protocolo. No início de sua obra *Psychodiagnostik*, assinalou somente as respostas originais. As respostas populares ou banais, ou comuns, ou ainda, vulgares como o próprio Rorschach (1954, p.184) as nomeia na língua alemã *Vulgärantworten*, foram introduzidas por ele relativamente tarde, em seu trabalho postumamente publicado.

Portanto, de acordo com a frequência, pode-se deduzir que existem dois grupos extremos entre a resposta original e a resposta popular, ou seja, enquanto o grupo das respostas originais são “interpretações que são dadas por sujeitos normais aproximadamente uma vez sobre 100” (Rorschach, 1953, p.39), o grupo das respostas populares “são interpretações que são dadas por 1 sujeito sobre 3 aproximadamente” (Rorschach, 1953, p.208 e p.217). De acordo com a qualidade dos determinantes²³, Rorschach designou que as respostas originais poderão ser classificadas como boas, acompanhadas com o símbolo “*Orig.+*”, e como mal vistas, seguidas do símbolo “*Orig.-*”. Porém as respostas populares, simbolizadas por Rorschach como “*V*” (neste trabalho “*P*”), pela sua alta frequência de aparição dentro de uma determinada população, subentendem, necessariamente, serem sempre

²² Respostas originais.

²³ Segunda categoria de classificação das respostas-Rorschach que podem se expressar pela forma, pelo movimento e pela cor. A análise da qualidade desse modo de expressão só pode ser feita se for a forma (F) que prevalece como determinante. A forma bem vista, simbolizada por F+, corresponde à nitidez da percepção, à vigilância da atenção, a uma boa capacidade de seleção das imagens-lembrança.

baseadas no determinante forma por definição e classificadas como formas bem vistas "F+ (FC+, K+, etc.)" (Rausch de Traubenberg, 1998, p.262).

A partir destas definições, pode-se concluir que, para determinar uma lista de respostas populares, somente é possível por meio estatístico. Depois de Rorschach, a proporção adotada por ele de 1/3, publicada em seu artigo *posthumus*, foi ampliada por vários praticantes do teste. Löpfe (*apud* Loosli-Usteri, 1958, p.99) propõe o critério de 1 para 6. Em 1955, Canivet e Morali-Daninos afirmam que o critério 1/3 "era, de fato, o critério primitivo de Rorschach abandonado pela relação 1 por 6, o que dá uma dispersão mais satisfatória" (p.25). Assim, surgiram vários critérios e, com isso, diferentes listas de respostas populares. Pode-se dizer que a escolha do critério de frequência é a primeira razão de discórdia entre vários utilizadores do Psicodiagnóstico de Rorschach, julgando que o critério de Rorschach é muito elevado, "primitivo", e adotaram como suficiente a frequência de 1 para 4, de 1 para 5 e mesmo de 1 para 6. Para Bohm (1955, p.78), a frequência real deve situar-se entre 1/3 e 1/6. Rapaport (1965, p.228) fica também num critério intermediário entre Rorschach e Löpfe, escolhendo a frequência de 1/5. Um número expressivo de autores adotam o critério *P* de Löpfe que qualifica de "popular" toda interpretação global ou de detalhe que foi dada identicamente por 1/6 dos sujeitos (Canivet e Morali-Daninos, 1955; Loosli-Usteri, 1958; Ames, Learned, Metraux e Walker, 1961; Beizmann, 1961; Anzieu, 1960; Rausch de Traubenberg, 1998), enquanto Piotrowski (1957) e Exner (1999) mantiveram-se fiéis ao critério de 1/3 colocado por Rorschach.

Beck (1967) diverge dos critérios acima, pois calcula a frequência em relação ao número de respostas, enquanto a maioria dos autores a calcula em relação ao número de pessoas. Sendo assim, este estudioso determina a resposta popular de seu modo, sendo menos rígido que o critério de 1 para 6, encontrando um total limite de 21 respostas populares. Para Beck (1967), os critérios para determinar uma resposta popular são os seguintes: a localização de cada resposta popular deve ser escolhida por 6% dos sujeitos, pelo menos; a resposta considerada *P* deve ser emitida por 14% dos sujeitos pelo menos; esta resposta deve ser ainda, pelo menos, três vezes tão freqüente quanto a última resposta freqüente à mesma localização.

Ao contrário dos outros autores, as respostas populares de Klopfer e Kelley (1977, p.143) foram selecionadas segundo critérios que se relacionam sobretudo com a imagem dada, devendo seguir os seguintes requisitos:

- serem freqüentes em toda coleção de protocolos publicada;
- abrangerem os diversos determinantes freqüentemente utilizados por todos os sujeitos, como K, kan e FC²⁴, os mais populares;
- devem representar os conceitos que qualquer sujeito clinicamente "normal" é capaz de aceitar; e
- devem estar localizadas num todo completo ou incompleto, ou num detalhe comum.

Rausch de Traubenberg (1970-1998) adota o critério 1/6, baseando-se na lista de Klopfer e na chamada lista francesa. A lista francesa é o resultado de uma simples confrontação entre os praticantes do Psicodiagnóstico de Rorschach (Anexo 2).

Ao analisar diversas listas de respostas populares e seus respectivos critérios adotados, observa-se que o número total de resposta popular para cada lista é bastante diferente, variando de 9 (Oberholzer *apud* Bohm, 1955, p.121-127), 10 (Klopfer, 1977, p.143-144), a 21 respostas populares (Beck, 1967, p.240-244), o que demonstra que a natural consequência da mudança de critérios pode elevar ou diminuir este resultado.

É importante salientar que, segundo Bohm (1955, p.78), as respostas populares dependem amplamente dos fatores do meio ambiente e da chamada mentalidade nacional (do "caráter nacional") e variam, de certo modo, de acordo com as diferentes culturas e regiões, o que pode diversificar a lista de respostas populares de uma cultura para outra.

Bohm (1955, p.78-79) ressalta que, por exemplo, os "palhaços" vistos no cartão II é uma resposta popular na Suíça e, na maioria dos países europeus, vista raramente pelos americanos. Na Dinamarca e na Suíça, a "borboleta" dada no vermelho central do cartão III é considerada uma resposta popular, e em seu país vizinho, Suécia, obtém-se como resposta popular, na mesma localização, um "laço". Como pode-se

²⁴ K: resposta de uma figura humana inteira em movimento; kan: resposta de um animal em movimento; FC: resposta de determinante forma-cor.

observar, a cultura e o meio influenciam a percepção comum que existe em uma determinada população.

Outro fator ao qual as respostas populares também estão condicionadas é o momento histórico, a época. Conforme Bohm (1984, p.59-62), nos anos 30, eram muito freqüentes as esculturas de Presidentes nas montanhas. Os sujeitos davam este tipo de conteúdo em vários detalhes das manchas, sobretudo no cartão VII e hoje estão esquecidas. Desde 1945, devido à tragédia da bomba atirada em Hiroshima, obtém-se com muita freqüência “o cogumelo atômico” ou, simplesmente, “explosão atômica” em diferentes cartões, sobretudo no IX, e depois, em 1960, apareceram as respostas de “foguetes” (Bohm, 1984, p.60). Bohm destaca que nenhum destes exemplos atingiram os limites das respostas populares, ou seja, eram freqüentes mas não populares, em outras palavras, não alcançaram os critérios de 1/3 a 1/6.

Klopfers e Kelley (1977, p.142) fazem referências à freqüência universal e de grupo, quando relata sobre as respostas populares. Aproximando do mesmo tema desses autores, Sousa (1953) cita que as respostas populares devem ser classificadas como universais, comuns e culturais. Por sua vez, Loosli-Usteri (1958, p.99), para se referir a estes tipos de respostas populares, define-as como “as banalidades das banalidades”.

A partir das concepções apresentadas, pode-se afirmar que há respostas populares que apresentam maior freqüência que outras. Observa-se que algumas respostas, independentemente da cultura, país, ou região, são dadas freqüentemente pelos sujeitos. Tais respostas têm uma freqüência universal (Klopfers e Kelley, 1977; Sousa, 1953; Loosli-Usteri, 1958), sendo bastante impregnadas da realidade objetiva, ou seja, elas estão mais para percepção do que para projeção de uma cultura. Por exemplo, os seres alados (morcego, borboleta) dados nos cartões le V, e os animais nos detalhes laterais de cor rosa do cartão VIII estão presentes em várias listas de respostas populares: na lista dita internacional, da França (Rausch de Traubenberg, 1998), de Piotrowski (1957), de Klopfers e Kelley (1977), de Beck (1967-1978), de Loosli-Usteri (1965), de Exner (1995, 1999), de Augras, Sigelmann e Moreira (1969), de Quintela (1955a, c), de Adrados (1975), de Ames, Learned, Metraux e Walker (1961), de Beizmann (1961), de Rapaport (1965), de

Windholz (1969b), de Jacquemin (1977a), Souto e Alencar (1978), Guerra (1980), Vaz (1997), Pasian (1998). Em contrapartida, no cartão VII da lista francesa e de Klopfer, observa-se a ausência de respostas populares que ocorrem em outras listas.

No Brasil, o Psicodiagnóstico de Rorschach foi introduzido a partir da década de 30 por vários estudiosos e praticantes (Veit, 1934; Leme Lopes, 1938; Cavalcanti Borges, 1938; Barreto, 1945, 1955; Cerqueira, 1946; Loreto; Gomes Lins, 1948; Lucena; Campos; Araujo; Loreto, 1948; Loreto, 1953; Lucena, 1952; Campos; Araujo Silva, 1953; Sousa, 1953; Lucena; Campos; Araujo e Silva, 1953, 1954; Cerqueira; Vieira, M.V; Vieira, M.M, 1954; Rocha, 1954; Quintela, 1955a, b, c; Vianna Guerra, 1958; Ginsberg, 1950, 1959; Saraiva, 1961). Este método era utilizado com seus modelos europeus e estadunidenses (Ginsberg; 1959), surgindo, assim, a necessidade de se fazer adaptações ao meio brasileiro. Segundo a observação de Lourenço Filho (*apud* prefácio de Augras, Sigelmann e Moreira, 1969, p.v), “deve-se compreender que as normas alemãs, suíças, francesas e norte-americanas não surgiram por efeito da preferência pessoal de grandes investigadores; mas sim, da observação de características ligadas à expressão da vida cultural de cada país, a qual, queiramos ou não, vem a revelar-se nas provas projetivas”.

As primeiras pesquisas que estabeleceram normas brasileiras foram publicadas em 1955 por Barreto (1955) e Quintela (1955a, b, c), mas foi na ocasião das Primeiras Jornadas Brasileiras sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach (1966), realizadas de 11 a 14 de outubro de 1966, que os praticantes desta prova projetiva decidiram estabelecer normas de padronização brasileiras.

Estabelecer normas de padronização brasileiras era de extrema importância, principalmente quando se tem de avaliar as formas de percepção comuns, que refletem o modo de adaptação ao meio ambiente e social. Desde 1953, Sousa (1953, p.157) declara que o ideal de “uma lista de vulgares aplicável no Brasil deveria basear-se em amostras de nossa população”. Como nessa época ainda não existiam estudos com amostras suficientemente representativas da população brasileira, Sousa resolveu o problema seguindo uma sugestão de Hertz, ou seja, compara listas, escolhidas arbitrariamente, entre alguns autores mais

representativos do Rorschach. A lista assim obtida é, segundo ele, aplicável a todos os países de civilização ocidental, inclusive ao Brasil.

Augras (1967) e Augras, Sigelmann e Moreira (1969) realizaram o primeiro trabalho no Brasil, definindo o que seria mais freqüente e o que seria popular no Psicodiagnóstico de Rorschach. Neste mesmo ano, é publicada a valiosa pesquisa de Windholz (1969a, b) que oferece normas para a avaliação e interpretação do Psicodiagnóstico de Rorschach em crianças. Posteriormente, Adrados (1975), Jacquemin (1977a), Souto e Alencar (1978), Guerra (1980), Vaz (1997), Pasian (1998) realizaram trabalhos de atualização do que se chamará aqui de respostas populares fornecidas pelos sujeitos submetidos ao Psicodiagnóstico de Rorschach.

No que se refere aos critérios que definem o que venha a ser uma resposta popular, no Brasil, a maioria dos pesquisadores adotou o mesmo critério 1/6 sujeitos (Augras, Sigelmann e Moreira, 1969, p.xvii-xix; Windholz, 1969a, p.26; Souto e Alencar, 1978, p. 50; Jacquemin, 1977a, p.42; Guerra, 1980, p.16; Vaz, 1997, p.51; Pasian, 1998, p.78), ou seja, toda interpretação global ou de detalhe com freqüência igual ou superior a 16,7% do total dos sujeitos examinados. Jacquemin (1977a, p.42), diante da variedade de critérios e opiniões e na ausência de justificativas adequadas para escolher um ou outro critério, optou por adotar a razão crítica de 1/6 de sujeitos para determinar as respostas populares, por ser "o mais aceito universalmente". Assim justifica-se a escolha desse mesmo critério no presente trabalho.

É interessante observar, ainda, que, apesar da utilização de tal critério de delimitação de *P*, encontram-se listas de respostas populares que são diferentes, embora contenham também semelhanças. Para melhor visualizar as diferenças quanto ao número total de cada lista, elaborou-se a Tabela 1 contendo o número total de respostas populares de algumas listas de estudos realizados no Brasil, com sujeitos de diferentes idades, sexo e região.

Verifica-se claramente na Tabela 1 que, apesar de não poder fazer a contagem exata do número total das respostas populares listadas por alguns pesquisadores, a lista com maior número de respostas populares chega a ser quase o dobro da lista de menor número de respostas.

Tabela 1: Número total de respostas populares de algumas listas de estudos realizados no Brasil

Pesquisador(es)	Amostra estudada			Número total de respostas populares listadas	
	n	Idade**	Sexo*		
Windholz (1969a, b)	400	7 a 10	M e F	São Paulo (SP)	10♦
Guerra (1980)	400	18 a 52	M e F	Recife (PE)	12♦
Pasian (1998)	405	20 a 59	M e F	Ribeirão Preto (SP)	13
Jacquemin (1977b)	400	3 a 10	M e F	Ribeirão Preto (SP)	14
Souto e Alencar (1978)	309	17 a 35	M e F	Recife (PE)	16♦
Augras, Sigelmann e Moreira (1969)	322	16 a acima de 50	M e F	Guanabara (RJ)	18
Vaz (1977)	850	18 a 40	M e F	Porto Alegre (RS)	19♦

*Sexo = M: masculino; F: feminino; **Idade = expressa em anos; ♦ = número total aproximado de respostas populares listadas

Jacquemin (1976, 1979 e 1982), preocupado com a diversidade dos critérios envolvidos na caracterização das respostas populares²⁵ e inspirado nos trabalhos de Piotrowski de 1957, de Griffin do mesmo ano, Bloom de 1962 e Tarantino de 1970, apresenta uma discussão crítica acerca deste tema e dos problemas relativos à sua determinação, abordando a noção de ponderação dessas respostas. Com essa finalidade atribuiu um peso diferenciado às respostas populares em função da sua frequência de aparecimento em um grupo dado e em função de sua especificidade. Assim, introduz a noção de “Ban específica²⁶ (Ban_e)” — resposta popular, que corresponde às respostas que obtêm uma frequência estatística por si mesmas e numa única localização — e a noção de “Ban reagrupada (Ban_r)” — resposta popular “obtida pelo agrupamento de diversos tipos respostas, com percepto

²⁵ Jacquemin utiliza o termo “resposta banal” para resposta popular.

²⁶ Como já discutido, a terminologia, “Ban específica (Ban_e)” é adaptada por “P específica (P_e)” e “Ban reagrupada (Ban_r)”, por “P reagrupada (P_r)”.

semelhante, ou vistas em localizações diferentes, ou ainda com conteúdos diferentes.” (Jacquemin, 1979, p.20-21)

Este estudo esclarece a noção de frequência das respostas consideradas populares em função da aproximação ou do distanciamento do limite do critério estabelecido para sua determinação. Examinando algumas listas de respostas populares existentes, pode-se exemplificar a noção de “*Ban reagrupada (Ban_r)*” introduzida por Jacquemin (1976, 1979 e 1982), observando que, em certos cartões, a resposta popular envolve uma conceituação genérica. É o caso dos cartões I e V, nos quais Klopfer e Kelley (1977, p.143-4) consideram como *P* qualquer ser alado, designando que borboleta, morcego, pássaro, ave, águia, abelha, etc. sejam respostas populares. Como se pode observar, estes autores optaram por um agrupamento dos “seres alados”, ou seja, colocaram junto todas as respostas que se assemelham do ponto de vista percentual para se chegar a uma conceituação genérica. No entanto, se tivessem considerado a noção de *Ban* específica (*Ban_e*), ou seja, somente a resposta que envolvesse uma conceituação específica, seria certamente difícil encontrar para cada uma dessas respostas frequência necessária para serem consideradas *P*.

Essa generalização para caracterizar a resposta popular é também observada em outros casos, nos quais o agrupamento da *P* encontra-se ligado a várias localizações e conteúdos. Por exemplo, no cartão VII, Beck (1967, p.242-3) considera que

D1²⁷ como *cabeça ou faces de seres humanos*, quase sempre *mulheres*, é *Ban*; às vezes a resposta não se refere somente a D1, podendo compreender também D2 como *peçoas inteiras*, ou ser ainda *G*, cada metade lateral representando uma *peçoas*, às vezes ainda, *uma peçoas sobre uma pedra*. O conteúdo pode variar e se transformar em *bustos* ou *estátuas*. Todas estas respostas são *Ban*, se a *forma de cabeça humana* for realmente o núcleo da resposta.

Com o objetivo de avaliar as respostas populares de modo mais individualizado e tornar mais objetiva a sua interpretação, Jacquemin (1976, 1979 e 1982) atribuiu a

²⁷ “D” é o sinal convencional da categoria das localizações das respostas de detalhe comum das manchas e a numeração que o acompanha (D1, D2) define exatamente sua área designada por esse autor em seu atlas de respostas-Rorschach.

cada resposta popular uma ponderação em função de sua frequência e de seu grau de especificidade.

A questão do reagrupamento ou não das respostas, se constitui um problema para área, pois observa-se que, nas diversas listas de respostas populares, vários pesquisadores classificam algumas respostas que fazem alusão a conteúdos de conceituação genérica, sem no entanto enunciar se houve reagrupamento ou não de outras respostas para atingir o critério *P* estabelecido por eles. Por exemplo, Pasian (1998), para classificar as respostas populares, em seu estudo normativo de 405 adultos, utilizou-se do conceito de reagrupamento de respostas, sem no entanto definir claramente o que seria esse conceito. Ao fazer a análise de seus resultados, considera que a resposta popular “figuras humanas” no cartão III é uma das respostas que não exigiu reagrupamento de outras respostas para atingir o critério de frequência necessário para ser classificada como uma resposta popular. No referido estudo, Pasian (1998, p.97) afirma ter registrado 247 respostas “Figuras humanas”, correspondendo a 61% dos sujeitos avaliados. Será que, face ao cartão III, os 61% dos sujeitos do estudo de Pasian responderam exatamente “Figuras Humanas”, como sugerido pela autora, segundo a sua afirmação? Já que não foi feita nenhuma ressalva a respeito do que seriam respostas que “...não exigiram reagrupamento de outras respostas para atingirem o critério de frequência necessário [...]” (Pasian, 1998, p.98), para a resposta classificada como popular “Figuras humanas” no cartão III, pode-se afirmar que todos os sujeitos que deram essa resposta, verbalizaram exatamente “Figuras humanas” nesse cartão, já que é uma resposta não reagrupada. Segundo Jacquemin (1976, 1979 e 1982), uma resposta popular que não exige reagrupamento envolve uma conceituação específica, e dificilmente se poderia obter esta especificidade com a resposta do estudo em questão. Pode-se concluir que é pouco provável que isso tenha ocorrido.

Manter a atenção voltada para este tipo de problema é de alta relevância, pois é o que revelou Pasian (2000), revisando sua lista de respostas populares, ao mesmo tempo que faz referência aos trabalhos de Jacquemin (1976 e 1982). É preciso salientar que, para comparar os resultados obtidos neste estudo com o de Pasian, utilizou-se a lista de respostas populares revisada (Pasian, 2000).

Na perspectiva de identificar a frequência das respostas, no presente estudo, além de adotar o critério de estabelecimento das respostas populares, como já exposto, utilizou-se como critério de classificação dessas respostas as noções de *Ban* específica e *Ban* reagrupada de Jacquemin (1976, 1979 e 1982), sem, no entanto, ponderá-las, tentando buscar uma melhor classificação, delimitação, demonstração e, por consequência, clareza na listagem das respostas populares.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Amostra

A amostra deste estudo constitui-se de candidatos à obtenção da Carteira Nacional de Habilitação do Departamento de Trânsito de Minas Gerais.

A opção de se trabalhar com essa amostra deve-se ao fato de ser uma amostra de uma população sobre a qual não se tem dados colhidos pelo Psicodiagnóstico de Rorschach e sobre respostas populares deste instrumento.

Algumas das características específicas para se candidatar ao processo de obtenção da CNH do DETRAN/MG são as seguintes: ser alfabetizado e domiciliado e residente no Estado de Minas Gerais²⁸. É interessante observar que todos os sujeitos da amostra eram alfabetizados. Levar em conta esta característica é de suma importância, pois o analfabetismo poderia comprometer os resultados finais deste estudo (Guerra, 1984). Também é interessante notar que todos os sujeitos têm em comum o fato de serem naturais de municípios mineiros.

Os sujeitos estudados foram selecionados de maneira a não apresentarem história de antecedentes críticos de ordem psiquiátrica ou psicológica. Esta etapa de seleção será explicitada no item “procedimento”.

A amostra do presente estudo é composta de 100 sujeitos, de ambos os sexos, com idade de 18 a 36 anos, apresentada na Tabela 2.

Pode-se verificar na Tabela 2, que a distribuição dos sujeitos respeita a igualdade de proporções entre os sexos, proporções diferenciadas em função da faixa etária e do nível de instrução.

No que diz respeito à dimensão da amostra, tomou-se como fonte de informações, o levantamento estatístico²⁹ de 1999 a 2001 (Anexo 3) dos exames de

²⁸ Código de Trânsito Brasileiro – CTB, Cap. XIV da habilitação, Art. 140.

²⁹ Dados fornecidos, especificamente para o presente estudo, pela Seção de Controle de Clínicas do Departamento de Trânsito de Minas Gerais.

avaliação médica e psicológica dos candidatos iniciais a CNH, realizados pelas clínicas credenciadas pelo DETRAN/MG (total de 96 clínicas), sediadas no município de Belo Horizonte (8 clínicas) e no interior do Estado de Minas Gerais (88 clínicas). Em relação ao levantamento estatístico do ano em que foi realizada a coleta de dados (1999), obteve-se um índice de representatividade³⁰ de 0,09% da população que se candidata à obtenção da CNH do DETRAN/MG e 0,06% em relação à média do levantamento estatístico de 1999 a 2001 dessa população.

Tabela 2: Composição da amostra estudada na presente pesquisa (n = 100) distribuída (em números de sujeitos) pelos diferentes níveis de instrução, gênero e faixa etária.

Idade	Total	Sexo(*)		Níveis de instrução		
		M	F	1º Grau Incompl. e Compl.	2º Grau Incompl. e Compl.	3º Grau Incompl. e Compl.
18-22	44	26	18	8	28	8
23-27	21	9	12	-	14	7
28-32	26	11	15	8	8	10
Acima de 33	9	3	6	4	3	2
Total	100	49	51	20	53	27

(*) M = masculino; F = feminino; **Incompl.** = incompleto; **Compl.** = completo.

Pretendeu-se selecionar os sujeitos para que a composição da amostra pudesse representar, dentro dos limites de possibilidades do presente estudo, o existente na população de origem.

3.2 Material

Utilizou-se o material para aplicação do Psicodiagnóstico de Rorschach, composto por um conjunto de cartões (padronizado), folhas para registro dos dados

³⁰ Pasian (1998, p.60), obtendo "...um índice de representatividade de 0,1% da população adulta da cidade de Ribeirão Preto [...].", considerou "globalmente satisfatório para o tipo de estudo proposto."

(folhas de protocolo), folha de localização das respostas (padronizada) e um cronômetro para registro dos tempos de respostas dos sujeitos nesta prova projetiva.

3.3 Procedimento

O trabalho de contato com os sujeitos, entrevista de avaliação psicológica e aplicação do Psicodiagnóstico de Rorschach foi desenvolvido por psicólogos³¹, com experiência prévia em avaliação psicológica. Esses receberam orientação específica do autor para o trabalho, buscando-se assim a homogeneidade do procedimento, o que pode possibilitar comparações com pesquisas futuras, a serem feitas com os mesmos critérios (Pasian, 1998).

Todos os dados foram coletados no período de março a julho de 1999, nas clínicas médico-psicológicas credenciadas pelo DETRAN/MG.

3.3.1 Seleção dos sujeitos

Foram selecionados 100 sujeitos, nas diferentes clínicas credenciadas pelo DETRAN/MG, sediadas no município de Belo Horizonte e no interior do Estado de Minas Gerais, todos nascidos, residentes e domiciliados no Estado de Minas Gerais e que não apresentavam história de antecedentes críticos de ordem psiquiátrica ou psicológica, conforme dados fornecidos ao questionário de saúde³² (Anexo 4),

³¹ Alunos do Curso de Pós-Graduação - Aperfeiçoamento em Avaliação Psicológica e Perito examinador do Trânsito, conforme a Resolução 080/1998 do Conselho Nacional de Trânsito-CONTRAN, realizado no Centro Universitário Newton Paiva, de fevereiro a julho de 1999.

³² Ao se submeterem ao exame de aptidão física e mental, os candidatos respondem a um questionário sobre seu histórico de saúde e declaram a veracidade de informações, conforme o Código de Trânsito Brasileiro – CTB, Cap. XIV da habilitação, Art. 147.

Foi elaborada uma carta de autorização (Apêndice 1) para que os sujeitos convidados e disponíveis ao estudo assinassem, revelando assim sua concordância ao colaborar com a pesquisa, resguardando-se o princípio ético do trabalho³³ (Santos; Abreu e Silva Neto, 2000; Pasquali, 2001). Esta carta de autorização foi elaborada a partir de adaptação do modelo utilizado por Pasion (1998).

O sujeito selecionado era convidado para participar do estudo e, se estivesse de acordo, assinava a carta de autorização e era marcado o dia e a hora da aplicação do Psicodiagnóstico de Rorschach.

3.3.2 Aplicação do Psicodiagnóstico de Rorschach³⁴

Antes da aplicação do Psicodiagnóstico de Rorschach, aplicou-se a prova gráfica do Desenho da Figura Humana de Machover (*apud* Anderson; Anderson, 1967), procedimento utilizado pela escola francesa (Rausch de Traubenberg, 1998, p.15-16), como uma das formas de introdução e “condições de aplicação” do Psicodiagnóstico de Rorschach, de modo a estabelecer uma relação positiva antes da apresentação dos cartões. Contudo, os protocolos dessa prova projetiva gráfica não foram utilizados no presente estudo, apesar de continuarem disponíveis para futuras investigações.

Para aplicação do Psicodiagnóstico de Rorschach, respeitou-se a norma original de Rorschach de 1921, seguindo-se o sistema da escola francesa (Rausch de Traubenberg, 1970-1998) e utilizando-se as normas de padronização de aplicação do Método de Rorschach, discutidas durante o II *Workshop*³⁵ da Sociedade

³³ O leitor interessado poderá se favorecer da leitura da obra de Santos e Abreu e Silva Neto, 2000, principalmente do capítulo que trata sobre a “Ética na Pesquisa” (p.80-98) no qual está referido o Tribunal Internacional de Nuremberg de 1947.

³⁴ A aplicação do Psicodiagnóstico de Rorschach foi realizada pelos alunos do Curso de Pós-Graduação - Aperfeiçoamento em Avaliação Psicológica e Perito examinador do Trânsito, nas clínicas médico-psicológicas credenciadas pelo DETRAN/MG

³⁵ Realizado no dia 5 de abril de 1997, nas dependências da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo (FFCLRP - USP).

Brasileira de Rorschach – SBRo, com o propósito de padronizar a coleta de protocolos de Rorschach, em nível nacional³⁶. As instruções específicas utilizadas para essa técnica constam no Anexo 5.

Após a aplicação do Psicodiagnóstico de Rorschach, o examinador encerrava o trabalho, agradecendo a participação do sujeito, que, se quisesse, marcava a entrevista devolutiva em data futura (Pasquali, 2001).

Todos os sujeitos foram submetidos à aplicação do Psicodiagnóstico de Rorschach³⁷ nas clínicas médico-psicológicas credenciadas pelo DETRAN/MG.

O processo da aplicação do Psicodiagnóstico de Rorschach durou em torno de 60 a 120 minutos, ocorrendo numa única sessão.

A utilização do Psicodiagnóstico de Rorschach seguiu todos os princípios éticos e deontológicos da avaliação psicológica (Wechsler, 1999, 2001).

3.3.3 Análise dos protocolos do Psicodiagnóstico de Rorschach

No processo de cotação dos protocolos do Psicodiagnóstico de Rorschach, a nomenclatura utilizada e os critérios adotados neste estudo (Anexo 1), como previamente referido, seguiu o sistema da escola francesa, exposto em suas principais linhas em Rausch de Traubenberg (1970-1998), o mesmo adotado por Augras, Sigelmann e Moreira (1969), Jacquemin (1977a), Guerra (1980) e Pasian (1998).

A partir destas delimitações, fez-se a cotação de cada um dos 100 protocolos de Rorschach. Para auxiliar nas cotações dos protocolos, utilizou-se os seguintes atlas: de Augras, Sigelmann e Moreira (1969); de Windholz (1969b); de Adrados (1975, 1976 e 1983); de Jacquemin (1977a); de Guerra (1980); de Vaz (1997); de Pasian

³⁶ A Diretoria da SBRo foi comunicada e autorizou a publicação das referidas normas, no presente estudo.

³⁷ O Psicodiagnóstico de Rorschach é utilizado nas clínicas médico-psicológicas credenciadas pelo DETRAN/MG somente num contexto de investigação a serviço do sujeito, cujo objetivo essencial é de ordem diagnóstica com todas suas implicações terapêuticas próprias.

(1998); e de Exner (1999). É preciso ressaltar que o objetivo de consultar esses atlas foi somente para esclarecer a respeito da avaliação da qualidade formal dos determinantes, ou seja, todos determinantes em que a forma é predominante, seja ela em movimento ou não, com integração de cor ou não. Avalia-se a qualidade formal colocando-se o sinal correspondente (“+” = boa forma ou forma bem vista; “-” = má forma ou forma mal vista; e “±” = forma imprecisa ou indeterminada). Quando a resposta a ser cotada não era encontrada em nenhum dos atlas disponíveis, a cotação era realizada por três diferentes juízes, em atividades independentes, para posterior verificação de sua precisão. Esses juízes eram psicólogos que já possuíam experiência com o Psicodiagnóstico de Rorschach. A partir das três cotações independentes, considerou-se consenso numa cotação o fato de pelo menos dois juízes atribuírem a mesma cotação (Windholz, 1969; Jacquemin, 1977; Souto e Alencar, 1978; Pasian, 1998). Após a cotação dos protocolos, foi feita a contagem da frequência das respostas.

Depois dessa etapa, passou-se para a fase de análise específica de todas as respostas coletadas no Psicodiagnóstico de Rorschach, visando à elaboração da lista de respostas populares própria deste grupo estudado.

3.4 Tratamento dos dados

Foram utilizados os recursos disponíveis no programa estatístico computacional para *Excel* (versão 6.0).

Embora a distribuição dos escores do Rorschach não se acomode numa distribuição normal (Chiva, 1973; Rausch de Traubenberg, Bloch-Lainé, Duplant, Martin e Poggionovo, 1993; Pasian, 1998), para traçar um perfil geral dos resultados, focalizando os índices relativos à produtividade (R = número total de respostas) nos vários cartões do Psicodiagnóstico de Rorschach, de acordo com a literatura, fez-se as estatísticas descritivas obtendo a distribuição de frequência e porcentagens, média, desvio-padrão e mediana. Entretanto, para comparar os resultados com

outros estudos, efetuou-se o teste estatístico não paramétrico Qui-Quadrado, nível de significância menor ou igual a .05 (ou seja 5%).

Para identificar as respostas populares (P), fez-se as estatísticas descritivas obtendo a distribuição de frequência e porcentagens, média, desvio-padrão e mediana. As respostas populares foram classificadas como respostas populares específicas (P_e) e respostas populares reagrupadas (P_r) com suas respectivas distribuição de frequência e porcentagem.

Os resultados destas análises estatísticas estarão apresentados a seguir nesta ordem aqui relatada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação ao objetivo de identificação das respostas populares, foi levantado primeiramente um perfil global dos resultados com seus índices relativos à produtividade nos diversos cartões do Psicodiagnóstico de Rorschach. Para tanto, elaborou-se a Tabela 3.

Tabela 3: Distribuição da produtividade (R) nos vários cartões do Psicodiagnóstico de Rorschach dos 100 sujeitos avaliados no presente estudo

Cartão	R	% de R (em relação ao R total)
I	211	10.3%
II	196	9.6%
III	238	11.6%
IV	170	8.3%
V	169	8.2%
VI	171	8.4%
VII	191	9.3%
VIII	211	10.3%
IX	186	9.1%
X	305	14.9%
Total	2048	100%

(R = respostas)

O grupo de 100 sujeitos de 18 a 36 anos de idade, produziu um total 2.048 respostas ao Psicodiagnóstico de Rorschach que foram, portanto, o universo de nossa análise para a identificação das respostas populares.

Pode-se observar, na Tabela 3, que o cartão X estimulou³⁸ mais respostas nos sujeitos, pois provocou maior número de associações (14,9%). O segundo maior número de associações ocorreu no cartão III (11,6%). Depois deste, seguem os

³⁸ A rigor, dizer que o cartão estimulou alguma coisa não é coerente à proposta do Psicodiagnóstico de Rorschach, pois quem estimula são as manchas de tinta. Contudo, dizer que o cartão estimula é comum na literatura, para dizer que é a mancha que estimula.

cartões I e VIII (com 10,3%). Completam a seqüência o cartão II (9,6%) e o cartão IX (9,1% do total de respostas), número que claramente decresceu diante dos demais cartões (IV, V e VI).

Assim, é importante verificar que a diferença entre o número de respostas do cartão que apresenta maior produtividade (o X, com 305 respostas) e o que apresenta a menor produtividade de respostas (o V, com 169 respostas), chega a uma proporção na qual o primeiro corresponde a quase o dobro do segundo. Tal diferença aponta importante variação no grau de estimulação de cada um. Pode-se relacionar esses dois grupos extremos de produtividade com as diferentes características objetivas do estímulo-Rorschach contidas nesses cartões. No cartão X, as características objetivas do estímulo-Rorschach, do ponto de vista da dimensão estrutural e sensorial (Chabert, 1983-1998; Rausch de Trautenberg, 1998), são marcadas pela multiplicidade e dispersão de manchas e cores, enquanto as do cartão V são marcadas pela unicidade e concentração de mancha e cor, ou seja, é uma mancha quase totalmente preta, pouco esparramada, de estrutura compacta, quase celular. É oportuno lembrar que as características das manchas dos cartões IV e VI aproximam-se bastante daquelas do cartão V. Portanto, poder-se-ia pensar que as características do estímulo do cartão X facilitam para os sujeitos a maior produção de número de respostas do que quando estão face a um estímulo de caráter unitário, como é o caso dos três cartões que obtiveram uma menor produção (IV, V e VI).

Comparando esses dados citados acima com os obtidos em outros estudos, verifica-se que Augras (1967), em seu estudo de 322 sujeitos adultos normais, e Pasion (1998), em seu estudo de 405 sujeitos adultos normais, encontraram semelhantes variações nos cartões X e VI; Souto e Alencar (1978), em seu estudo de 309 sujeitos de 17 a 35 anos, encontraram a mesma variação nos cartões X e V; e Vaz (1997), com o seu estudo de 850 sujeitos, apresenta as mesmas variações nos cartões X e IV.

A partir dessa confrontação, pode-se confirmar que as características objetivas do estímulo-Rorschach, do ponto de vista da dimensão estrutural e sensorial, influenciam na variação das associações desencadeadas pelos diferentes cartões do Psicodiagnóstico de Rorschach.

Pode-se verificar, pelas estatísticas descritivas, elaboradas a partir dos 100 casos, que o perfil global destes resultados coloca em evidência um número médio de 20,48 respostas com D.P. de 8,24 e mediana de 18 respostas. Estes valores divergem-se dos índices apresentados por algumas pesquisas realizadas no Brasil. Os estudiosos Souto e Alencar (1978) encontraram uma média de 27 respostas, do total de 8.307 respostas fornecidas pelos 309 protocolos de universitários de 17 a 35 anos. Augras, Sigelmann e Moreira (1969) encontraram, do total de 8.078 respostas fornecidas pelos 322 adultos normais, uma média de 25 respostas por protocolo. Guerra (1980), trabalhando com 400 adultos normais de 18 a 52 anos, considera como esperado o índice médio de 15 respostas por protocolo. Este índice é bem próximo do encontrado por Pasian (1998) em seu estudo de 405 adultos normais (R médio=16,1 respostas; D.P.=9,6 e mediana=14,0). Por sua vez, Vaz (1997), adotando o sistema de Klopfer, encontrou no estudo de 850 sujeitos uma média de 19 respostas e com D.P. de 5,8.

De acordo com a literatura, a faixa de índices esperados de respostas num protocolo de Psicodiagnóstico de Rorschach varia bastante. Para Rorschach (1953), o número médio de respostas é de 15 a 30, média encontrada e compartilhada como normal pela maioria dos pesquisadores. Para Anzieu (1960), o número total de respostas esperado situa-se entre 20 e 30 para população geral. Rapaport (1965, p.199) apresenta a média entre 22 a 28 respostas. Exner (1999) encontrou uma média de 22,67 respostas por protocolo (DP=4,23 e mediana=23,00), dos 700 sujeitos adultos não pacientes. Para Beck (1967), o R médio é de 30,35 com um D.P. de 15,89.

Para comparar as proporções de respostas observadas para cada cartão nos vários estudos, e levando em consideração que, geralmente, as distribuições dos escores Rorschach não correspondem a uma distribuição normal, foram efetuados testes estatísticos não paramétricos. O teste estatístico utilizado foi o Qui-Quadrado. Comparou-se as proporções observadas de respostas em cada estudo nos vários cartões e considerou como estatisticamente significativa a comparação cuja probabilidade de significância foi menor ou igual a 0,05 (ou seja 5%). Em todas as comparações, a hipótese nula foi a de que a distribuição das respostas nos

respectivos estudos comparados, eram semelhantes, contra a hipótese alternativa de que as distribuições das respostas eram diferentes.

As tabelas 4, 5, 6 e 7 apresentam as comparações de frequência de respostas do presente estudo com as pesquisas mais recentes desenvolvidas com adultos no Brasil.

A Tabela 4 apresenta a comparação dos resultados do presente estudo de 100 sujeitos de 18 a 36 anos com o de 322 sujeitos a partir de 16 anos, de Augras e col. (1969).

Tabela 4: Frequências de Respostas (R) do presente estudo versus Augras, Sigelmann e Moreira (1969)

Cartão	Frequência de R Presente estudo (%)*	Frequência de R Augras e col. (1969) (%)*
I	211 (10,3)	902 (11,2)
II	196 (9,6)	688 (8,5)
III	238 (11,6)	865 (10,7)
IV	170 (8,3)	687 (8,5)
V	169 (8,2)	667 (8,2)
VI	171 (8,4)	641 (7,9)
VII	191 (9,3)	678 (8,4)
VIII	211 (10,3)	826 (10,2)
IX	186 (9,1)	806 (10,0)
X	305 (14,9)	1318 (16,3)
Total	2048 (100,0)	8078 (100,0)

Fonte: Augras e col. (1969, p. 227)

* Porcentagem em relação ao R total

O teste Qui-Quadrado para comparação deste estudo com o estudo de Augras, Sigelmann e Moreira (1969), em relação à distribuição de frequências de respostas nos vários cartões, indicou não haver diferença estatisticamente significativa entre os dois estudos. (Qui-Quadrado observado = 9,80 < Qui-Quadrado tabelado = 16,919, considerando um nível de confiança de 95%).

A comparação dos resultados do estudo de 100 sujeitos de 18 a 36 anos com o de 400 adultos normais de 18 a 52 anos, de Guerra (1980), é apresentada na Tabela 5.

Tabela 5: Frequências de Respostas (R) do presente estudo versus Guerra (1980)

Cartão	Frequência de R Presente estudo (%)*	Frequência de R Guerra (1980) (%)*
I	211 (10,3)	650 (10,1)
II	196 (9,6)	622 (9,7)
III	238 (11,6)	671 (10,4)
IV	170 (8,3)	564 (8,8)
V	169 (8,2)	562 (8,7)
VI	171 (8,4)	555 (8,6)
VII	191 (9,3)	546 (8,5)
VIII	211 (10,3)	717 (11,2)
IX	186 (9,1)	557 (8,7)
X	305 (14,9)	981 (15,3)
Total	2048 (100,0)	6425 (100,0)

Fonte: Guerra (1980, p.15-16)

*Porcentagem em relação ao R total

O teste Qui-Quadrado para comparação deste estudo com o de Guerra, em relação à distribuição de frequências de respostas nos vários cartões, indicou não haver diferença estatisticamente significativa entre os dois estudos (Qui-Quadrado observado= 5,792 < Qui-Quadrado tabelado = 16,919, considerando um nível de confiança de 95%).

A Tabela 6 demonstra a comparação dos resultados do estudo de 100 sujeitos de 18 a 36 anos com o de 405 adultos normais de 20 a 59 anos, de Pasion (1998).

Tabela 6: Frequências de Respostas (R) do presente estudo versus Pasion (1998)

Cartão	Frequência de R Presente estudo (%)*	Frequência de R Pasion (1998) (%)*
I	211 (10,3)	746 (11,5)
II	196 (9,6)	634 (9,8)
III	238 (11,6)	718 (11,1)
IV	170 (8,3)	579 (8,9)
V	169 (8,2)	584 (9,0)
VI	171 (8,4)	509 (7,8)
VII	191 (9,3)	574 (8,8)
VIII	211 (10,3)	672 (10,3)
IX	186 (9,1)	515 (7,9)
X	305 (14,9)	968 (14,9)
Total	2048 (100,0)	6499 (100,0)

Fonte: Pasion (1998, p. 99)

* Porcentagem em relação ao R total.

O teste Qui-Quadrado para comparação deste estudo com o de Pasian (1998), em relação à distribuição de frequências de respostas nos vários cartões, indicou não haver diferença estatisticamente significativa entre os dois estudos (Qui-Quadrado observado= 7,542, < Qui-Quadrado tabelado = 16,919, considerando um nível de confiança de 95%).

A Tabela 7 apresenta a comparação dos resultados do estudo de 100 sujeitos de 18 a 36 anos com o de 850 sujeitos de 18 a 40 anos, de Vaz (1997).

Tabela 7: Frequências de Respostas (R) do presente estudo versus Vaz (1997)

Cartão	Frequência de R Presente estudo (%)*	Frequência de R Vaz (1997) (%)*
I	211 (10,3)	1918 (10,7)
II	196 (9,6)	1402 (7,8)
III	238 (11,6)	1822 (10,1)
IV	170 (8,3)	1118 (6,2)
V	169 (8,2)	1800 (10,0)
VI	171 (8,4)	1953 (10,8)
VII	191 (9,3)	1877 (10,4)
VIII	211 (10,3)	1909 (10,6)
IX	186 (9,1)	1806 (10,1)
X	305 (14,9)	2395 (13,3)
Total	2048 (100,0)	18000 (100,0)

Fonte: Vaz (1997, p.209)

* Porcentagem em relação ao R total.

O teste Qui-Quadrado para comparação deste estudo com o de Vaz (1997), em relação à distribuição de frequências de respostas nos vários cartões, indicou haver diferença estatisticamente significativa entre os dois estudos (Qui-Quadrado observado= 48,063 > Qui-Quadrado tabelado = 16,919, considerando um nível de confiança de 95%). A grande disparidade entre os tamanhos amostrais dos dois estudos contribuiu para que se obtivesse este resultado do teste Qui-Quadrado. Portanto, este resultado deve ser utilizado com cautela.

Após abordar o perfil geral, identificou-se as respostas populares. O critério atribuído, já previamente discutido e definido, foi o de considerar como *P* toda resposta que apresentasse frequência mínima de 16,7% dos sujeitos avaliados, ou seja, aquela que se fez presente pelo menos uma vez em cada seis (1/6) protocolos

de Rorschach. Deste modo, obteve-se 18 respostas populares (*P*), repertoriadas na Tabela 8, com suas respectivas porcentagens de ocorrência na amostra estudada.

Tabela 8: Distribuição das respostas populares (*P*) ao Psicodiagnóstico de Rorschach identificadas no grupo de 100 sujeitos deste estudo, com sua respectiva frequência (*f*) e porcentagem (%) de ocorrência das respostas (1/6)

Cartão	Localização	n°.	Respostas	f	%(*)
I	G	1	Morcego *	32	32%
I	G	2	Borboleta *	22	22%
II	G	3	Duas figuras humanas **	18	18%
II	D preto lateral	4	Dois animais quadrúpedes **	25	25%
III	D preto lateral	5	Duas pessoas **♦	41	41%
III	D preto lateral	6	Duas figuras humanas **♦	35	35%
III	D vermelho central	7	Borboleta **♦	33	33%
IV	G	8	Monstro animal ou humano **	17	17%
V	G	9	Borboleta **♦	47	47%
V	G	10	Morcego **♦	38	38%
VI	G ou D inferior	11	Pele ou couro de animal ou tapete de pele ou couro de animal **	27	27%
VII	G	12	Duas figuras humanas femininas com a "cabeça ou rosto" no D 1/3 superior **	19	19%
VII	D 2/3 superiores ou D 1/3 superior	13	Duas figuras humanas no D 2/3 superiores com a "cabeça ou rosto" no D 1/3 superior ou duas cabeças ou rostos de figuras humanas no D 1/3 superior **	19	19%
VIII	D rosa lateral	14	Dois ursos *	20	20%
VIII	D rosa lateral	15	Dois animais quadrúpedes **♦	72	72%
IX	D laranja	16	Duas figuras humanas **	17	17%
X	D azul lateral	17	Aranha *	23	23%
X	D cinza superior	18	Dois animais de espécies variadas **	26	26%
Total		18	Respostas P	531	26%

n.º : Número de cada resposta popular; f : Frequência de ocorrência de resposta.

(*) Porcentagem em relação ao total de 100 sujeitos da amostra.

* : Resposta que obteve uma frequência estatística por si mesma, com um único conteúdo (de conceituação específica) e numa única localização para atingir o critério de *P* de 1/6.

** : Resposta que obteve uma frequência estatística resultante da associação de diversos tipos de respostas³⁹, com percepto semelhante, ou com conteúdos diferentes, para atingir o critério de *P* de 1/6.

♦ : Respostas que atingiram o critério *P* equivalente à frequência mínima de 1/3 dos casos, usado em Rorschach (1953) e no Sistema Integrado do Rorschach (Exner, 1995).

³⁹ O Apêndice 2 apresenta os diversos tipos de respostas que foram agrupadas para atingirem a frequência estatística de razão crítica de 1/6.

Do universo de 2.048 respostas fornecidas pelos 100 sujeitos desta pesquisa, o conjunto de 531 respostas, ou seja, 26% do total de respostas, fazem parte da constituição da lista das 18 respostas populares deste estudo. Verifica-se que, mesmo classificadas como *P*, estas respostas apresentam diferentes proporções de ocorrência, variando desde a frequência mínima estabelecida para tornarem-se *P* (16,7%) até a frequência máxima de 72% alcançada neste estudo. A resposta popular “dois animais quadrúpedes” do cartão VIII foi a que atingiu uma frequência máxima de ocorrência e as respostas “monstro animal ou humano” do cartão IV e “duas figuras humanas” no cartão IX foram as que se situaram no limite mínimo do critério *P*.

A Tabela 9 apresenta as ocorrências das respostas populares deste estudo, em ordem da menor para a maior frequência.

Observam-se na Tabela 9, duas respostas *P* que atingiram apenas o limite da razão crítica de 1/6 (“monstro animal ou humano” do cartão IV e “duas figuras humanas” no cartão IX, com 17%), seguidas de perto desta razão pelas respostas “duas figuras humanas” do cartão II (18%), “duas figuras humanas femininas” e “duas figuras humanas ou duas cabeças ou rostos de figuras humanas” no cartão VII (com 19% cada). Após, observam-se três respostas *P* que se encontram no universo da razão crítica de 1/5 (os dois “ursos” do cartão VIII, com 20%; a “borboleta” do cartão I, com 22%; e a “aranha” do cartão X, com 23%). Depois destas, as respostas *P* que fazem parte do conjunto da razão crítica de 1/4 são “dois animais quadrúpedes” do cartão II, com 25%; “dois animais de espécies variadas” do cartão X, com 26%; “pele ou couro de animal ou tapete de pele ou couro de animal” no cartão VI, com 27%; e o “morcego” no cartão I, com 32%). Enfim, as respostas *P* que atingiram o critério a partir de 1/3, sugerido por Rorschach (1953) e atualmente adotado por Exner e colaboradores (1999) são “borboleta” no cartão III, com 33%; “duas figuras humanas” (com, 35%) no cartão III; o “morcego” (com 38%) no cartão V; “duas pessoas” (com 41%) no cartão III; a “borboleta” (47%) no cartão V; e os “dois animais quadrúpedes” no cartão VIII com 72% (1/2).

Tabela 9: Distribuição das respostas populares (*P*) ao Psicodiagnóstico de Rorschach identificadas no grupo de 100 sujeitos deste estudo, classificadas em ordem crescente de frequência (*f*), porcentagem (%) de ocorrência da respostas (1/6) e razão crítica de 1/6 a 1/2.

Cartão	Localização	n.º	Respostas	f	%(*)	Razão crítica
IV	G	1	Monstro animal ou humano **	17	17%	1/6
IX	D laranja	2	Duas figuras humanas **	17	17%	1/6
II	G	3	Duas figuras humanas **	18	18%	1/6
VII	G	4	Duas figuras humanas femininas com a "cabeça ou rosto" no D 1/3 superior **	19	19%	1/6
VII	D 2/3 superiores ou D 1/3 superior	5	Duas figuras humanas no D 2/3 superior com a "cabeça ou rosto" no D 1/3 superior ou duas cabeças ou rostos de figuras humanas no D 1/3 superior **	19	19%	1/6
VIII	D rosa lateral	6	Dois ursos *	20	20%	1/5
I	G	7	Borboleta *	22	22%	1/5
X	D azul lateral	8	Aranha *	23	23%	1/5
II	D preto lateral	9	Dois animais quadrúpedes **	25	25%	1/4
X	D cinza superior	10	Dois animais de espécies variadas **	26	26%	1/4
VI	G ou D inferior	11	Pele ou couro de animal ou tapete de pele ou Couro de animal **	27	27%	1/4
I	G	12	Morcego *	32	32%	1/4
III	D vermelho central	13	Borboleta *♦	33	33%	1/3
III	D preto lateral	14	Duas figuras humanas **♦	35	35%	1/3
V	G	15	Morcego *♦	38	38%	1/3
III	D preto lateral	16	Duas pessoas *♦	41	41%	1/3
V	G	17	Borboleta *♦	47	47%	1/3
VIII	D rosa lateral	18	Dois animais quadrúpedes **♦	72	72%	1/2
Total		18	Respostas P	531	26%	

n.º : Número de cada resposta popular; f : Frequência de ocorrência de resposta.

(*) Porcentagem em relação ao total de 100 sujeitos da amostra.

* : Resposta que obteve uma frequência estatística por si mesma, com um único conteúdo (de conceituação específica) e numa única localização para atingir o critério de *P* de 1/6.

** : Resposta que obteve uma frequência estatística resultante da associação de diversas tipos de respostas⁴⁰, com percepto semelhante, ou com conteúdos diferentes, para atingir o critério de *P* de 1/6.

♦ : Respostas que atingiram o critério *P* equivalente à frequência mínima de 1/3 dos casos, usado em Rorschach (1953) e no Sistema Integrado do Rorschach (Exner, 1995).

⁴⁰ O Apêndice 2 apresenta os diversos tipos de respostas que foram agrupadas para atingirem a frequência estatística de razão crítica de 1/6.

Como já discutido, a lista das respostas populares pode variar de uma cultura para outra, de uma região para outra, dependendo assim de vários fatores, como por exemplo, o meio ambiente e a mentalidade de um povo (Bohm, 1955). Esta hipótese é em parte confirmada por este estudo, pelo fato que a resposta popular do cartão IX (“duas figuras humanas”) não atingiu o critério de frequência em outros estudos (Augras, Sigelmann e Moreira, 1969; Souto e Alencar, 1978; Guerra, 1980; Vaz, 1997; Pasian, 1998). Guerra (1980) e Vaz (1997) encontraram em suas amostras a mesma resposta popular no D central do cartão I, (respectivamente uma “figura humana”, uma “mulher”), resposta ausente neste estudo e nos estudos brasileiros aqui levantados. Em contrapartida, a resposta popular do cartão IX deste estudo (“duas figuras humanas”) está presente na lista das respostas populares estadunidense de Exner (1995).

Observa-se que essa resposta do cartão IX, presente na lista deste estudo e ausente nas outras listas de estudos brasileiros, estabeleceu-se no limite mínimo exigido para se tornar *P* (critério 1/6); o que também ocorreu no estudo de Exner, mas com o critério de 1/3. Por sua vez, Exner (1995) obtém 21% de resposta “borboleta” no cartão III no D vermelho central, não atingindo a frequência de seu critério adotado (1/3), sua porcentagem atinge o critério de 1/5, o que distancia dois pontos de seu critério (1/3). No entanto, a presente pesquisa, que adotou o critério de 1/6, obteve 33% de resposta “borboleta” no cartão III no D vermelho central, atingindo a frequência mínima adotada por Exner, ou seja, a razão crítica de 1/3. Apesar de cada estudo ter adotado critérios diferentes, verifica-se semelhante relação de frequência mínima. Exner (1995), comparando seus resultados com os da amostra de adultos espanhóis de Sendin e com os de sujeitos finlandeses de Fried, diz que, apesar de não poder confirmar, poder-se-ia pensar que as diferenças culturais são bem mais traduzidas pelas respostas populares que estão, justamente, bem próximas do limite do critério necessário, e que é pouco provável que se veja diferença entre cultura por meio das respostas populares que alcançaram altas frequências de ocorrência.

Ao comparar os resultados deste estudo com alguns dos estudos desenvolvidos

no Brasil⁴¹, pode-se notar pontos semelhantes e divergentes entre os resultados deste estudo e os de outras pesquisas brasileiras. Pode-se verificar que, das 18 respostas populares identificadas aqui, nove estão também presentes na lista de 18 populares encontradas por Augras, Sigelmann e Moreira (1969), dez delas aparecem na lista de *P* de Souto e Alencar (1978), sete delas coincidem com a lista de *P* elaborada por Guerra (1980), 11 estão presentes na lista de *P* de Vaz (1997) e 12 na lista de 13 *P* de Pasian (2000). Isto mostra, a presença de elementos de semelhança que predominam entre os dados, sinalizando para similaridades entre sujeitos das diversas regiões estudadas. Um aspecto de diferença entre os dados deste estudo e os citados mais acima, é a presença de *P* no D laranja do cartão IX e ausência desta *P* em todas as outras listas brasileiras (Augras, Sigelmann e Moreira, 1969; Souto e Alencar, 1978; Guerra, 1980; Vaz, 1997; Pasian, 1998). Este dado assinala, de algum modo, uma característica perceptiva que não é comum aos sujeitos que compõem as amostras dos outros estudos.

Cabe, aqui, destacar que, embora a resposta "máscara" no cartão I ocorra, verificou-se que ela atingiu 16% na amostra estudada, resultado muito próximo do critério adotado de 16,7%. Como as respostas populares refletem aspectos intrinsecamente relacionados à cultura, esta resposta "máscara" na amostra mineira e justamente no cartão que coloca em prova a experiência do indivíduo face às situações novas e desconhecidas (Rausch de Traubenberg, 1998), chama a atenção, sugerindo uma investigação mais sistematizada neste sentido. Da mesma forma, a resposta "urso" no cartão VIII é encontrada dentre as listas brasileiras, no estudo de Souto e Alencar (1978) com amostras pernambucanas e de Vaz (1997) com amostras gaúchas, como pode ser verificado no Anexo 6. A resposta "borboleta" no D vermelho central do cartão III presente neste estudo também encontra-se nas listas de *P* de Souto e Alencar (1978), de Guerra (1980) e de Vaz (1997). Em contrapartida, a resposta popular os "dois animais" no cartão X (com 26% de ocorrência) está presente somente na lista de Augras (1967, p.53) com porcentagem de ocorrência bem próxima do presente estudo (25,78%).

Neste estudo, a proporção média de *P* encontrada é de 5,31 respostas (com D.P. = 2,2; mediana = 5; erro padrão 0,22) correspondendo a cerca de 26% para cada

⁴¹ O Anexo 6 expõe as listas de respostas populares de alguns estudos em adultos no Brasil.

protocolo. Pasion (1998) encontrou a média de 4,2 respostas (com D.P. = 1,7 e mediana = 4), correspondendo a cerca de 26% do protocolo. Por sua vez, Guerra (1980, p.22) encontrou um valor médio de 19% de *P*. Vaz (1997, p.97), considera “[...] que uma pessoa normal deve dar no mínimo cinco respostas populares [...]”.

No que se refere às médias encontradas nos diferentes estudos, observa-se que indicam que cerca de um quarto ou um quinto da produtividade no Psicodiagnóstico de Rorschach diz respeito às respostas populares, mesma proporção já citada por Pasion (1998, p.165), o que indica que os sujeitos do presente estudo

tendem a apresentar razoável grau de convencionalidade em seu modo de interpretar os estímulos da realidade. Isto provavelmente deve contribuir para o processo adaptativo do indivíduo ao seu contexto, referencial que, aliás, poderá auxiliar o utilizador do Rorschach ao interpretar desvios significativos nesta variável (*Ban*) num protocolo.

De acordo com o que já foi mencionado, para melhor fundamentar a composição da lista de respostas populares deste estudo, além da adoção do critério clássico de frequência de resposta que se estabelece para considerar uma resposta como sendo popular, a utilização dos conceitos de Jacquemin (1976, 1979 e 1982) de resposta banal específica — *Ban_e* (aqui, *P_e* resposta popular específica) e resposta banal reagrupada — *Ban_r* (*P_r* resposta popular reagrupada), foi de capital importância na decisão da classificação das respostas populares que compõem a presente lista. Deste modo, a obtenção das 18 respostas populares são classificadas como *P_e*, e *P_r* na Tabela 10, com suas respectivas porcentagens de ocorrência na amostra estudada.

Como pode-se observar, na Tabela 10, existem diferentes proporções de frequência das respostas populares. Há algumas, por exemplo, como a “borboleta” (tanto no cartão III como no V), as “duas figuras humanas” e as “duas pessoas” do cartão III, o “morcego” do cartão V e os “dois animais quadrúpedes” do cartão VIII, que alcançaram frequência superior a 33%, ou seja, quase o dobro do critério estabelecido (16,7%), enquanto que outras atingiram quase exatamente apenas a frequência necessária (17%) para serem consideradas respostas populares (por exemplo, as “duas figuras humanas” do cartão IX). Esta análise evidenciou que algumas *P* são realmente muito mais populares do que outras, dado a ser levado em conta na análise qualitativa das especificidades de cada protocolo de Rorschach.

Tabela 10: Distribuição das respostas populares específicas (P_e) e reagrupadas (P_r) ao Psicodiagnóstico de Rorschach, identificadas no grupo de 100 sujeitos deste estudo, com sua respectiva frequência (f) e porcentagem (%) de ocorrência

Cartão	Localização	n.º	Respostas populares		f	%(*)
			Específicas (P_e)	Reagrupadas (P_r)		
I	G	1	Morcego		32	32%
I	G	2	Borboleta		22	22%
II	G	3		Duas figuras humanas **	18	18%
II	D preto lateral	4		Dois animais quadrúpedes **	25	25%
III	D preto lateral	5	Duas pessoas ♦		41	41%
III	D preto lateral	6		Duas figuras humanas **♦	35	35%
III	D vermelho central	7	Borboleta ♦		33	33%
IV	G	8		Monstro animal ou humano **	17	17%
V	G	9	Borboleta ♦		47	47%
V	G	10	Morcego ♦		38	38%
VI	G ou D inferior	11		Pele ou couro de animal ou tapete ***	27	27%
VII	G	12		Duas figuras humanas femininas com a "cabeça ou rosto" no D 1/3 superior **	19	19%
VII	D 2/3 superiores ou D 1/3 superior	13		Duas figuras humanas no D 2/3 superior com a "cabeça ou rosto" no D 1/3 superior ou duas cabeças ou rostos de figuras humanas no D 1/3 superior ***	19	19%
VIII	D rosa lateral	14	Dois ursos		20	20%
VIII	D rosa lateral	15		Dois animais quadrúpedes **♦	72	72%
IX	D laranja	16		Duas figuras humanas **	17	17%
X	D azul lateral	17	Aranha		23	23%
X	D cinza superior	18		Dois animais de espécies variadas **	26	26%
Total		18	8	10	531	26%

n.º : Número de cada resposta popular; f : Frequência de ocorrência de resposta.

(P_e): Resposta que obteve uma frequência estatística por si mesma, com um único conteúdo (de conceituação específica) e numa única localização para atingir o critério de P de 1/6.

(P_r): Resposta que obteve uma frequência estatística resultante da associação de diversos tipos de respostas⁴², com percepto semelhante, ou com conteúdos diferentes, ou ainda vistas em áreas diferentes para atingir o critério de P de 1/6.

(*) Porcentagem em relação ao total de 100 sujeitos da amostra.

** : Tipo de P_r que obteve uma frequência estatística por reagrupamento de diversos tipos de respostas, com percepto semelhante (de conceituação genérica) e numa única localização para atingir o critério P de 1/6.

*** : Tipo de P_r que obteve uma frequência estatística por reagrupamento de diversos tipos de respostas, com percepto semelhante (de conceituação genérica) e em localização diferente para atingir o critério P de 1/6.

⁴² O Apêndice 2 apresenta os diversos tipos de respostas que foram agrupadas para serem classificadas como P_r .

◆ : Respostas que atingiram o critério P equivalente à frequência mínima de 1/3 dos casos, usado em Rorschach (1953) e no Sistema Integrado do Rorschach (Exner, 1995).

Nota-se, também, que algumas P não exigiram reagrupamento de outras respostas para alcançarem o critério de frequência necessário, como é o caso das oito P_e (o “morcego” e a “borboleta” dos cartões I e V, as “duas pessoas” e a “borboleta” do cartão III, os “dois ursos” do cartão VIII e a “aranha” do cartão X). As demais (ou seja, as dez restantes) pertencem as P_r , populares que necessitaram de agrupamento de diversos tipos de respostas com percepto semelhante, ou com conteúdos diferentes, ou ainda vistas em áreas diferentes para atingir o critério de P .

No que diz respeito à frequência de respostas populares que exigiram e não exigiram reagrupamento com outras para alcançarem o critério de P , apresenta-se a Tabela 11 elaborada⁴³ com os dados do presente estudo e os de Pasion (2000).

Verifica-se, na lista de respostas populares do presente estudo, que oito das respostas P que não exigiram reagrupamento com outras para atingir o critério P , quatro delas coincidem e são exatamente o total encontrado de respostas que não exigiram reagrupamento com outras para atingir o critério P na lista de Pasion (2000, p.55). Das quatro outras P_e , duas delas foram reagrupadas para atingir o critério P , no estudo de Pasion (2000), e as outras duas restantes estão ausentes da lista desta pesquisadora. Ao analisar as respostas P reagrupadas (P_r), ou seja, aquelas que exigem reagrupamento para se tornarem respostas P , sete das dez encontradas neste estudo coincidem com as nove detectadas no estudo de Pasion (2000), sendo que uma dessas respostas presente no estudo de Pasion, não necessitou de reagrupamento neste estudo. Em contrapartida, tanto neste estudo quanto no de Pasion, existe uma resposta reagrupada que está presente em um dos estudos e ausente em outro, vice-versa. Portanto, as diferentes frequências de P_e e P_r nesses dois estudos pode traduzir a diferença que existe nos modos de percepção comuns. Nesta análise, a discrepância de frequência de respostas pode evidenciar a diferença que existe entre as diversas regiões.

⁴³ O estudo em adultos de Pasion (2000) foi o único que, disponível no momento, apresenta todos os dados necessários para elaboração desta tabela comparativa.

Tabela 11: Distribuição das respostas populares específicas (P_e) e reagrupadas (P_r) ao Psicodiagnóstico de Rorschach, identificadas no grupo de 100 sujeitos deste estudo e no grupo de 405 sujeitos de Pasion (2000), com sua respectiva frequência (f) e porcentagem (%) de ocorrência.

Cartão	Localizações	Respostas populares obtidas nesse estudo				Respostas populares obtidas por Pasion (2000)*			
		P_e	P_r	f	%(*)	P_e	P_r	f	%(**)
I	G	Morcego		32	32%	Morcego		205	51%
I	G	Borboleta		22	22%	Borboleta		90	22%
II	G		Duas figuras humanas	18	18%				
II	D preto lateral		dois animais quadrúpedes	25	25%		Dois animais quadrúpedes	104	26%
III	D preto lateral	Duas pessoas		41	41%				
III	D preto lateral		Duas figuras humanas	35	35%		Figuras humanas	247	61%
III	D vermelho central	Borboleta		33	33%				
IV	G		Monstro animal ou humano	17	17%		Monstro animal	70	17%
V	G	Morcego		38	38%	Morcego		211	52%
V	G	Borboleta		47	47%	Borboleta		102	25%
VI	G						Pele de animal	68	17%
VI	G ou D inferior		Pele ou couro de animal ou tapete de pele ou couro de animal	27	27%				
VII	G		Duas figuras humanas femininas com a "cabeça ou rosto" no D 1/3 superior	19	19%		Duas figuras femininas	68	17%
VII	D 1/3 superior		Duas figuras humanas no D 2/3 superior com a "cabeça ou rosto" no D 1/3 superior ou duas cabeças ou rostos de figuras humanas no D 1/3 superior	19	19%		Dois rostos de figura feminina	72	18%
VII	D 1/3 superior						Cabeça de animal	74	18%
VIII	D rosa lateral	Dois ursos		20	20%				
VIII	D rosa lateral		Dois animais quadrúpedes	72	72%		Dois animais quadrúpedes	321	79%
IX	D laranja		Duas figuras humanas	17	17%				
X	D azul lateral	Aranha		23	23%		Aranha ou caranguejo	69	17%
X	D cinza superior		Dois animais de espécies variadas	26	26%				
Total		8	10	531	26%	4	9	1701	26%
			18				13		

*Fonte: adaptada de Pasion (2000, p.55)

P_e : Resposta que obteve uma frequência estatística por si mesma, com um único conteúdo (de conceituação específica) e numa única localização para atingir o critério de P de 1/6.

P_r : Resposta que obteve uma frequência estatística resultante da associação de diversos tipos de respostas, com percepto semelhante, ou com conteúdos diferentes, ou ainda vistas em áreas diferentes para atingir o critério de P de 1/6.

f : Frequência de ocorrência de resposta.

(*) Porcentagem em relação ao total de 100 sujeitos da amostra.

(**) Porcentagem em relação ao total de 405 sujeitos da amostra de Pasion (2000, p.55).

Parece que as respostas que apresentam alta frequência em todas as listas de respostas populares, ou seja, aquelas chamadas populares universais (Klopper e Kelley, 1977), ou "banalidades das banalidades" (Loosli-Usteri, 1959, p.99), representam os contornos mais característicos do estímulo em relação à realidade objetiva, ou seja, seus engramas perceptivos moldam-se facilmente à imagem que o sujeito associou.

É necessário comentar que, caso se mantivesse fiel ao critério de delimitação *P* proposto por Rorschach, a lista de respostas populares seria constituída apenas de seis respostas populares, ao contrário das 18 consideradas neste estudo.

Constata-se que a utilização de um ou outro critério afeta diretamente os resultados deste fator, o que virá, sem dúvida, repercutir na análise qualitativa do Psicodiagnóstico de Rorschach. Fica, assim, evidente, por este fator específico da cotação, o efeito da diversidade dos critérios de definição desta variável do Rorschach sobre a posterior elaboração de padrões normativos, a merecerem sempre a devida atenção pelo utilizador deste instrumento projetivo.

5 CONCLUSÃO

A resposta popular é um fator adicional da resposta-Rorschach. A identificação desta característica da resposta ao Psicodiagnóstico de Rorschach é uma tarefa árdua, pois exige a identificação de praticamente todas as outras características da resposta-Rorschach.

Um primeiro problema encontrado na identificação das respostas populares relacionou-se com o critério a ser adotado na sua determinação. Rorschach privilegiava a base estatística deste fator, adotando o critério de “um em três”, sem, no entanto, propor justificativas para este valor.

Nos estudos que abordam o assunto, verificou-se uma diversidade de critérios adotados para o estabelecimento de listas de respostas populares, destacando-se a questão do reagrupamento ou não das respostas para a delimitação destas listas, o que se constitui um problema para área. A partir disto, constatou-se a dificuldade de identificar o número total de respostas populares existentes em cada lista, as quais se teve acesso, quando o estudo requeria uma análise comparativa dos dados. Essa dificuldade reside na ausência de estabelecimento de critérios que permitem apontar, exatamente, a quantidade de respostas populares constantes nas listas dos autores pesquisados.

Tendo em vista uma melhor classificação, delimitação, demonstração e, por conseqüência, clareza na listagem das respostas populares, além de adotar o critério básico para a determinação das P , essas respostas foram classificadas como respostas populares específicas (P_e) e respostas populares reagrupadas (P_r), noções fundamentais introduzidas por Jacquemin (1976) que foram utilizadas no presente estudo. É preciso destacar que, no Brasil, em relação aos estudos analisados, somente um deles faz alusão a essas noções. Assim, pode-se dizer que esses elementos constituem um alerta para os futuros pesquisadores, que pretendem estudar esta variável no Psicodiagnóstico de Rorschach.

Outro resultado bastante significativo refere-se ao perfil global, de desempenho dos sujeitos, nesta prova projetiva, evidenciando um número diferente de respostas em relação aos vários cartões *stimulus*-Rorschach, o que mostra a sensibilidade dos sujeitos aos diversos estímulos. Portanto, a partir da produtividade diferenciada, pôde-se observar que as características dos *stimuli*-Rorschach produzem diferentes tipos de associações.

A análise da comparação desses resultados com os resultados de alguns estudos desenvolvidos no Brasil, no que diz respeito à produtividade em cada cartão, indicou não haver diferenças significativas na maioria desses estudos. Em contrapartida, houve um estudo que indicou haver diferença estatisticamente significativa. A grande disparidade entre os tamanhos amostrais parece ter contribuído para a obtenção deste resultado, que, por esse motivo, deve ser utilizado com cautela.

A afirmação de alguns estudiosos, que a lista de respostas populares pode variar de uma cultura para outra e de uma região para outra, de acordo com os fatores do meio ambiente e a mentalidade de um povo, em parte é confirmada pelas diferentes respostas encontradas nas listas de outros estudos realizados no Brasil.

É preciso ressaltar que, em todas as listas de respostas populares revistas neste estudo, observa-se a ausência de respostas populares no cartão IX, contudo, é interessante observar que no referido cartão do presente estudo, registrou-se uma resposta com ocorrência situada no limite do critério necessário para ser considerada como uma resposta popular. É também interessante verificar que foi encontrada na lista de *P* estadunidense de Exner (1995), exatamente a mesma resposta detectada no presente estudo. Este estudioso, apesar de não poder confirmar, declara que se poderia pensar que as diferenças culturais são bem mais traduzidas pelas respostas populares, que estão, justamente, bem próximas do limite do critério necessário. Para ele, é pouco provável que se veja diferença entre cultura por meio das respostas populares que alcançaram altas freqüências de ocorrência. Isto justifica que futuras pesquisas poderão investigar as razões dessas diferenças.

Pode-se concluir que as diferenças regionais do Brasil se pronunciam nas diferentes listas de respostas populares existentes no país, pois, apesar de os pesquisadores

adotarem o mesmo o critério, obtiveram listas de respostas populares diferentes, tanto no que diz respeito ao total de respostas listadas quanto na variedade dessas respostas.

Constata-se que a utilização de um ou outro critério para considerar uma resposta *P*, afeta diretamente os resultados deste fator, o que virá, sem dúvida, repercutir na análise qualitativa do Psicodiagnóstico de Rorschach. Neste estudo se fosse adotado o critério de Rorschach (1/3), a lista de respostas populares seria composta somente de seis respostas, ao contrário das 18 obtidas neste estudo.

Para que se possa trabalhar de modo mais objetivo com essa categoria de resposta ao Psicodiagnóstico de Rorschach, é indispensável que os pesquisadores se sensibilizem para a urgência de homogeneizar os critérios utilizados na determinação das respostas populares e elaborar listas de respostas populares de acordo com as características específicas da população.

Neste sentido é fundamental o rigor na descrição de como foram classificadas as respostas populares e essencial o uso desses critérios de resposta popular específica e reagrupada. Esse tipo de consideração em outros estudos permitiria análises mais profundas a respeito das especificidades surgidas, assim como sua relação com a cultura e a época em que foram realizados os estudos.

Esses conceitos de Jacquemin poderiam ser analisados numa outra perspectiva. O próprio Jacquemin (1976) pondera a resposta popular em função de sua frequência e de seu grau de especificidade, baseando-se, então, numa avaliação quantitativa e qualitativa, o que lhe permitiu fazer uma interpretação mais individualizada dessa resposta.

O presente estudo centrou-se na identificação das respostas populares e na classificação destas respostas como respostas populares específicas e reagrupadas. Contudo, percebe-se a possibilidade de fazer outros estudos, estabelecendo relações entre as respostas populares listadas com características específicas da amostra, como o grau de instrução e gênero. A população do 1º grau, por exemplo, forneceria mais respostas populares específicas ou reagrupadas? Nesse sentido, sugere-se estudos de forma a verificar esse tipo de hipótese.

Como já exposto na fundamentação teórica, para identificar as respostas populares fez-se necessário levantar outras características da resposta-Rorschach. É preciso salientar que a análise de protocolos de Rorschach possibilita o estudo de aproximadamente 50 variáveis. Futuramente, essas variáveis podem ser analisadas, de acordo com as modalidades de análise dos protocolos de Rorschach propostas pela escola francesa do Rorschach e trazer outros dados sobre a população amostrada, como por exemplo os três grandes grupos de fatores que exploram as condutas intelectuais ou o investimento da inteligência, a socialização e a relação com o real, e a dinâmica afetiva.

Em decorrência do melhor aproveitamento dos dados referentes aos critérios utilizados para identificação das respostas populares, espera-se ter contribuído para o enriquecimento desta prova projetiva.

REFERENCIAS

ADRADOS, Isabel. **Teoria e prática do teste de Rorschach**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1975. 467 p.

_____. **Rorschach na adolescência normal e patológica**. Petrópolis: Vozes, 1976. 384 p.

_____. **Técnica de Rorschach : atlas e dicionário para criança e pré-adolescentes**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983. 434 p.

_____. **A técnica de Rorschach em crianças**: perfil psicológico da criança dos 7 aos 14 anos. Petrópolis: Vozes, 1985. 134 p.

AMES, Louise Bates; LEARNED, Janet.; METRAUX, Ruth W.; WALKER, Richard N. **El Rorschach infantil**. Versión Nuria Cortada de kohan. Buenos Aires: Paidós, 1961. 331 p. Original inglês.

ANASTASI, Anne; URBINA, Susana. **Testagem Psicológica**. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese 7. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. 575 p. Original inglês.

ANDERSON, Harold H.; ANDERSON, Gladys L. **Técnicas projetivas do diagnóstico psicológico**. Tradução Elza Bennett. São Paulo: Mestre Jou, 1967, cap. XII, p.345-370. Original inglês.

ANZIEU, Didier. **Les méthodes projectives**. Paris: P.U.F., 1960. 286 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação**: referências – elaboração: 6023: 2000. Rio de Janeiro, 2000. 71 p.

AUGRAS, Monique. Estudos para padrões brasileiros do Rorschach. **Arquivos Brasileiros de Psicotécnica**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p.45-54, jun. 1967.

AUGRAS, Monique; SIGELMANN, Elida; MOREIRA, Maria Helena. **Teste de Rorschach: Atlas e dicionário** - Padrões preliminares para o meio brasileiro. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1969. 227 p.

BARRETO, Anita Pais. Psicotécnica e psiquiatria. **Neurobiologia**, Recife, tomo VIII, n.1, p. 159-182, set. 1945.

_____. O Psicodiagnóstico de Rorschach aplicado a crianças. **Neurobiologia**, Recife, tomo XVIII, n.3, p. 169-182, set. 1955.

BECK, Samuel J. **Le test de Rorschach**. Traduction Didier Anzieu et Anne-Marie Touzard. Paris: P.U.F., 1967-1968. 2 v. 1226 p. Original inglês.

BEIZMANN, Cécile. **Le Rorschach chez l'enfant de 3 à 10 ans**. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé, 1961. 295 p.

BELLAK, Leopold. **The Thematic Apperception Test and The Children's Apperception Test in clinical use**. New York: Grune & Stratton, 1954, p.12-21.

BÍBLIA de Jerusalém. A. T. **Eclesiastes**. 5. Impressão. São Paulo: Paulinas, 1991, p.1167.

BLEULER, Eugen. **Psiquiatria**. Tradução Eva Nick. 15. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985. Original alemão.

BOHM, Ewald. **Traité du Psychodiagnostic de Rorschach**. Traduction B. Reymond-Rivier. Paris: P.U.F., 1955. 2 v. 633 p. Original alemão.

_____. **Manual del psicodiagnóstico de Rorschach**. Version Agustin Serrate 2. ed. corrigida y aumentada. Madrid: Morata, 1968. 559 p. Original alemão.

_____. **Manual del psicodiagnóstico de Rorschach**. Version Agustin Serrate 6. ed. Madrid: Morata, 1977. 559 p. Original alemão.

_____. **Manual del psicodiagnóstico de Rorschach**. Version Agustin Serrate 8. ed. Madrid: Morata, 1984. 559 p. Original alemão.

BRASIL. Lei n.º 9.503, de 23 de setembro de 1997, com alterações na Lei n.º 9.602, de 21 de janeiro de 1998. Dispõe sobre o **Código de Trânsito Brasileiro – CTB**, Capítulo XIV da habilitação, Art. 140 e 147 Disponível em: <<http://www.detranet.prodemge.gov.br/detran/legislac.htm>>. Acesso em: 7 jun. 2002.

CAMPOS, Alda; ARAUJO SILVA, Maria da Graça. O Teste de Rorschach em 100 adulto normais. **Neurobiologia**, Recife, tomo XVI, n.2, p. 135-159, jun. 1953.

CANIVET, Nella; MORALI-DANINOS, André. **Manuel: La technique du Test "Z"**. Paris: Centre de Psychologie Appliquée, 1955. 120 p.

CANIVET, Nella. Introduction a une discussion sur les contenus dans le Rorschach. **Bulletin du Groupement Français de Rorschach**, Paris, n.8, p.11-17, juin 1956.

CAVALCANTI BORGES, J. C. O teste de Rorschach em epilepticos. **Neurobiologia**, Recife, tomo I, n.1, p. 27-35, jun. 1938.

CERQUEIRA, Luiz. O psicodiagnóstico de Rorschach. **Neurobiologia**, Recife, tomo IX, n.4, p. 239-260, dez. 1946.

_____; VIEIRA, Marcos Vinícius Machado; VIEIRA, Dahyl Marina Machado. Uma pesquisa sobre o teste de Rorschach coletivo. **Neurobiologia**, Recife, tomo XVII, n.3, p. 149-230, set. 1954.

CHABERT, Catherine. **Le Rorschach en clinique adulte**. Interpretation psychanalytique. Paris: Dunod, 1983. 304 p.

_____. **Psychanalyse et méthodes projectives**. Paris: Dunod, 1998. 124 p.

CHIVA, M. L'élaboration statistique des données du Rorschach. **Psychologie Française**, Paris, tome 18, n. 4, p.195-212, 1973.

COELHO, Lúcia Maria Salvia. **Epilepsia e Personalidade**. 1. ed. 2. Impressão. São Paulo: Ática, 1978. 509 p.

COMREY, Andrew L. **CPS**. Escala de Personalidade de Comrey. Manual. Versão original brasileira Aroldo Rodrigues, versão revisada por Flavio Rodrigues Costa. São Paulo: Vetor, 1997. 36 p.

EXNER Jr., John E. **Sistema comprensivo del Rorschach**. Traducción primera edición Carmen Vizcarro Guarch. Madrid: Pablo del Rio, 1978, tomo II. 304 p. Original inglés.

_____. **Sistema comprensivo del Rorschach**. Traducción del primera edición Maria Teresa Roqueta y Carmen Vizcarro Guarch. Madrid: Pablo del Rio, tomo III, 1981. 487 p. Original inglés.

_____. **Le Rorschach : Un système intégré**. Théorie et Pratique. Traduction de la 3e ed. du Vol. 1 Anne Andronikof-Sanglade. Embourg et Paris: MARCO PIETTEUR&FRISON-ROCHE, 1995. 481 p. Original inglés.

_____. **Manual de classificação do Rorschach para o sistema comprensivo**. Tradução Antonio Carlos Pacheco e Silva Neto. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. 322 p. Original inglés.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de; MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade; BORGES, Stella Maris. **Manual para normalização de publicação técnico-científicas**. 5. ed. rev. Belo Horizonte: UFMG, 2001. 221 p. (Coleção Aprender)

FRANK, Lawrence K. **Projective methods**. 5nd ed. Springfield: Charles C. Thomas, 1948. 86 p.

FREUD, Sigmund. Estudios sobre la histeria Cotidiana. *In*: _____. **Obras completas**. Traducción Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. 3. ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973a, tome I, p.39-208. Original alemán.

_____. Observaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranóia. *In*: _____. **Obras completas**. Traducción Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. 3. ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973b, tome II, p.1487-1528. Original alemán.

_____. Psicopatología de la Vida Cotidiana. *In*: _____. **Obras completas**. Traducción Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. 3. ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973c, tome I, p.755-931 Original alemán.

_____. Totem y Tabu. In: _____. **Obras completas**. Traducción Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. 3. ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973d, tome II, p.1745-1850.

GINSBERG, Aniela Meyer. Um estudo de 100 jovens bahianos, com o teste de Rorschach. **Neurobiologia**, Recife, tomo XIII, n.1, p. 1-50, mar. 1950.

_____. A respeito do teste de Rorschach. Uma nova técnica. **Revista de Psicologia Normal e Patológica**, São Paulo, ano V, n. 1-2, p. 133-154, jan./jun. 1959.

GUERRA, Alba Gomes. **O Psicodiagnóstico de Hermann Rorschach**: atlas e dicionário. Petrópolis: Vozes, 1980. 327 p.

_____. O analfabeto: pobreza cognitiva e especificidade de desempenho em testes de avaliação de personalidade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p.97-112, jan./mar. 1984.

HAMMER, Armand. **Le Codex Hammer de Léonard de Vinci**: Les eaux, la terre, l'univers. Traduction Armand Hammer Foundation. Paris: Institut de France Musée Jacquemart-André, 1982. 136 p. Original italiano.

HATHAWAY, S. R.; MCKINLEY, J. C. **Inventário Multifásico Minesota de Personalidade** (Minnesota Multiphasic Personality Inventory) MMPI: Manual. Tradução e adapt. Pe. A. Benko e Roberto J. P. Simões. Rio de Janeiro: CEPA, 1971. 60 p. Original inglês.

HOUAISS, A.; VILLAR, M de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IRMEN, Friedrich. **Langenscheidts Wörterbuch der Portugiesischen und Deutschen Sprache**. Zürich: Neuauflage, 1982.

JACQUEMIN, André A. As respostas banalidades — Ban. Problema dos critérios e da ponderação. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 4, p.97-105, out./dez. 1976.

_____. **O teste de Rorschach em crianças brasileiras** — Pesquisa e atlas. São Paulo: Vetor, 1977a. 363 p.

_____. Évolution des réponses banales dans le Rorschach chez des enfants brésiliens. **Bulletin de Psychologie**, Paris, tome XXXI, n. 332, p. 138-142, nov./déc. 1977b.

_____. **Contribuição à interpretação do teste de Rorschach — validação das respostas Ban ponderadas — Banp**. 1979. 73 f. Tese (Livro Docência) — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1979.

_____. Contribuição à interpretação do teste de Rorschach — validação das respostas Ban ponderadas — Banp. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p.72-84, abr./jun. 1982.

_____. O problema dos critérios no Teste de Rorschach. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p.64-67, jan./mar. 1987.

KERNER, Justinus. *apud* BOHM, Ewald. **Traité du Psychodiagnostic de Rorschach**. Traduction B. Reymond-Rivier. Paris: P.U.F., 1955, p.9. Original alemão.

KLOPFER, Bruno; KELLEY, Douglas McGlashan. **Técnica del psicodiagnóstico de Rorschach**. Traducción Delia Carnelli. Buenos Aires: Paidós, 1977. 349 p. Original inglês.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.-B. **Vocabulaire de la Psychanalyse**. 7e ed. Paris: P.U.F., 1981.

LELÉ, Álvaro José; FIALHO, Francisco Antônio Pereira. Teste de Rorschach : Um estudo do fator adicional da resposta-Rorschach. *In*: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE RORSCHACH E OUTRAS TÉCNICAS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA, 4., 2001, Itatiba. **Anais...** Itatiba: 2001, p.173.

LEME LOPES, José. O Psico-diagnóstico de Rorschach na consulta medico-psicológica. **Boletim do Instituto de Puericultura**, Rio de Janeiro, ano I, n.1, p. 63-94, 1938.

LOOSLI-USTERI, Marguerite. **Manuel pratique du test de Rorschach**. Paris: Hermann, 1958. 216 p.

_____. **Manual práctico del test de Rorschach**. Traducción Concepción Sainz-Amor. Madrid: RIALD, 1965. 306 p.

LÖPFE, A. *apud* LOOSLI-USTERI, Marguerite. **Manuel pratique du test de Rorschach**. Paris: Hermann, 1958, p.99

LORENÇO FILHO, M.B. *apud* AUGRAS, Monique; SIGELMANN, Elida; MOREIRA, Maria Helena. **Teste de Rorschach: Atlas e dicionário - Padrões preliminares para o meio brasileiro**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1969, p. v-viii.

LORETO, Galdino; GOMES LINS, Salustiano. Resultados de cem Psicodiagnóstico de Rorschach aplicados em delinquentes. **Neurobiologia**, Recife, tomo XI, n.2, p. 202-220, jun. 1948.

LORETO, Galdino. Sôbre as possibilidades diagnósticas do test de Rorschach aplicado em pacientes sob a ação do Pervitin endovenoso. **Neurobiologia**, Recife, tomo XVI, n.3, p. 379-399, set. 1953.

LUCENA, José; CAMPOS, Alda; ARAUJO, Maria da Graça R.; LORETO, Galdino. O test de Rorschach em um grupo de adolescentes. **Neurobiologia**, Recife, tomo XI, n.4, p. 274-344, dez. 1948.

LUCENA, José. Modificações psicológicas observadas no decorrer do choque hipoglicêmico de Sakel. **Neurobiologia**, Recife, tomo XV, n.2, p. 59-208, jun. 1952.

_____; CAMPOS, Alda; ARAUJO e SILVA, Maria dá Graça. O Test de Rorschach em um grupo de paráliticos gerais. **Neurobiologia**, Recife, tomo XVI, n.2, p. 101-126, jun. 1953.

_____; CAMPOS, Alda; ARAUJO e SILVA, Maria da Graça de. Alguns resultados da aplicação do test de Rorschach a um grupo de estrangeiros residentes em Pernambuco. **Neurobiologia**, Recife, tomo XVII, n.4, p. 231-258, dez. 1954.

MACHOVER, Karen. O traçado da Figura Humana: Um Método para Estudo da Personalidade. *In*: ANDERSON, Harold H.; ANDERSON, Gladys L. **Técnicas projetivas do diagnóstico psicológico**. Tradução Elza Bennett. São Paulo: Mestre Jou, 1967, cap. XII, p.345-370. Original inglês.

OBERHOLZER, Emil *apud* BOHM, Ewald. **Traité du Psychodiagnostic de Rorschach**. Traduction B. Reymond-Rivier. Paris: P.U.F., 1955, p.121-127 Original alemão

PALEM, Robert-Michel. **Le Rorschach des schizophrènes**. Paris: Universitaires, 1969. 279 p.

PASIAN, Sonia Regina. **O Psicodiagnóstico de Rorschach: Um estudo normativo em adultos na região de Ribeirão Preto (SP)**. 1998. 2 v. 346 f. Tese (Doutorado em Saúde Mental) - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1998.

_____. **O Psicodiagnóstico de Rorschach em Adultos: atlas, normas e reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. 260 p.

PASQUALI, Luiz; AZEVEDO, Maria Mazzarello; GHESTI, Ivânia. **Inventário Fatorial de Personalidade**. IFP. Manual Técnico e de Aplicação São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 61 p.

_____. (org). **Técnicas de exame psicológico – TEP: manual-Volume I: fundamentos das técnicas psicológicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 233 p.

PEREIRA, Ana Maria Teresa Benevides. **Introdução ao método de Rorschach**. São Paulo: EPU, 1987. 94 p.

PESSOA, Fernando. **O eu profundo e os outros eus**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1976, p.152-3.

PICHOT, Pierre. Centenaire de la naissance d'Hermann Rorschach. **Revue de Psychologie Appliquée**, Paris, v. 34, n. 1, p.1-7, 1er trimestre 1984. Numéro exceptionnel publié à l'occasion du centenaire de la naissance de Hermann Rorschach.

PIOTROWSKI, Zygnot. A. **Perceptanalysis: A fundamentally reworked, expanded and systematized Rorschach Method**. New York: The MacMillan Company, 1957.

PRIMEIRAS JORNADAS BRASILEIRAS SOBRE O PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH – **Trabalhos originais**. Rio de Janeiro: CEPA, 1967. 231 p.

QUINTELA, Gloria. Fernandina. Psicodiagnóstico de Rorschach. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 1, p.7-28, mar. 1955a.

_____. Psicodiagnóstico de Rorschach. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 2, p.75-112, jun. 1955b.

_____. Psicodiagnóstico de Rorschach. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 3, p.47-55, set. 1955c.

RAPAPORT, David. **Tests de diagnóstico psicológico**. Traducción Eduardo Loedel. Buenos Aires: Paidós, 1965. 323p. Original inglês.

RAUSCH de TRAUBENBERG, Nina. Réflexions à propos de l'utilisation du Rorschach dans la recherche. **Bulletin du Groupement Français de Rorschach**, Paris, n. 12, p.29-31, juin 1961.

_____. **La pratique du Rorschach**. Paris: P.U.F., 1970.

_____. **A prática do Rorschach**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1975. 167 p. Original francês.

_____. **Activité perceptive et activité fantasmatique dans les Rorschach d'enfants et d'adolescents**. 1981. 160 f. Thèse (Doctorat d'État es Lettres et Sciences Humaines) - Université Paris X, Paris, 1981.

_____. Activité perceptive et activité fantasmatique au test de Rorschach. Le Rorschach: espace d'interactions. **Psychologie Française**, Paris, tome 28, n. 2, p.100-103, juin 1983. ISSN: 0033-2984.

_____. **La pratique du Rorschach**. 6e ed. Paris: P.U.F., 1990. 258 p.

_____; BLOCH-LAINÉ, Francine; DUPLANT, Nicole; MARTIN, Michel; POGGIONOVO, Marie-Paule. Le Rorschach à l'adolescence: la clinique du normal. **Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de la Langue Française**, Paris, n. 37, p.7-39, 1993. ISSN: 1148-8271.

_____. **La pratique du Rorschach**. 8e ed. Paris: P.U.F., 1997. 258 p.

_____. **A prática do Rorschach**. Tradução da 8. ed. Álvaro José Lelé. São Paulo: Vetor, 1998. 276 p. Original francês.

ROCHA, Zaldo. Sobre a possibilidade da utilização do cardiazol associado ao sono no tratamento de doentes psicóticos. **Neurobiologia**, Recife, tomo XVII, n.4, p. 259-273, dez. 1954.

RORSCHACH, Hermann. **Psychodiagnostic**. Traduction de la 4e ed. André Ombredane et Augustine Landau. 2. ed. Paris: P.U.F., 1953. 372 p. errata p. 373. Original alemão.

_____. **Psychodiagnostik**. 7. Aufl. Bern: Hans Huber, 1954. 332 p.

_____. **Psicodiagnóstico**. Traduzido da 8. ed. Marie Sophie de Villemor Amaral. 1. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1967. 302 p. Original alemão.

_____. **Psicodiagnóstico**. Traducción 6. ed. Buenos Aires: Paídos, 1972. 263 p. Original alemão.

SANTOS, Ernesto; ABREU e SILVA NETO, Norberto. **A ética no uso dos testes psicológicos, na informatização e na pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. 121 p.

SARAIVA, Paulo. **O teste de Rorschach em psiquiatria infantil**. 1961. 207 f. Tese (Livre Docência) — Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1961.

SCHAFER, Roy. *apud* RAUSCH DE TRAUBENBERG, Nina. **A prática do Rorschach**. Tradução da 8. ed. Álvaro José Lelé. São Paulo: Vetor, 1998, p.11. Original francês.

SIEGEL, Sidney. **Estatística não-paramétrica**. Para as ciências do comportamento. Recife-PE: McGRAW-Hill do Brasil, 1981. 350 p.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. e atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a distância da UFSC, 2001. 121p. edição eletrônica Acrobat Reader 4.0

SILVA, Nilza Nunes da. **Amostragem probabilística**. 2. ed. rev. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001. (Acadêmica, 18).

SILVEIRA, Anibal. **Prova de Rorschach** : elaboração do psicograma. São Paulo: Tipografia Edanee S.A., 1964. 309 p.

SOUSA, Cícero Christiano de. **O método de Rorschach**. Introdução de Douglas M. Kelley. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953. 274 p.

SOUTO, Maria do Carmo; ALENCAR, Maria de Fátima Barreto. Psicodiagnóstico de Rorschach: padronização de respostas fornecidas por pessoas de nível universitário. **Neurobiologia**, Recife, 41, 1, p. 43-212, jan./mar. 1978.

SPIEGEL, Murray Ralph. **Estatística**. Tradução rev. e adap. Carlos Augusto Crusius. 2. ed. São Paulo: McGRAW-HILL do Brasil, 1985. 454 p. Original inglês.

UNIVERSITÉ RENÉ DESCARTES. **Listes des banalités**. Document de travail destiné aux étudiants du Diplôme universitaire de psychologie projective. Paris: Centre Henri Piéron - U.E.R. Institut de psychologie, [1999?]. 1 p. Mimeografado.

VAZ, Cicero Emidio. **O Rorschach : Teoria e desempenho**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Manole, 1997. 317 p.

VEIT, Roberto. O Test de Rorschach (novo test de alto valor diagnostico para a psychologia e psiquiatria). **Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo**, São Paulo, v. I, n.1, p. 109, out. 1934/dez. 1935, 1935.

VIANNA GUERRA, C. As respostas das crianças de 3-8 anos ao Psicodiagnóstico de Rorschach. **Boletim do Instituto de Psicologia**, Rio de Janeiro, ano 8, n.3-4, p. 20-31, mar./abr. 1958.

VINCI, Leonardo da. *apud* ADRADOS, Isabel. **Teoria e prática do teste de Rorschach**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1975, p.3.

_____. *apud* HAMMER, Armand. **Le Codex Hammer de Léonard de Vinci: Les eaux, la terre, l'univers**. Traduction Armand Hammer Foundation. Paris: Institut de France Musée Jacquemart-André, 1982. 136 p. Original italiano.

WECHSLER, Solange Muglia. In: PASQUALI, Luiz (org). **Técnicas de exame psicológico – TEP: manual-Volume I: fundamentos das técnicas psicológicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, cap.6, p.171-193.

_____. Guia de procedimentos éticos para a avaliação psicológica. In: _____; GUZZO, Raquel Souza Lobo (org.). **Avaliação psicológica**. - Perspectiva internacional. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. cap.1, p.133-141.

WEINER, Irving B. **Princípios da interpretação do Rorschach**. Tradução Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. 405 p. Original inglês.

WINDHOLZ, Margarida Hofmann. **Rorschach em crianças**. A pesquisa. São Paulo: Vetor, Vol. 1, 1969a. 158 p.

_____. **Rorschach em crianças**. Catálogo de respostas. São Paulo: Vetor, Vol. 2, 1969b. 280 p.

WORKSHOP DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE RORSCHACH E OUTROS MÉTODOS PROJETIVOS, 2., 1997, Ribeirão Preto, SP. **Normas padronizadas para aplicação do Método de Rorschach**. Ribeirão Preto, SP: Sociedade Brasileira de Rorschach, FFCLRP-USP, [1997?]. Não publicado. Xerocado. 3 p.

ANEXO 1

NOMENCLATURA UTILIZADA NA COTAÇÃO DAS RESPOSTAS DOS
PROTOCOLOS DO PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH

(Sistema da escola francesa)

Conforme Rausch de Traubenber, 1998.

Códigos	Definição
R	Número total de respostas.
Rad	Número total de respostas adicionais.
Rampl.	Número de resposta ampliada: Rampl. = R + Rad.
Recusa	Ausência de resposta no cartão.
T. lat ou TL	Tempo de latência ou de reação: o tempo decorrido entre a apresentação de cartão e a primeira resposta.
T. lat. Med ou T.L.M.	Tempo de latência ou de reação média: o tempo de latência nos 10 cartões dividido por 10 ou (10 menos o número de cartões recusadas).
T. t ou TT	Tempo total: tempo total da passagem da prova (não incluído o inquérito).
T./cartão.	Tempo por cartão: tempo de passagem de cada cartão.
T./rep. ou T/R	Tempo por resposta: tempo total dividido pelo número de respostas.
^ v > < @	Posição do cartão, viradas, rotações: ^ ^ posição direita ou original (normal). v v posição invertida (180°); > > posição lateral direita (90°); < < posição lateral esquerda (90°); @ @ giro total do cartão (360°);

Localizações = Tipo ou modo de apreensão	
Códigos	Definição
G	Resposta global: cota-se G toda vez que a interpretação é feita a mancha no seu todo
G	Resposta global cortada ou amputada: se um pequeno detalhe é excluído da resposta global.
Gtec	Resposta global técnica. Uma única exceção no cartão : — No cartão III na posição direita ou normal, os personagens vistos nas partes negras laterais são cotados G "mesmo quando as partes em vermelho" (Rorschach, 1967, p.39) e o D cinza mediano for excluído; — No cartão III na posição invertida: localização negra + o branco interior = G. Obs.: para diferenciar do G (interpretação feita a mancha no seu todo) adotou-se o símbolo Gtec.

(Continuação) Localizações = Tipo ou modo de apreensão	
Códigos	Definição
D/G ou (D)G	Resposta global construída a partir da combinação de um ou vários D.
DG ou G confabulado	Resposta global construída a partir de um D ou Dd: seja por uma generalização arbitrária a partir de um detalhe corretamente percebido, seja por extensão de um conjunto da mancha de uma imagem percebida em um detalhe. Os DG são por definição formalmente inadequados, mal vistos (F-). Obs.: para diferenciar do D/G retirou-se a “/”, ou seja, DG.
Dd/G	Resposta global construída a partir de um Dd.
DbI/G ou (DbI)G	Resposta global construída a partir de um DbI.
Gbl ou G/bl	Resposta global com integração do branco (DbI)
G/bl	Resposta global cortada ou amputada com integração do branco (DbI)
D	Resposta de detalhe comum: cota-se D quando a interpretação é feita sobre uma parte facilmente isolada do conjunto. Trata-se de um corte frequentemente dado (1 vez a cada 22) que se impõe à percepção e que é determinada estatisticamente. Toda combinação de D é cotado D.
Dd/D	Resposta de detalhe comum construída a partir de um Dd.
DbI/D	Resposta de detalhe comum construída a partir de um DbI.
D/bl	Resposta de detalhe comum com integração do branco.
Dd	Resposta de detalhe raro: pode-se tratar de pequeninos detalhes, de recorte raros, ou ainda detalhes grandes mas bizarramente delimitados na mancha. Eles não se impõem à percepção. Estatisticamente deve ser menor que proporção 4,5%.
Dd/bl	Resposta de detalhe raro com integração do branco.
DbI/Dd	Resposta de detalhe raro construída a partir de um DbI.
DbI	Resposta de detalhe branco: cota-se DbI quando a interpretação é feita unicamente sobre uma parte branca situada no exterior ou no interior da mancha: detalhe intermacular ou detalhe extamacular. — Caso particular: no cartão IX o detalhe intermacular central é cotado DbI logo que somente a forma for determinante e é cotado D quando a cor é levada em consideração. É então uma cor entre as outras.
DdbI	Resposta de pequeno detalhe branco.
Di	Resposta de detalhe inibitório, antigo detalhe oligofrênico (Do) (cf. Nota do tradutor Rausch de Traubenbergl, 1998, p.69.

Determinantes – Modos de expressão	
Códigos	Definição
Forma	Resposta determinada unicamente pela percepção do contorno da mancha
F+	Resposta de forma adequada ou bem vista (critério estatístico).
F-	Resposta de forma inadequada ou mal vista (critério estatístico).
F±	Resposta de forma imprecisa ou indeterminada, correspondente a respostas cujo contorno do conteúdo, em si, é indeterminado ou vago, não permitindo uma avaliação (como por exemplo: ilhas, rochedos, nuvens, manchas, etc.) ou o sujeito é incapaz ou não sinta a necessidade de precisar a resposta, ou seja, a analogia entre o conteúdo e a mancha não é aprofundada (como por exemplo: “um animal, mas eu não sei realmente qual” ou “um tipo de animal”). Obs.: O F± jamais deve ser o reflexo de uma indecisão do examinador mas sim corresponde a uma falha de decisão do sujeito.
Cinestésias	Respostas onde atribui-se um movimento ressentido a uma forma.
K+⁴⁴	Resposta “cinestésica” de forma humana inteira bem vista: cota-se K+ toda vez que uma forma humana inteira de boa qualidade é dotada de vida e/ou em movimento.
K-	Resposta “cinestésica” de forma humana inteira mal vista.
kan+	Resposta “cinestésica” de forma animal bem vista.
kan-	Resposta “cinestésica” de forma animal mal vista.
kob+	Resposta “cinestésica” de forma de objeto bem vista.
kob-	Resposta “cinestésica” de forma de objeto mal vista.
kob	Resposta “cinestésica” de forma imprecisa, ou seja, quando o impacto da cor se sobrepõe à forma
kp+	Resposta “cinestésica” de forma de uma parte humana bem vista.
kp-	Resposta “cinestésica” de forma de uma parte humana mal vista.
Cores	Respostas com cores “cromáticas” (vermelho e pastel) simbolizadas por um C, e, com cores “acromáticas” (cinza, preto e branco) simbolizadas por um C' (o sinal ' atribuído a C indica a utilização do preto, cinzento e branco como cor de superfície).
FC+	Resposta forma-cor cromática bem vista: quando a cor cromática é integrada numa resposta onde a forma é predominante e de boa qualidade formal.

⁴⁴ “Como o aspecto formal é parte integrante da K, avalia-se sempre a qualidade desta forma” (Rausch de Trautenberg, 1998, p.258). É suficiente cotar K para assinalar que sua forma é de boa qualidade e cota-se K- se a forma é inadequada. O mesmo acontece para avaliar a qualidade formal dos determinantes compostos em que o F predomina (FC; FC'; FE e FClob). Basta cotar FC; FC'; FE ou FClob sem sinal (“+”) para precisar sua boa qualidade formal. Como pode-se observar, de acordo com a escola francesa não é comum colocar o sinal “+” para definir esta qualidade nesses determinantes. Por outro lado, para melhor visualizar a qualidade de boa forma atribuída a esses determinantes, resolveu-se acrescentar o sinal “+”, como pode ser observado no presente anexo.

Determinantes – Modos de expressão	
Códigos	Definição
FC-	Resposta forma-cor cromática mal vista: quando a cor cromática é integrada numa resposta onde a forma é predominante e de má qualidade formal.
CF	Resposta cor-forma cromática: quando o impacto da cor cromática sobrepõe a forma. Nesse caso, geralmente a forma é imprecisa.
C	Resposta cor cromática ou resposta cor cromática pura: quando somente a cor cromática é determinante da resposta.
FC'+	Resposta forma-cor acromática bem vista: quando a cor acromática é integrada numa resposta onde a forma é predominante e de boa qualidade formal.
FC'-	Resposta forma-cor acromática mal vista: quando a cor acromática é integrada numa resposta onde a forma é predominante e de má qualidade formal.
C'F	Resposta cor-forma acromática: quando o impacto da cor acromática sobrepõe a forma. Nesse caso, geralmente a forma é imprecisa.
C'	Resposta cor acromática ou resposta cor acromática pura: quando somente a cor acromática é determinante da resposta.
∅	Coloca-se uma barra (" / ") no C toda vez que o conteúdo indicar a utilização arbitrária da cor (no azul lateral do cartão X, por exemplo, "aranhas azuis")
Cn ou NC	Cor nomeada ou nomeação de cor: toda vez que a nomeação de cor substitui a interpretação da mancha : "é vermelho, amarelo...".
<i>Estompagem</i>	resposta co-determinada ou determinada pelo aspecto de sombreado, nuance, esfumado, degradê das cores ou pela impressão tátil ou pela profundidade ou pela transparência.
FE+	Resposta forma- <i>estompagem</i> bem vista: quando o <i>estompagem</i> é integrado numa resposta onde a forma é predominante e de boa qualidade formal.
FE-	Resposta forma- <i>estompagem</i> mal vista: quando o <i>estompagem</i> é integrado numa resposta onde a forma é predominante e de má qualidade formal.
EF	Resposta <i>estompagem</i> -forma: quando o impacto do <i>estompagem</i> sobrepõe a forma. Nesse caso, geralmente a forma é imprecisa.
E	Resposta <i>estompagem</i> ou resposta <i>estompagem</i> pura: quando somente o <i>estompagem</i> é determinante da resposta.
CLARO-ESCURO	(<i>Clair-obscur=Clob</i>) resposta determinada pelo efeito maciço e espalhado, uniformemente sombrio da mancha inteira ou de um grande D, efeito sustentado por um sentimento de medo, de ameaça, de angústia.
FClob+	Resposta forma claro-escuro (Clob) bem vista: quando o claro-escuro (Clob) é integrado numa resposta onde a forma é predominante e de boa qualidade formal.
FClob-	Resposta forma claro-escuro (Clob) mal vista: quando o claro-escuro (Clob) é integrado numa resposta onde a forma é predominante e de má qualidade formal.
ClobF	Resposta claro-escuro (Clob) forma: quando o impacto do claro-escuro (Clob) sobrepõe a forma. Nesse caso, geralmente a forma é imprecisa.
Clob	Resposta claro-escuro (Clob) ou resposta claro-escuro (Clob) pura: quando somente o claro-escuro (Clob) é determinante da resposta.
→	Tendência: ora para decidir entre dois determinantes numa mesma resposta indicando o aspecto complementar por uma flecha; ora por um aspecto complementar dado espontaneamente no inquirido.

Lista de conteúdos			
	Categoria	Códigos	Definição
1	Animal	A	Animal inteiro. Uma única exceção: as respostas "pele de animal" são cotadas A por convenção.
		(A)	Animal inteiro que faz parte do mundo irreal, do sobrenatural ou da lenda.
		Ad	Parte externa do corpo de A. Uma única exceção: as respostas "pele de animal" não são cotadas Ad, mas sim A por convenção.
		(Ad)	Parte do corpo de (A)
2	Humana	H	Figura humana inteira
		(H)	Figura humana inteira que faz parte do mundo irreal, do sobrenatural ou da lenda (mas não da história)
		Hd	Parte externa do corpo H.
		(Hd)	Parte do corpo de (H).
3	Anatomias	AnatosA	Parte interna óssea do corpo de A
		AnatvisA	Parte interna visceral do corpo de A
		AnatosH	Parte interna óssea do corpo de H
		AnatvisH	Parte interna visceral do corpo de H
		Radios	Incluindo também as radiografias destas partes
4	Sexual	Sex	Órgãos sexuais (masculino e feminino): Pênis e vagina.
5	Sangue	Sg	Resposta que diz respeito à própria palavra "sangue" referindo-se especificamente a este líquido.
6	Objetos	Obj.	Objetos fabricados
7	Máscara	Másc.	Resposta referente a um anteparo que se põe no rosto para encobri-lo.
8	Arte	Art	Respostas com referências artísticas (quadros, desenhos, pinturas, esculturas, estátuas)
9	Arquitetura	Arq.	Respostas relativas a construções de imóveis (edifícios e partes de edifícios, casas, paredes, colunas, pontes, túneis)
10	Símbolos ou sinais	Simb	Respostas como: brasões, cruz, figuras geométricas, letras, emblemas

(Continuação) Lista de conteúdos			
	Categoria	Códigos	Definição
11	Abstrações	Abstr	Respostas que traduzem qualidades, sentimentos, emoções, idéias, estados de alma, conceitos, como: beleza, tristeza, liberdade, alegria, primavera, guerra.
12	Plantas ou botânicas	Pl. ou Bot	Respostas referentes ao reino vegetal (plantas, arvores, flores, frutas)
13	Geografias	Geo	Respostas com referências a geografia, mapas.
14	Natureza	Nat	Respostas referentes aos astros e fenômenos naturais: sol, estrela, lua, céu, vulcão.
15	Paisagem	Pais	Respostas como: Bosques, florestas, montanhas, cascatas, grutas, buracos na paisagem.
16	Elementos	Elem	Respostas com referências aos quatro elementos da natureza: água, ar, fogo, terra
17	Fragmentos	Fragt	Respostas envolvendo conteúdos fragmentários da realidade externa, parte separada de um todo, sem unidade ou sem forma precisa, como: pedaço de madeira, galhos de árvore, tronco de madeira queimado, tecido rasgado, pedaço de pano, pau, manchas de tinta, pedras, rochedos, fumaça, neblina, nuvens, barro.
18	Ciências	Ciências	Respostas sempre raras e mal definidas: "células no microscópio". "culturas de bacilos".

Fatores adicionais da resposta-Rorschach*	
Códigos	Definição
Ban**	Resposta banal: conteúdos que aparecem 1 vez sobre 6 numa população dada para uma mesma localização.
Orig.	Resposta original: associações dadas uma vez em cem para os sujeitos normais. Segundo a qualidade dos determinantes, elas são cotadas + ou - .

*Estes fatores estão aqui citados somente a título de complementação dos códigos utilizados na nomenclatura francesa. No que se refere a resposta banal ou popular deste estudo, não era possível cotar se a resposta-Rorschach era popular ou não, pois ainda não se tinha a lista de respostas populares, já que o objetivo principal é a identificação dessas respostas para constituição de uma lista de respostas populares específica da amostra em análise.

**O código *Ban*, no presente estudo, foi substituído por *P* (resposta popular), como discutido no capítulo de fundamentação teórica.

Elementos qualitativos da resposta-Rorschach	
Códigos	Definição
Choques ou Equ. choques	Choques ou equivalentes choque: perturbações do processo associativo que atingem diferentes elementos, essencialmente os fatores temporais, a seqüência dos modos de apreensão e da qualidade dos determinantes. Os fenômenos choques os mais freqüentes são: os choques cor (cores pastel e cor vermelha) e choques Clob, também nomeados choque preto. Outras características do material podem provocar reações choque.
Persev.	perseverarão
Obs. Sim.	Observação simetria : presença de observações sobre a simetria das manchas.
Crit. Obj.	Crítica do objeto : crítica sobre as características do estímulo.
Crit. Subj.	Críticas subjetivas : crítica de si mesmo, de sua eficiência ou dificuldade em dar respostas.
Obs. cor	Observação subjetiva de prazer ou de desprazer sobre uma ou várias cores
Olha verso	Toda vez que o examinando olha o verso do cartão
Questão ao examinador	Toda vez que o examinando dirige uma questão ao examinador.
Po	Resposta posição: quando somente a posição no espaço for o determinante da resposta e não o determinante forma e/ou cor.

FONTE: Adaptado de Rausch de Traubenberg, Nina. **A prática do Rorschach**.
Tradução da 8. ed. Álvaro José Lelé, São Paulo: Vetor, 1998.

ANEXO 2

QUADRO COMPARATIVO DE LISTAS DE BANALIDADES

Cartão	Localizações	Rorschach	Lista internacional Oberholzer	Piotrowski	Loosli-Usteri	Beck	Klopfer	Lista Francesa*(1)
I	G	Morcego	Morcego, borboleta	Morcego, borboleta	Todo animal alado inseto	Morcego. Borboleta. (não pássaro)	Qualquer ser alado com o corpo no D central e as asas nos D laterais.	Pássaro, Morcego, borboleta.
	D central					Forma humana: mulher ou criança		
II	G	Dois palhaços.			Homens	Seres humanos	Animais (inteiros ou parciais) tais como cachorro, urso, touro, coelho ou rinoceronte.	Duas cabeças de animais ou dois animais
	D preto			Qualquer animal quadrúpede	Animais	Cachorros, ursos (exclusivamente)		
	D vermelho superior	Bichos.						
	D vermelho inferior					Borboleta		
	Dbl central				Abajur			
III	G preto	Dois homens	Dois seres humanos: senhoras, garçons de café, homúnculos, desenhos de homens, caricaturas, formas humanas.		Seres humanos	Um ou dois seres humanos, bonecas, estatuas, caricaturas.	Dois seres humanos curvados. Dois animais vestidos	Seres humanos.
	D preto com ou sem mediana inferior			Qualquer silhueta humana				
	D vermelho central				Borboleta	Borboleta, gravata borboleta	Borboleta, gravata borboleta.	Borboleta, gravata borboleta
IV	G		Pele de animal. (tapete de fantasia)	Pele de animal, tapete de cama em pele de animal	Pele de animal. Morcego	Pele de animal. Casaco de pele. Homem vestido com pele		
	D lateral					Bota. Pé calçado.		
V	G (nos dois sentidos ^ v)		Morcego, Borboleta, mariposa noturna.	Morcego Borboleta	Morcego. Borboleta	Morcego. Borboleta (não pássaro)	Qualquer ser alado com o corpo no D central e as asas nos D laterais.	Pássaro, morcego, borboleta.
	D lateral					Perna humana ou de animal. Cocha de galinha.		
VI	G		Pele de animal (de presa)	Pele de animal ou tapete de cama				
	G ou D inferior	Pele de animal			Pele de animal	Pele de animal. Casaco de pele. Animal num balcão de açougue	Pele de animal	Pele de animal
	D superior				Pássaro			

* : "A Lista das banalidades em uso geral para população francesa resulta de uma confrontação entre práticos e não foi verificada estatisticamente" (Rausch de Traubenberg, 1998, p.262)

(1) Quatro banalidades suplementares são discutidas na lista francesa: IV, G, *Pele de animal*; IX, D laranja: *personagens*; IX, D cinza esverdeado: *cabeça de veado*; X, amarelo central: *leões ou cachorros*. O grupo francês propõe cotá-los como tendência Ban (→Ban).

Continuação do QUADRO COMPARATIVO DE LISTAS DE BANALIDADES

Cartão	Localizações	Rorschach	Oberholzer lista internacional	Piotrowski	Loosli-Usteri	Beck	Klopfer	Lista Francesa*(1)
VII	G ou D					Personagens (geralmente femininos) sobre rocha. Bustos. Estátuas		
	D 1/3	Máscara	Cabeças de ser humano, de mulheres, de criança	Cabeças de mulheres ou de crianças	Cabeça de criança ou de mulher.	Cabeças ou faces humanas.		
	D 2/3	Máscara	Cabeça de ursos, elefantes, cabeças grotescas.		Cabeça de elefante			
VIII	D rosa lateral	Animais (urros ou cachorros)	Ursos, lobos, hienas, cães, ratos, etc.	Qualquer animal quadrúpede especificado ou não	Animais	Alguns (2) animais ou brasões.	Qualquer animal quadrúpede em movimento	Dois animais
	D ou Dbl central					Partes de esqueleto.		
	D rosa inferior				Cabeça de animal, p. ex. num balcão de açougue			
IX	D rosa	Cabeça de homem			Cabeça de homem	Cabeça de homem		Cabeça de homem
	D laranja				Palhaços	Personagens		
X	D azul lateral	Caranguejo, polvo, aranha.			Caranguejo, polvo, aranha.	Crustáceo, aranha, octópode.	Qualquer animal com muitas pernas como aranha, caranguejo ou polvo.	Caranguejo, polvo, aranha.
	D verde claro inferior	Cabeça de coelho			Cabeça de coelho	Cabeça de coelho	Qualquer cabeça de um animal com orelhas longas ou chifres, como coelho, burro ou bode.	Cabeça de coelho
	D verde escuro inferior				Lagarta, serpente, cavalo-marinho		Lagarta, verme, cavalo- marinho, cobra de jardim, escargot (lesma).	
	D cinza superior				Animais, insetos.			Dois animais.
	D laranja central	Cereja, ameixa,						

Fonte: adaptado de Rausch de Trautenberg (1998, p.196-197) e do documento⁴⁵ utilizado no ensino do Método de Rorschach da *Université René Descartes* [1999?]- Instituto de Psicologia de Paris V.

*: "A Lista das banalidades em uso geral para população francesa resulta de uma confrontação entre práticos e não foi verificada estatisticamente" (Rausch de Trautenberg, 1998, p.262)

(1) Quatro banalidades suplementares são discutidas na lista francesa: IV, G, *Pele de animal*; IX, D laranja: *personagens*; IX, D cinza esverdeado: *cabeça de veado*; X, amarelo central: *leões ou cachorros*. O grupo francês propõe cotá-los como tendência Ban (→Ban).

(2) Ursos, ratos, camundongos, roedores, castores, esquilos, ou ainda animal simplesmente. Mas não raposas, gatos, leões, tigres, cachorros, lobos.

⁴⁵ Traduzido pelo autor.

ANEXO 3

Quadros A, B, C, D, E e F

**LEVANTAMENTOS ESTATÍSTICOS DOS ANOS DE 1999, 2001 E 2000 DOS
EXAMES DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DOS CANDIDATOS INICIAIS,
REALIZADOS PELAS CLÍNICAS CREDENCIADAS PELO DETRAN/MG,
SEDIADAS NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE E NO
INTERIOR DE MINAS GERAIS**

Quadros	Levantamento estatístico dos exames de avaliação psicológica dos candidatos iniciais, realizados pelas clínicas credenciadas pelo DETRAN/MG			
	Período	Quantidade e local das clínicas credenciadas pelo DETRAN/MG		Total de exames de avaliação psicológica realizados nas clínicas credenciadas pelo DETRAN/MG
		8 clínicas sediadas no município de Belo Horizonte	88 clínicas sediadas no Interior do Estado de Minas Gerais no interior Horizonte	
		Número de candidatos	Número de candidatos	
A e B	1999	23.983	85.951	109.934
C e D	2000	35.025	113.774	148.799
E e F	2001	44.265	196.682	240.947
Total		103.273	396.407	499.680

FONTE: Dados obtidos através da Estatística Mensal dos atendimentos realizados nas Clínicas credenciadas pelo DETRAN/MG

QUADRO A

**SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA DE MINAS GERAIS
DEPARTAMENTO DE TRÂNSITO DE MINAS GERAIS
SEÇÃO DE CONTROLE DE CLÍNICAS**

**LEVANTAMENTO ESTATÍSTICO DOS EXAMES DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA
DOS CANDIDATOS INICIAIS, REALIZADOS PELAS CLINICAS CREDENCIADAS
PELO DETRAN/MG, SEDIADAS NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE**

PERÍODO: 1999

MESES	NÚMERO DE CANDIDATOS
JANEIRO	2336
FEVEREIRO	1985
MARÇO	2385
ABRIL	1784
MAIO	2218
JUNHO	2010
JULHO	2699
AGOSTO	2130
SETEMBRO	1666
OUTUBRO	1551
NOVEMBRO	1616
DEZEMBRO	1603
TOTAL	23983

FONTE: Dados obtidos através da Estatística Mensal dos atendimentos realizados nas Clínicas credenciadas pelo DETRAN/MG, sediadas no Município de Belo Horizonte.

QUADRO B

**SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA DE MINAS GERAIS
DEPARTAMENTO DE TRÂNSITO DE MINAS GERAIS
SEÇÃO DE CONTROLE DE CLÍNICAS**

**LEVANTAMENTO ESTATÍSTICO DOS EXAMES DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA
DOS CANDIDATOS INICIAIS, REALIZADOS PELAS CLÍNICAS CREDENCIADAS
PELO DETRAN/MG, SEDIADAS NO INTERIOR DE MINAS GERAIS**

PERÍODO: 1999

MESES	NÚMERO DE CANDIDATOS
JANEIRO	9106
FEVEREIRO	8023
MARÇO	10530
ABRIL	6159
MAIO	5797
JUNHO	8107
JULHO	7541
AGOSTO	6861
SETEMBRO	6260
OUTUBRO	6624
NOVEMBRO	7634
DEZEMBRO	3309
TOTAL	85951

FONTE: Dados obtidos através da Estatística Mensal dos atendimentos realizados nas Clínicas credenciadas pelo DETRAN/MG, sediadas no Interior do Estado de Minas Gerais.

QUADRO C

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA DE MINAS GERAIS
 DEPARTAMENTO DE TRÂNSITO DE MINAS GERAIS
 SEÇÃO DE CONTROLE DE CLÍNICAS

**LEVANTAMENTO ESTATÍSTICO DOS EXAMES DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA
 DOS CANDIDATOS INICIAIS, REALIZADOS PELAS CLÍNICAS CREDENCIADAS
 PELO DETRAN/MG, SEDIADAS NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE**

PERÍODO: 2000

MESES	NÚMERO DE CANDIDATOS
JANEIRO	2699
FEVEREIRO	3210
MARÇO	2921
ABRIL	3299
MAIO	2922
JUNHO	2529
JULHO	3275
AGOSTO	3287
SETEMBRO	2545
OUTUBRO	2748
NOVEMBRO	2353
DEZEMBRO	3237
TOTAL	35025

FONTE: Dados obtidos através da Estatística Mensal dos atendimentos realizados nas Clínicas credenciadas pelo DETRAN/MG, sediadas no Município de Belo Horizonte.

QUADRO D

**SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA DE MINAS GERAIS
DEPARTAMENTO DE TRÂNSITO DE MINAS GERAIS
SEÇÃO DE CONTROLE DE CLÍNICAS**

**LEVANTAMENTO ESTATÍSTICO DOS EXAMES DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA
DOS CANDIDATOS INICIAIS, REALIZADOS PELAS CLÍNICAS CREDENCIADAS
PELO DETRAN/MG, SEDIADAS NO INTERIOR DE MINAS GERAIS**

PERÍODO: 2000

MESES	NÚMERO DE CANDIDATOS
JANEIRO	9243
FEVEREIRO	9424
MARÇO	8595
ABRIL	8615
MAIO	10206
JUNHO	10014
JULHO	11346
AGOSTO	12432
SETEMBRO	8820
OUTUBRO	9490
NOVEMBRO	8234
DEZEMBRO	7355
TOTAL	113774

FONTE: Dados obtidos através da Estatística Mensal dos atendimentos realizados nas Clínicas credenciadas pelo DETRAN/MG, sediadas no Interior do Estado de Minas Gerais.

QUADRO E

**SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA DE MINAS GERAIS
DEPARTAMENTO DE TRÂNSITO DE MINAS GERAIS
SEÇÃO DE CONTROLE DE CLÍNICAS**

PERÍODO: 2001	
MESES	NÚMERO DE CANDIDATOS
JANEIRO	4202
FEVEREIRO	3453
MARÇO	3734
ABRIL	3253
MAIO	3824
JUNHO	2898
JULHO	4537
AGOSTO	4198
SETEMBRO	3496
OUTUBRO	3946
NOVEMBRO	3197
DEZEMBRO	3527
TOTAL	44265

FONTE: Dados obtidos através da Estatística Mensal dos atendimentos realizados nas Clínicas credenciadas pelo DETRAN/MG, sediadas no Município de Belo Horizonte.

QUADRO F

**SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA DE MINAS GERAIS
DEPARTAMENTO DE TRÂNSITO DE MINAS GERAIS
SEÇÃO DE CONTROLE DE CLÍNICAS**

**LEVANTAMENTO ESTATÍSTICO DOS EXAMES DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA
DOS CANDIDATOS INICIAIS, REALIZADOS PELAS CLÍNICAS CREDENCIADAS
PELO DETRAN/MG, SEDIADAS NO INTERIOR DE MINAS GERAIS**

PERÍODO: 2001

MESES	NÚMERO DE CANDIDATOS
JANEIRO	13346
FEVEREIRO	39017
MARÇO	15933
ABRIL	28941
MAIO	10990
JUNHO	10796
JULHO	15900
AGOSTO	15420
SETEMBRO	12499
OUTUBRO	12742
NOVEMBRO	11260
DEZEMBRO	9838
TOTAL	196682

FONTE: Dados obtidos através da Estatística Mensal dos atendimentos realizados nas Clínicas credenciadas pelo DETRAN/MG, sediadas no Interior do Estado de Minas Gerais.

ANEXO 4

QUESTIONÁRIO DE INFORMAÇÕES PESSOAIS

Conforme Resolução Nº 80, de 19 de novembro de 1998, ANEXO I, item 3.1

NOME: _____			
IDADE: _____	SEXO: _____	Carteira de Habilitação: _____	PROFISSÃO: _____
N.º cart. Ident.: _____	CPF: _____	Data Nasc. _____	
Motivo: () Exame Inicial () Renovação de Exame Médico () Telefone: _____			
Endereço completo: _____			

- 1) Quando você procurou atendimento médico? Motivo: _____
 () Nunca () Nos últimos 5 anos () Nos últimos 10 anos () Na última renovação da CN
 () Não sei
- 2) Você apresenta dificuldades para ouvir? () sim () não () não sei () As vezes
 Qual? _____
- 3) Você apresenta problema visual? () sim () não () não sei () As vezes
 Usa óculos? () sim () não
- 4) Você apresenta algum defeito físico? () sim () não () não sei
 Qual? _____
- 5) Você já envolveu em acidentes? () sim () não
 Qual? _____
- 6) Você já foi internado em Hospital? () sim () não
 Quando? _____ Por que? _____
- 7) Você apresenta alguma doença que necessita acompanhamento médico (como diabetes, hipertensão, insuficiência renal, hemofilia, problemas cardíacos, palpitações, cansaço fácil, problemas neurológicos, etc.)? () sim () não () não sei
 Qual? _____
 Há quanto tempo? _____
- 8) Você já teve desmaios, crises convulsivas, tonturas, sonolência diurna, insônia?
 () sim () não () não sei
 Há quanto tempo? _____ Quando foi a última vez? _____
- 9) Você já necessitou ou faz tratamento psiquiátrico? () sim () não () não sei
 Qual e quando? _____
- 10) Você já fez ou faz uso de álcool ou substâncias entorpecentes? () sim () não
 () Às vezes
 Quais? _____ Quando? _____
- 11) Você já fez ou faz uso de medicamentos? () sim () não () Às vezes
 Quais? _____ Desde quando? _____
- 12) Você apresenta alguma perturbação de sua saúde que possa trazer perigo ao trânsito?
 () sim () não () não sei
 Qual? _____

Eu, _____, declaro sob pena de responsabilidade que as informações neste documento expressam a verdade.

Fonte: adaptado pelas clínicas credenciadas do DETRAN/MG

<http://www.abdetran.com.br/inte.../1be861366907192d032566c3004cea5c?OpenDocumen>
 25/11/98

ANEXO 5

INSTRUÇÕES PARA APLICAÇÃO DO PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH NORMAS PADRONIZADAS PARA APLICAÇÃO DO MÉTODO DE RORSCHACH⁴⁶

APLICAÇÃO

INSTRUÇÕES

“Eu vou lhe mostrar alguns cartões com manchas⁴⁷. Procure dizer o que elas podem ser, com que se parecem. Você pode olhar do jeito que quiser. Eu vou marcar o tempo, mas você não precisa se preocupar com isso. Você vai falando e eu vou anotando. Quando acabar me devolva o cartão. Podemos começar?”

RECOMENDAÇÕES

1. Deverão ser evitados dados de identificação da pessoa examinada.
2. Durante a fase de aplicação, a folha de localização de respostas, não deverá ficar visível à pessoa que está sendo examinada.
3. Durante a fase de aplicação, os cartões ficarão visíveis ao (à) examinando (a), porém, com as manchas voltadas para baixo.
4. Na fase de aplicação, se após 90 segundos depois de apresentado o primeiro cartão não houver nenhuma verbalização, podem ser repetidas as instruções.
5. No caso em que o(a) examinando(a) emitir uma só resposta no cartão I, na fase de aplicação, perguntar no final: *“Vê alguma coisa mais? O que mais pode ser?”*
6. Recomenda-se a posição examinador/examinando: sentados à mesa, de tal forma que entre os dois fique o ângulo de 90 graus, no canto da mesa. Dependendo do caso, pode-se aceitar a posição frente a frente.
7. Relatar situações e procedimentos circunstanciais ocorridos na fase de aplicação.

⁴⁶ As “Normas padronizadas para aplicação do Método de Rorschach” da Sociedade Brasileira de Rorschach e Outros Métodos Projetivos - SBRo – com o propósito de padronizar nacionalmente a coleta de protocolos de Rorschach, foram discutidas e elaboradas pelos membros efetivos dessa sociedade no II *Workshop* da Sociedade Brasileira de Rorschach – SBRo – realizado nas dependências da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-SP, Universidade de São Paulo - FCLRP-USP, no dia 05 de abril de 1997. A diretoria da SBRo foi comunicada e autorizou o anexo dessas normas no presente estudo.

⁴⁷ *‘com manchas’* foi excluído desta instrução, já que o sistema de cotação francês considera “manchas” como sendo uma resposta-Rorschach dada ao *stimulus*. Portanto, se fosse mantido este substantivo na instrução, não se poderia considerá-lo como uma resposta-Rorschach, segundo a escola francesa.

Instrução adaptada pelo autor: *“Eu vou lhe mostrar alguns cartões. Procure dizer o que eles podem ser, com que se parecem. Você pode olhar do jeito que quiser. Eu vou marcar o tempo, mas você não precisa se preocupar com isso. Você vai falando e eu vou anotando. Quando acabar, devolva-me o cartão. Podemos começar?”* Entregar o cartão I e perguntar: *“O que é que isto poderia ser?”*

REGISTRO DAS VERBALIZAÇÕES

Cabe ao(à) examinador(a) fazer o registro, de forma legível e clara de:

1. Número de cada cartão;
2. Tempo de reação [latência e tempo de duração em cada cartão];
3. Código universal de posição do cartão, a ser anotado no início da resposta emitida, conforme a orientação que segue:

^ quando a resposta foi dada no cartão na posição original (normal).

∨ quando a resposta foi dada no cartão em posição invertida;

> quando a resposta foi dada no cartão em posição lateral, com base para a direita;

< quando a resposta foi dada no cartão em posição lateral, com a base para a esquerda;

@ giro total do cartão, quando, para ser dada a resposta, foi feito um giro total do cartão, seguido do registro da posição final em que foi emitida a resposta (@∨, ou @>, ou @<, ou @^); não há necessidade de usar o registro (^) base do cartão, quando a resposta for dada em posição original (normal) do cartão.

Observações:

- A primeira resposta dada na posição normal, não necessita de sinalização;
- O sinal ^ será usado somente após o sujeito já ter utilizado outras posições;
- Não há necessidade de repetir o sinal quando o sujeito fornecer mais de 1 resposta na mesma posição.

4. Fazer o contorno⁴⁸ [mapeamento] das áreas, na folha de localizações, com o número de cada resposta dada pelo(a) examinando (a);>
5. Anotar entre parênteses todas as intervenções feitas pelo(a) examinador(a), quer na fase de aplicação, quer na fase do inquérito (investigação), e, fora de parênteses transcrever integralmente o discurso do sujeito com a maior fidelidade possível, respeitando todas suas características, ou seja, abreviações, reconstruções, silêncios, pausas, erros gramaticais, etc.;
6. Relatar situações e procedimentos circunstanciais ocorridos na fase do inquérito (investigação).

⁴⁸ Depois que o(a) examinando(a) localiza a resposta no cartão, entregar-lhe a folha de localização (padronizada) e solicitar-lhe que contorne sua resposta, com um lápis, nessa folha.

INVESTIGAÇÃO⁴⁹

INSTRUÇÕES⁵⁰

“Nós terminamos a primeira parte de nossa tarefa. Para melhor entender o que lhe pareceu, eu vou lhe mostrar novamente os cartões e lhe pedir que localize para mim as suas respostas e me diga o que fez com que lhe parecesse isto aí na mancha. Quero que me diga onde viu e o que lhe deu esta idéia.”

Apresentar o primeiro cartão; repetir para o sujeito as respostas dadas por ele na aplicação, na ordem dada no protocolo.

Proceder deste mesmo modo nos demais cartões.

REGISTRO

As respostas e comentários do sujeito devem ser anotadas o mais literal possível. Assinalar as intervenções do psicólogo com uma interrogação entre parênteses - (?). No inquérito, por exemplo, a primeira interrogação entre parênteses (?) será a primeira questão em relação a resposta, a saber, a localização do que o sujeito disse que viu no cartão e a segunda interrogação diz respeito ao determinante da resposta, ou seja, o que levou o sujeito ver aquilo.

Quando a intervenção for específica, anotar de forma que se possa identificar o questionamento feito. Evitar perguntas que induzam diretamente aos determinantes. Investigar os determinantes tendo em conta a adequação da possibilidade destes com base na realidade.

LOCALIZAÇÕES - ANOTAÇÕES

1. Registrar na folha de localização as áreas indicadas pelo sujeito da maneira mais precisa possível.
2. Anotar o número da resposta.
3. Quando tiver mais de uma resposta na mesma localização, usar canetas de cores diferente.
4. Deixar clara a inclusão ou não do espaço branco na resposta.

⁴⁹ ou INQUÉRITO.

⁵⁰ Esta instrução foi modificada pela que segue: *“Nós terminamos a primeira parte de nossa tarefa. Para melhor entender o que você me disse, eu vou lhe mostrar, novamente os cartões e lhe pedir que localize para mim as suas respostas, e me diga o que tem aí na mancha que o faz pensar no que você me disse. Gostaria que me dissesse onde viu e o que lhe deu esta idéia”.*

DETERMINANTES

Colocações gerais⁵¹:

- *O que tem aí que faz com que se pareça?*
- *Explique-me um pouco mais por que lhe pareceu.*
- *Descreva-me o que está vendo.*

Responder interrogativamente os termos usados pelo sujeito para esclarecer se tem na colocação algum determinante por ele incluído.

Exemplo; - *"Borboleta alegre"*

- *"Alegre ?"*

CONTEÚDOS

Estar atento quando se tratar de conteúdos animal ou humano, ao nível de vitalidade ou integração dos mesmos.

Quando se trata de respostas "*monstro*", procurar observar se a referência pressupõe um conteúdo animal ou humano. Se não ficar claro se a parte (pé, braço, mão, etc.) é conteúdo animal ou humano, questionar: "*De quê ou de quem poderia ser essa parte?*"

Estar atento quando se tratar de partes humanas ou animais, diferenciar se a referência envolve elementos externos ou internos.

INSTRUÇÕES ADICIONAIS DO AUTOR

Acrescentou-se, de acordo com Rausch de Trautenberg (1998) e Chabert (1983), instruções atualmente utilizadas pelo sistema da escola francesa.

INQUÉRITO "DOS LIMITES"⁵²(Klopfer, 1977, p. 55-59)

Terminado o inquérito, passa-se para o inquérito chamado dos "limites", que é realizado somente em duas condições:

1. Se o(a) examinando(a) não deu a resposta popular dos "personagens" ao cartão III ; e/ou
2. se o(a) examinando(a) não deu a resposta popular de um "animal alado" ao cartão V.

⁵¹ Estas três "colocações gerais" foram modificadas, pois na maioria das vezes, elas solicitam o determinante do tipo forma (F). Deste modo, elas foram adaptadas pelos seguintes questionamentos: "*O que o leva a pensar em.....(ler a resposta)?*" ou "*O que o faz pensar em.....(ler a resposta)?*" ou ainda "*Como assim.....(ler a resposta)?*". No caso do(a) examinando(a) responder porque parece ou porque tem o formato, perguntar: "*Como assim parece com ... (ler a resposta)*" ou "*Como assim o formato de ... (ler a resposta)?*", e depois não insistir mais.

⁵² Adaptação e fundamentação teórica de Rausch de Trautenberg, 1998, p.19; Chabert, 1983, p.36-37.

Se uma dessas duas condições ocorrerem, apresenta-se novamente o cartão com ausência de resposta popular (III e/ou V) ao(à) examinando(a), acompanhado da seguinte pergunta :

- *“Você vê mais alguma coisa neste cartão?”*

Se o(a) examinando(a) responder que não vê mais nada, além do que ele já viu ou ver alguma coisa a mais, mas não emitir a resposta popular dos cartões em questão, sugere-se a resposta popular (cartão III e/ou V), perguntando-lhe:

“Aqui, não se poderia ver(verbalizar a resposta popular em questão)?” Se o(a) examinando(a) não ver o que foi sugerido, abandona-se a prova. Caso contrário, pedir a localização e o determinante da resposta.

PROVAS DAS ESCOLHAS

A prova das escolhas é a última etapa de aplicação do Psicodiagnóstico de Rorschach (Rausch de Traubenberg, 1998, p.24; Chabert, 1983, p.37-38)

Colocar os cartões sobre a mesa, da esquerda para direita, na ordem de I a X, ao mesmo tempo em que se verbaliza a instrução:

“Eu vou colocar todos os cartões sobre a mesa, e você vai olhando atentamente e depois vai escolher os dois cartões de que você mais gostou. Quais são os dois cartões de que você mais gostou?” Caso o(a) examinando(a) se recusar fazer a escolha, ou querer escolher menos ou mais cartões sugeridos na instrução, deixá-lo à vontade.

Prosseguir recolhendo os cartões escolhidos e na ordem da escolha, entregar ao(à) examinando(a) o primeiro cartão escolhido, perguntando-lhe:

“Por que você gostou mais deste cartão?” (anotar tudo o que o(a) examinando(a) verbalizar). Recolher o cartão e entregar o outro escolhido, perguntando-lhe:

“E deste, por que você gostou mais deste?” (anotar tudo o que o(a) examinando(a) verbalizar)

Colocar os dois cartões escolhidos nos mesmos lugares que estavam, em cima da mesa, e dar a seguinte instrução:

“Agora, você vai olhar novamente para todos os cartões e vai escolher os dois que você menos gostou?” Caso o(a) examinando(a) se recusar fazer a escolha, ou querer escolher menos ou mais cartões sugeridos na instrução, deixá-lo à vontade.

Recolher os cartões escolhidos e na ordem da escolha, entregar ao(à) examinando(a) o primeiro cartão escolhido, perguntando-lhe:

“Por que você gostou menos deste cartão?” (anotar tudo o que o(a) examinando(a) verbalizar). Recolher o cartão e entregar o outro escolhido, perguntando-lhe:

“E deste, por que você gostou menos deste?”. (anotar tudo o que o(a) examinando(a) verbalizar)

Terminada a aplicação, agradecer o(a) examinando(a) e marcar a data da entrevista devolutiva, se o candidato solicitar.

ANEXO 6

QUADRO COMPARATIVO DE LISTAS DE RESPOSTAS POPULARES DE ALGUNS ESTUDOS EM ADULTOS NO BRASIL

Cartão	Localizações	Augras (1967-1969)	Souto e Alencar (1978)	Guerra (1980)	Vaz (1997)	Pasian (2000)
I	G	morcego	Morcego	morcego inteiro (nos dois sentidos)	ave, borboleta, morcego	morcego
I	G	borboleta	Qualquer alado			borboleta
I	G	pássaro				
I	D central			figura humana inteira ou apenas o corpo	mulher	
II	G		Figuras humanas	figura humana inteira	duas pessoas	
II	G ou D preto lateral	duas pessoas fantasiadas			duas pessoas	
II	G				dois animais	dois animais quadrúpedes
II	D preto lateral	dois animais	Cachorros; ursos			
III	G	duas pessoas		figura humana inteira		figuras humanas
III	D preto lateral	duas pessoas	Figuras humanas	figura humana inteira	pele	
III	D vermelho central		Borboleta	borboleta inteira	borboleta	
IV	G	pele de animal	Pele ou couro de animal	couro ou pele de animal*	gigante	monstro animal
IV	G	pele fantasiada			pele	
V	G	morcego	Morcego	morcego ou borboleta inteiros	ave, borboleta, morcego	morcego
V	G	borboleta	Borboleta			borboleta
V	G	pássaro	Qualquer alado			
V	G sem as extremidades laterais			borboleta ou mariposas inteiras		
VI	G	pele de animal	Pele ou couro de animal	couro ou pele de animal*	couro de boi	pele de animal
VI	G ou D inferior					
VII	G		Nuvens			duas figuras femininas
VII	D 1/3 superior					dois rostos de figura feminina
VII	D 1/3 superior					cabeça de animal
VII	D 2/3 superiores	dois animais				
VIII	G ou em D rosa lateral ^ <ou>			dois animais**		
VIII	D rosa lateral	dois animais	Urso; qualquer animal quadrúpede		dois ursos; dois animais	dois animais quadrúpedes
IX						
X	D azul lateral	aranha	Aranha; Caranguejo	aranha, caranguejo, polvo, sirí, inteiros		aranha ou caranguejo
X	D azul lateral	caranguejo	Qualquer animal multipede			
X	D cinza superior	dois animais				
	Total	18	16♦	12♦	19♦	13

Fonte: Augras, 1967, p.53; Augras, Sigelmann e Moreira, 1969, p.xix; Souto e Alencar, 1978, p.50-51; Guerra, 1980, p.23-25; Vaz, 1997, p.51-52; Pasian, 2000, p.55.* "Com ou sem especificação quanto à espécie animal" (Guerra, 1980, p.24-25); ** "Cachorro, camundongo, carneiro, coelho, esquilo, gambá, gato, javali, leão, lebre, leopardo, lobo, onça, paca, porco, porco-espinho, preá, preguiça, quati, raposa, rato, tatu, tamandua, tigre, tumbi, xinxília. Qualquer desses animais, percebidos no D1 lateral (rosa lateral), formando ou não um conjunto com o restante da mancha. E ainda, isolados ou em cena e em qualquer um dos modos de representação". (Guerra, 1980, p.24-25). ♦ = número total aproximado de respostas populares listadas, pois não se teve acesso a documentos com as frequências de ocorrência das respostas, o que auxilia na identificação das mesmas.

APÊNDICE 1**AUTORIZAÇÃO***

EU, _____,
declaro estar disposto (a) a colaborar integralmente como VOLUNTÁRIO (a) no projeto de pesquisa intitulado "O Psicodiagnóstico de Rorschach: Padronização das normas de codificação para candidatos à Carteira Nacional de Habilitação, sob responsabilidade do(a) Sr.(a) _____ do(a) _____ da cidade de _____-MG, assim como estou ciente de que os registros relativos a esse trabalhos poderão ser utilizados como material de trabalho científico (tese) e poderão ser divulgados em congressos e publicados em revistas ou livros especializados, resguardando-se devido sigilo quanto à minha identificação.

_____ de _____ de 1999.

(Assinatura)

* Fonte: adaptado de Pasian (1998, p. 219).

APÊNDICE 2

DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS ESPECÍFICAS (P_e) E REAGRUPADAS (P_r) IDENTIFICADAS OBTIDAS NESSE ESTUDO, COM SUAS RESPECTIVAS FREQUÊNCIAS (f) E PORCENTAGENS (%) DE OCORRÊNCIA EM RELAÇÃO AO TOTAL DE 100 SUJEITOS

Cartão	Localização	n.º	Respostas populares		f	%
			P_e	P_r		
I	G	1	Morcego		32	32%
I	G	2	Borboleta		22	22%
II	G	3		<p>Dois animais quadrúpedes :</p> <p>[dois ursos (6); dois elefantes (6); dois gorilas (2); dois orangotangos (1); dois coelhos (3); dois cachorros (4); dois gatos (1); dois bodes (1); dois bichinhos (1)].</p>	18	18%
II	D preto lateral	4		<p>Dois animais quadrúpedes :</p> <p>[dois ursos (6); dois elefantes (6); dois gorilas (2); dois orangotangos (1); dois coelhos (3); dois cachorros (4); dois gatos (1); dois bodes (1); dois bichinhos (1)].</p>	25	25%
III	D preto lateral	5	Dois pessoas		41	41%
III	D preto lateral	6		<p>Dois figuras humanas:</p> <p>[duas mulheres (11); dois homens (10); um homem e uma mulher (1); duas índias (1); um casal (1); dois crioulos (1); duas figuras de gente (1); dois seres humanos (1); duas moças (1); dois bonecos Hobj (1); dois vikings (1); dois meninos (1); dois moleques (1); duas crianças (1); dois negros (1)].</p>	35	35%
III	D vermelho central	7	Borboleta		33	33%

‡: O número dentro dos parênteses na frente do substantivo indica exatamente sua frequência de ocorrência obtida neste estudo; **R = resposta

Respostas populares						
Cartão	Localização	n.º	P_e	P_r	f	%
IV	G	8		<p>Monstro animal ou humano:</p> <p>14 R de monstro animal (A): [um monstro, estranho, animal (1); um monstro, grande, tem rabo (1); o Godzilla, pesão, cauda (1); monstro... Gigante, japonês, Goldizila (1); um monstro, figura com características animais (1); monstrinho de desenho animado, com rabo grande (1); desenho japonês, monstro (1); o monstro do filme Alien (1); aqueles monstros de desenho animado (1); um monstro "animal" (foi perguntado se era monstro animal ou humano (1); um monstro de desenho animado (1); um monstro "animal" (foi perguntado se era monstro animal ou humano (1); um monstro, estilo de filme chinês, tipo Goldizila (1); monstro peludo (1)];</p> <p>3 R de monstro humano (H): [um lobisomem (1); um monstro "parece mais gente" (foi perguntado se era monstro animal ou humano (1); um monstro "humano" (foi perguntado se era monstro animal ou humano (1)].</p>	17	17%
V	G	9	Borboleta		47	47%
V	G	10	Morcego		38	38%

Respostas Populares						
Cartão	Localização	n.º	P_e	P_r	f	%
VI	G ou D inferior	11		<p>Pele ou couro de animal ou tapete</p> <p>19 R em G: [pele de animal (9); pele de urso (1); pele de boi (1); couro de animal (4); couro de boi (1); tapete de couro de boi (1); tapete de pele animal (2)];</p> <p>8 R em D inferior: [pele de animal (2); couro de animal (5); tapete de urso (1)].</p>	27	27%
VII	G	12		<p>Duas figuras humanas femininas com a "cabeça ou rosto" no D 1/3 superior</p> <p>[duas mulheres (8); duas meninas (3); uma menina no espelho (2); duas bailarinas (1); uma bailarina no espelho (1); duas dançarinas (1); duas índias (1); duas velhinhas (1); duas mocinhas (1)].</p>	19	19%
VII	D 2/3 ou D 1/3	13		<p>Duas figuras humanas no D 2/3 com a "cabeça ou rosto" no D 1/3 ou duas cabeças ou rostos de figuras humanas no D 1/3:</p> <p>10 R de duas figuras humanas em D 2/3 com a "cabeça ou rosto" no D 1/3: [duas dançarinas (2); duas pessoas (3); duas crianças (2); duas mulheres (1); duas meninas (2)];</p> <p>9 R de duas cabeças ou dois rostos de figuras humanas em D 1/3: [dois rostos de meninas (3); dois rostos (1); duas cara de meninas (2); duas cara de gente (1); duas esculturas de cabeça de mulher Art/Hd (1); duas cabeças de mulheres (1)].</p>	19	19%

Cartão	Localização	n.º	Respostas populares			
			P_e	P_r	f	%
VIII	D rosa lateral	14	Dois ursos		20	20%
VIII	D rosa lateral	15		Dois animais quadrúpedes : [dois animais (13); duas onças (10); dois tigres (7); dois bichos (6); dois ratos (6); dois cachorros (5); dois lobos (3); dois felinos (3); duas panteras (2); dois pumas (2); dois gatos(2); duas lontras (1); dois lagartos (2); dois esquilos (2); duas cutias (1); dois castores (1); duas raposas (1); dois porcos (1); dois tamanduá (1); duas antas (1); dois camaleão (1); dois bois (1)].	72	72%
IX	D laranja	16		Duas figuras humanas 10 R de duas figuras humanas H: [duas pessoas (4); dois homens (3); dois bonecos, tem mãos, cabeça, corpo (1); duas mulheres fantasiadas de feiticeira (1); alguém tocando flauta (1)]; 7 R de duas figuras humanas (H): [dois mágicos (1); dois magos (1); dois papai noel (1); dois feiticeiros (1); duas bruxas (2); dois bruxos (1)].	17	17%
X	D azul lateral	17	Aranha		23	23%
X	D cinza superior	18		Dois animais de espécies variadas: [dois animais (3); dois caranguejos (1); dois esquilos (1); duas pulgas (2); dois bichos ou bichinhos (7); dois ratos (2); dois grilos (2); dois insetos (3); dois camarões (1); duas formigas (2); dois papagaios (1); dois escorpiões (1)].	26	26%
Total		18	8	10	531	26%